UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IMPRENSA, PODER E ANTICOMUNISMO: TRAJETÓRIA JORNALÍSTICA E POLÍTICA DE JOSÉ DE CARVALHO DÉDA (SIMÃO DIAS/SE, 1946-1969)

Pricila Neves dos Santos

São Cristóvão
Sergipe- Brasil
2021

IMPRENSA, PODER E ANTICOMUNISMO: TRAJETÓRIA JORNALÍSTICA E POLÍTICA DE JOSÉ DE CARVALHO DÉDA (SIMÃO DIAS/SE, 1946-1969)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em História, na Área de concentração Cultura e Sociedade, na Linha de Pesquisa Relações Sociais de Poder.

Orientadora: Profª. Drª Célia Costa Cardoso

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Santos, Pricila Neves dos
S237i Imprensa, poder e anticomunismo : trajetória jornalística e política de José Carvalho Déda (Simão Dias/SE, 1946-1969) / Pricila Neves dos Santos ; orientadora Célia Costa Cardoso. – São Cristóvão, SE, 2021.
118 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. História. 2. Jornalismo – Aspectos políticos. 3. Imprensa - Sergipe. I. Cardoso, Célia Costa, orient. II. Título.

CDU 930(813.7)

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim de mais uma jornada em minha vida, eu não poderia deixar de agradecer a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para que a pesquisa se concretizasse. Por isso, gostaria de expressar toda a minha gratidão e meu muito obrigado a todos que ajudaram imensamente na realização deste trabalho, minha família, meus professores e amigos.

A pandemia me fez refletir sobre muitas coisas, foi e é tempos difíceis para mim não tem sido fácil, durante todo processo de construção da pesquisa passei por muitos problemas familiares, problemas financeiros e psicológicos que me desmotivaram, mas os professores foram cruciais para que eu não desistisse. Primeiro gostaria de agradecer imensamente à Drª. Célia Costa Cardoso por sempre acreditar em mim, sempre me motivando, sendo uma pessoa humilde e sempre prestativa. Quando resolvi participar da seleção de mestrado enviei o meu projeto de pesquisa para a professora Célia e ela com toda simplicidade e educação respondeu ao meu e-mail, a melhor orientadora. Estendo este agradecimento à professora Drª. Edna Maria Matos, nossa coordenadora. Obrigado professoras por não desistirem de mim.

Não poderia deixar de agradecer também, aos professores que acompanharam meu trabalho na qualificação e defesa, foram eles: o Dr. Claudefranklin Monteiro, do Departamento de História da UFS, muitíssimo obrigado pelas contribuições, sugestões e pontuações, foram importantíssimas para o aprofundamento do trabalho. Agradeço ao professor Dr. Anderson da Silva Almeida, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pelas excelentes pontuações, sugestões e contribuições, norteamentos e indícios para uma nova perspectiva de estudos. Ambos professores só tenho a agradecer, meu muito obrigado.

Minha família foi muito importante para que esse trabalho se concretizasse, em peculiar minha mãe que sempre me apoiou nos momentos de choro, de dificuldades e também de sorrisos, ela foi a minha rocha para que eu não desistisse. Neide - mãe- só queria te agradecer pela força e pelo amor incondicional, mesmo sendo analfabeta porque não teve oportunidade de estudar sabe o quanto é importante o estudo, auxiliando-me em toda a minha trajetória acadêmica, cuidado das minhas filhas para que eu pudesse estudar, mesmo com tão pouco me ajudou financeiramente. Ao meu pai – João - que sempre me incentivou a estudar e sempre se orgulhou de mim, por eu ser a sua única filha que veio a se formar, me auxiliou muito financeiramente. Obrigado pai - mãe pelo apoio e amor.

Gostaria ainda, de agradecer as minhas fortalezas, filhas Micaella e Mirella que sempre me apoiaram, com os sorrisos mais doces do mundo, toda a minha luta não teria sentido se não fosse por vocês duas, meus amores.

Agradeço à professora Edjan Alencar, coordenadora do memorial em Simão Dias, por toda confiança, amizade e empatia. Foram muitas e longas conversas na casa dela ou no próprio memorial, sempre me dando dicas e me orientando durante todo o processo da pesquisa, meus sinceros agradecimentos!

Enfim, agradeço a todos por tudo, minhas melhores intenções e desejos a vocês,
meu muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a trajetória política e profissional de José de Carvalho Déda, a partir da análise dos discursos jornalísticos do semanário A Semana de (1946-1969). Para isso, desenvolveu-se um estudo de cunho político- ideológico sobre essa imprensa, produzida na cidade sergipana de Simão Dias, como também se buscou informações nas suas memórias publicadas em formato de livros e em seus discursos políticos sistematizados e veiculados em A Semana. Para os organizadores do jornal, o comunismo era contrário aos seus princípios e daí saíram em defesa da posição da Igreja Católica contra os ditos "ateus e anticristãos". A linha política de A Semana traz traços do conservadorismo da época, ao mesmo tempo que esboça uma proposta humanista em defesa da população mais humilde. De modo que, esse emblemático jornalista, político e advogado prático (rábula), da área civil e criminal, apropriou-se de um discurso anticomunista e cristão nos embates político-partidário da época, chegando a assumir o cargo de deputado por três legislatura consecutivas na Assembleia Legislaturas estadual (1947-1950; 1951-1954; 1955-1958), e ainda, saiu em defesa da denominada "Revolução de 1964", tendo se colocado sempre em defesa do povo. Assim, a metodologia aplicada nesta pesquisa foi a de análise de discurso, no caso jornalístico, que se alinha a uma perspectiva que busca compreender o texto a partir dos campos simbólicos e sociais do sujeito emissor. A documentação principal analisada foi a do próprio periódico A Semana, de tamanho tabloide, fundado e editado por Carvalho Déda, tendo existindo na conjuntura política sergipana do final do Estado Novo, passando pelo golpe de Estado de 1964 e fechando às portas no período da ditadura civil-militar. Durante esta última fase, ocorreram mudanças na direção do jornal, bem como houve a instituição da censura e perseguições políticas no país, nesse contexto percebeu-se uma guinada mais progressista no jornal que vigorou até o seu término em 1969.

.

Palavras-chave: Sergipe, José de Carvalho Déda, Imprensa, Anticomunismo, Política, Conservadorismo.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the political and professional trajectory of José de Carvalho Déda, based on the analysis of the journalistic speeches of the weekly (Withdraw - in print) A Semana de (1946-1969). For this, (Withdraw - For this reason) a study of political and ideological nature was developed in this press, produced in the city of Simão Dias, in the state of Sergipe, as well as seeking information in its memoirs published in the form of books and in its political speeches. For the newspaper;s organizers, communism was contrary to its principles and from there they came out in defense of the Catholic Church's position against the so-called “atheists and anti- Christians”. The political line of A Semana brings traces of the conservatism of the time, while outlining a humanist proposal in defense of the most humble population. So, this emblematic journalist, politician and practical lawyer (rábula), from the civil and criminal area, appropriated an anti-communist and Christian discourse in the political-partisan clashes of the time, even assuming the position of deputy for three consecutive legislature in the State Legislative Assembly (1947-1950; 1951-1954; 1955-1958), and also came out in defense of the so-called “1964 Revolution”, having always put itself in defense of the people. Thus, the methodology applied in this research was that of discourse analysis, in the journalistic case, which is aligned with a perspective that seeks to understand the text from the symbolic and social fields of the issuing subject. The main documentation analyzed was the tabloid-sized periodical A Semana, founded and edited by Carvalho Déda. military. During this last phase, there were changes in the direction of the newspaper, as well as the institution of censorship and political persecution in the country, in that context a more progressive turn was noticed in the newspaper that was in force until its end in 1969.

Keywords: Sergipe, José de Carvalho Déda, Press, Anti-communism. Policy. Conservatism.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Capa da primeira edição do jornal *A Semana* ……...41
Imagem 2: Primeira edição do jornal, após a instauração da Ditadura civil-militar…….…..45
Imagem 3: Retorno do jornal *A Semana* – após a interrupção que durou 6 anos…….……...47
Imagem 4: Uma charges Jango e o CGT…….51
Imagem 5: José de Carvalho Déda na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe……70
Imagem 6: Deputado José de Carvalho Déda - Cabo eleitoral……....75
Imagem 7: Eleitos os Deputados Carvalho Déda e Marcos Ferreira……...78
Imagem 8: A transformação social pode ser processada pacificamente - O papel da Igreja...86
Imagem 9: A Vitória de Jânio Quadros…….……..107
Imagem 10: Jango e a Reforma de Base - Piada da Semana…….…….....112

.

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Quantificação das edições analisadas…….....……..…31
Tabela 2: Quantificação dos eixos temáticos nas matérias jornalísticas…….....……..32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Principais anos das manchetes dos jornais…….....……...54

LISTA DE SIGLAS

AIB - Ação Integralista Brasileira

ANL - Aliança Nacional Libertadora

BA - Bahia

COs - Círculos Operários

Cr$ - Cruzeiro (moeda)

CGT - Comando Geral dos Trabalhadores

EUA - Estados Unidos da América

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

IPES - Instituto de Pesquisa em Estudos Sociais

IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática

JK- Juscelino Kubitschek

LEC - Liga Eleitoral Católica

MUT - Movimento Unificador dos Trabalhadores

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PROHIS - Programa de Pós-Graduação em História

PSD - Partido Social Democrático

PDC - Partido Democrata Cristão

PR- Partido da República

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PST - Partido Social Trabalhista

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul SE - Sergipe

PTN - Partido Trabalhista Nacional

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UDN - União Democrática Nacional

UFS - Universidade Federal de Sergipe

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14

1. JOGO POLÍTICO-PARTIDÁRIO: O IDEÁRIO ANTICOMUNISTA NO SEMANÁRIO *A SEMANA* (1946- 1969).....35

1.1. Imprensa conservadora e anticomunismo. A Semana era assim!.....35

1.2. Estrutura jornalística: procedimentos metodológico de análise……..……....48

2. NACIONALISMO E RELIGIÃO NA IMPRENSA INTERIORANA SERGIPANA

2.1. Formação social e intelectual de José de Carvalho Déda……..……..56

2.2. O Sagrado no discurso político: a campanha eleitoral de 1947…….59

2.3. "O perigo é vermelho": a construção do discurso da diferença entre "bons cristãos" e "maus cristãos".....75

3. PODER E SOCIEDADE: A PROPAGANDA POLÍTICA DE JOSÉ DE CARVALHO DÈDA…….……..86

3.1. Zeca Déda: reforma agrária e anticomunismo ……..……....87

3.2. A Semana e as adversidades ao governo João Goulart: "comunismo não, reformas sim!".....97

CONSIDERAÇÕES FINAIS……...……106

REFERÊNCIAS……...…….110

A- Fontes……...……..117

B – Bibliografia.....118

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa analisa os discursos jornalísticos e políticos de José de Carvalho Déda na imprensa simão-diense em Sergipe, mais especificamente o semanário A *Semana* de (1946-1969), para desenvolver um estudo de análise do discurso de cunho político-ideológico-religioso.

A problemática que este trabalho busca investigar foi a atuação do jornalista José de Carvalho Déda, seus ideais políticos e o seu poder de influência na cidade de Simão Dias (SE), através do seu semanário *A Semana*, além das fontes secundárias que serão mencionadas mais à frente. Defende como principal hipótese a heterogeneidade do pensamento conservador sobre o anticomunismo. Ideal apresentado em diversas manchetes dos periódicos e em muitas das quais em momentos oportunos e de revelação das contradições sociais, como por exemplo, as eleições e suas propagandas políticas de cunho político-ideológico. Neste sentido, busca compreender como esse emblemático jornalista, visto como conservador, tornou-se um representante do anticomunismo nesta cidade, ideal presente no jornal de sua própria autoria.

Considera-se que o anticomunismo foi a ponte de ligação ideológica e discursiva de Carvalho Déda para continuar atuante em diversos momentos políticos. De tal modo, que nessa análise, busca analisar a trajetória jornalística e política do mesmo através da imprensa de circulação local *A Semana,* bem como por meio da análise de suas obras de memória. No entanto, a pesquisa constata que o público-leitor desse veículo de comunicação não se restringiu aos moradores de Simão Dias, tendo seus exemplares circulados em outras cidades sergipanas circunvizinhas, tais como: Lagarto, Salgado, Tobias Barreto, chegando até a cidade de Paripiranga, no Estado da Bahia. Além da análise das suas obras, tais como: Carvalho Déda vida e obra; Brefáias Burundangas do folclore sergipano; formigas de asas; Simão Dias Fragmentos de sua história e por fim, um CD com depoimentos de seus familiares e amigos.

Várias matérias deste periódico foram marcadas pela questão da Guerra criticando sempre a posição de Stálin, comandante da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Para os organizadores do jornal, o comunismo era contrário aos seus princípios e daí saiam em defesa da posição da Igreja contra os ditos “ateus e anticristãos”. Foi a partir dessa constatação que suscitou a pesquisa a entender como a imprensa simão-diense foi adepta desse anticomunismo.

Considerando todas as especificidades desse veículo impresso, esse estudo possibilita a identificação de algumas informações sobre os mesmos, tais como: aspectos gráficos,

periodicidade, comercialização e outros aspectos editoriais. E ainda a pesquisa contou com alguns comentários feitos a partir de uma conversa informal com o filho de Carvalho Déda, realizada em 15/08/2020, via online por conta da pandemia atual. Nela, Carlos Alberto de Oliveira Déda (Beto Déda)[1] O sonho de meu pai, o jornalista José de Carvalho Déda, conhecido em Simão Dias como Zeca Déda, era editar seu próprio jornal. Sua pretensão foi concretizada em 1946, quando firmou contrato com uma tipografia existente na cidade para impressão de um periódico, que denominou de *A Semana.* O primeiro número desse semanário circulou no dia 08 de setembro de 1946, sob a direção dele e de seu irmão Francino Silveira Déda.

Deste modo, o primeiro exemplar que circulou nesta cidade foi em 1946, com o tema principal, *O Nosso Aparecimento*[2]. Nele constam informações deste projeto que são um alerta aos leitores a respeito dos parcos financeiros disponíveis: como jornalista desejávamos contribuir para o engrandecimento da terra preenchendo a lacuna, mas, a despeito do nosso entusiasmo, faltava-nos o necessário pela imprensa propriamente dita. Ainda sobre esse primeiro exemplar o mesmo menciona que essa conquista só foi possível por conta do "surto do progresso" existente na cidade, tendo como co-fundador do jornal, Virgílio de Oliveira que conseguiu todo o maquinário para a elaboração do semanário, que circulou aos domingos. Os anúncios comerciais custavam" Cr. $ 2,50 por centímetro de coluna por quatro vezes de coluna, medindo 49x33.

Todavia, em 29 de junho de 1947[3], sua edição foi interrompida por encerramento de contrato de impressão, quando a tipografia foi transferida para outra cidade. Porém, mesmo sem condições para adquirir uma gráfica, Déda não deixou de continuar atuante no jornalismo, retornando com o periódico *A Semana* em 18 de julho de 1953 sob sua gerência e direção, trazendo em seu esboço diversas temáticas, em particular a política local. Foi através do maquinário conseguido no Leilão Público na cidade de Propriá em Sergipe que *A Semana* retornou. Sobre a orientação doutrinária, esse diretor afirmou:

> Volta 'A Semana' a circular com roupagem nova, isto é, tamanho maior, maior tiragem, mais completa materialmente... A orientação doutrinária é a mesma. A nossa pena estará sempre a serviço do povo simãodiense... no que diz respeito à política, podemos assegurar que jamais nos afastarmos da verdadeira ética.[4]

[1] Depoimento de Alberto Déda.
[2] DÉDA, José de Carvalho. O Nosso Aparecimento. *A Semana*, Simão Dias- SE, 08 de setembro de 1946, ano I, n. 2. p.1.
[3] Em 1947 o jornal esteve sob a direção dos diretores José de Carvalho Déda e Francino Silveira Déda e como Gerente José de Souza Alves. Foi possível observar que este último não aparece mais nas edições posteriores.
[4] Déda, José de Carvalho. O Nosso Retôrno. A Semana, Simão Dias-SE, sábados 18 de julho de 1953, ano VII, n.42, p.1.

O semanário começou a circular aos sábados, escreveu sobre diversas temáticas, principalmente no que tange a política local. Para não ficar repetitiva as manchetes e os textos do mesmo autor, Carvalho Déda criou a artimanha de usar pseudônimos, tais como:

> Assinava **Leonardo de Vinci,** na seção "Retratos Femininos"; **Carlos Eugênio**, na "Seara Sergipana"; **Marco Aurélio** em reportagens; **Pakéso**, em artigos políticos; **João Sem Terra**, na "Coluna dos Lavradores"; **Lynce,** nos "Aspectos da Cidade"; **Cazuza** e **Caduda,** em alguns artigos. Nunca assinou ou usou pseudônimo em suas xilogravuras nem na coluna "**Política em Pequenas Doses"** que escreveu, ininterruptamente, até a véspera de sua morte.[5]

Paralelamente à atividade de jornalista, Déda explorou o seu talento artístico na produção de Xilogravuras a partir de 1959. Elas somaram mais de quatrocentas, satirizavam fatos de repercussão local, estadual e municipal em uma seção sob o título "A Piada da Semana". Carvalho Déda tinha o seu irmão como braço direito, a jornalista Francino Silveira Déda. Assim o semanário circulou sem interrupção até 22 de julho de 1967, depois por motivos financeiros e de saúde de Carvalho Déda, o periódico chegou ao fim novamente. No entanto, depois de 5 meses "*A Semana"* voltou à ativa sobre a direção e gerência do seu filho Carlos Alberto Déda em 16 de dezembro de 1967. Entusiasmado com o retorno do jornal, o seu filho Alberto Déda relatou que o mesmo teve que noticiar o falecimento do seu pai, diante da mais dura perda. José de Carvalho faleceu. em 02 de setembro de 1968 de enfarte do miocárdio, aos 69 anos de idade. "Nos dias seguintes, amargurando a dor da imensa perda, preparei a edição especial de 07.09.1968, em que *A Semana* prestou homenagem póstuma ao pranteado fundador e diretor"[6].

Mediante a isso, o jornal *A Semana* serviu, predominantemente, para compreendermos o jogo político-partidário local através de suas manchetes e reportagens. Na acepção dos autores sergipanos, Rozendo Aragão e Ronaldo Linhares[7], os jornais são documentos inadequados à análise histórica, uma vez que são registros fragmentários do presente, abrange diversos contextos, e corresponde ao influxo de interesses e compromissos. Essa pesquisa caminhou no

---

[5] Depoimento do seu filho Carlos Alberto Déda, encontrado na coleção de CDs dos jornais *A Semana*.

[6] SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. *A Imprensa em Sergipe*: notas sobre o Jornal "A Cruzada". In: ENCONTRO NACIONAL DE IMPRENSA, 7, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros- nacionais-1/encontrosnacionais/7oencontro20091/A%20imprensa%20em%20Sergipe%20no tas%20sobre.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2017.

[7] SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. *A Imprensa em Sergipe*: notas sobre o Jornal "A Cruzada". In: ENCONTRO NACIONAL DE IMPRENSA, 7, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros- nacionais-1/encontrosnacionais/7oencontro20091/A%20imprensa%20em%20Sergipe%20notas%20sobre.pdf>. Acesso em: 30 de julho de 2017

sentido oposto a essas afirmações e seguiu as orientações da Escola dos *Annales*, que já na década de 1930, reconheceu as potencialidades da imprensa como fonte histórica.

A este processo de reconhecimento da diversidade de fontes históricas, se soma à renovação das temáticas, problemas e procedimentos metodológicos. Na afirmação de Marc Bloch: "A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele" (BLOCH apud LE GOFF, 2003, p. 107). Neste sentido, é pertinente salientar que as novas perspectivas historiográficas reunidas fizeram com que essa fonte fosse necessária para a pesquisa científica. Assim, as principais fontes analisadas nessa pesquisa foram as impressas; ou seja, "História dos, e por meio dos periódicos", em específico aqui o jornal *A Semana*. Com isso, Tânia Regina de Luca (2008, p.111), nos mostra que o estatuto da imprensa sofreu um deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica. Nesta ênfase, a autora ainda aborda que as renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. De acordo com Roberto Seabra[8], o catalisador dessa transformação no estudo da imprensa, não foi somente brasileira, mas mundial, com a temática da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Nesse evento, os periódicos tiveram participação decisiva e consolidaram a sua representação como "espelho da sociedade". E ainda, a imprensa tornou-se uma ferramenta de suma importância para a divulgação de interesses políticos. Nelson Werneck Sodré (1999, p. 371) responsável pelo clássico "História da Imprensa do Brasil", referência primordial para este trabalho sintetiza que: "O terceiro decênio do século foi de grande desenvolvimento da imprensa, particularmente no sentido de consolidar sempre a estrutura empresarial".

Isto nos mostra como a imprensa empresarial foi se alastrando pelo Brasil a partir da década de 1920, tendo uma função muito explícita de "informação utilitária", sendo uma imprensa burguesa como afirma Sodré, ela tinha um público muito claro, a burguesia urbana, os grandes e médios empresários. Mediante a isso, o século XX é marcado pela ascensão do comunismo no mundo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), retrospectivamente, efetivou-se com a tomada do poder pelos bolcheviques na Revolução Russa em (1917). Essa "revolução libertadora", possibilitou que muitos desejos e anseios desse grupo se concretizassem. Como destaca Motta (2000, p.5), despertou sentimentos intensos e opostos,

[8] SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: do Jornalismo Literário à Era da Internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org.) Imprensa e Poder. Brasília: Editora Universidade e Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

pois havia tanto os defensores, que a viam como uma "revolução libertadora", quanto opositores, que acreditavam que este movimento era a total destruição da sociedade.

A partir da década de 1920 essas ideias adentraram e se expandiram pelo Brasil, tendo em vista apoiadores e opositores, as lideranças fizeram com que se travassem uma "guerra ideológica" e a imprensa tem um papel importantíssimo nessa propagação. Em 1922, foi criado o Partido Comunista do Brasil (PCB), acirrando mais ainda os ânimos, bem como o poder da polícia para reprimir manifestações contrárias ao regime político. O crescimento do comunismo e suas ideias no decorrer desse século fomentou o surgimento de um movimento contrário, denominado de anticomunismo. Com a intensa repressão ao movimento comunista de 1935, organizada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). Essas ideias contrárias ao comunismo se alastraram por demais, criando um "imaginário anticomunista" como afirma Motta[9].

Essa bipolaridade entre comunismo versus anticomunismo foi crescente a partir de 1935, pois o movimento comunista também cresceu consideravelmente. Desse modo, o radicalismo político que passou a existir foi crucial para entendermos a construção do "imaginário anticomunista", como se refere Rodrigo Motta (2000, p.18). Diversos grupos sociais e políticos representaram o anticomunismo com seus projetos ideológicos e políticos distintos. Eles tinham por finalidade defender um bem comum e desvalorizar as ideias advindas dos comunistas, pois propagavam que eles combatiam os dogmas da Igreja Católica e os princípios das classes conservadoras, em prol dos seus próprios interesses.

Usando os recursos da História Política renovada para compreender as articulações existentes entre o político e o social, essa pesquisa buscou através do semanário *A Semana* analisar a "arena política local", tendo em vista a sua luta contrária ao comunismo e de críticas à Igreja Católica pela proliferação do catolicismo e privilégios alcançados frente ao Estado. Carvalho Déda iniciou sua atividade intelectual com a poesia, demonstrado mais uma vez seu talento para a criação artística, isso ocorreu antes do jornalismo, por volta de 1932, com publicações no jornal *A Luta* de Simão Dias.

A representatividade anticomunista por determinados grupos sociais e políticos pós-II Guerra Mundial foi marcada pela diversidade de orientações e comportamentos, e isso possibilitou que alguns religiosos da Igreja Católica tomassem como seus a necessidade de expandir os ideais contrários ao comunismo. Para Carla Rodeghero (2003, p. 466), a Igreja

[9] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.

Católica foi a instituição que apresentou um posicionamento de combate ao comunismo e em favor dos princípios cristãos, tentando, portanto, se afastar de tal sistema econômico e político".

Então, além da Igreja, outra instituição ligada a ela que combateu o comunismo foi a Liga Eleitoral Católica (LEC). Anterior ao Estado Novo, o anticomunismo católico se manifestava em falações sobre os perigos que poderiam acompanhar a liberdade política então instaurada. Na visão de Carla Rodeghero[10] foi, muitas vezes, canalizado através do trabalho de entidades como a (LEC)[11], os Círculos Operários (Cos) e as Frentes Agrárias transformou-se em tema para os sermões dominicais nas pequenas e grandes paróquias espalhadas pelo país. Os membros dessas organizações incentivavam multidões a irem às ruas para rezar o terço, pedindo proteção a Deus contra a ameaça do comunismo. E assim, a pregação permaneceu na memória de muitos católicos até hoje.

Luciano Bonet (1998) ressaltou que o anticomunismo é, "um fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo, explicável, além disso, à luz do momento histórico, das condições de cada um dos países". Neste sentido, o anticomunismo não trata apenas de uma questão sistemática em oposição ao comunismo, no formato pronto e estabelecido, mas funciona como um tecido nas relações de poder e é nesta perspectiva, que se apresenta nessa pesquisa.

Ainda nessa perspectiva, Luciano Bonet (1998) afirma que o anticomunismo pode ser entendido como uma oposição à ideologia e aos objetos comunistas. Mas este autor destaca que esta é uma definição genérica, devendo levar em consideração que o anticomunismo é "um fenômeno complexo, ideológico e político ao mesmo tempo, explicável, além disso, à luz do momento histórico, das condições de cada um dos países" (BONET, 1998, p.34). Além dessas considerações, o anticomunismo pode ser visto como um "conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista." (RODEGHERO, 2002, p. 464).

Nesse "tecido de relações de poder" tornou-se caro mobilizar a sociedade contra os ideais comunistas. As manchetes do jornal *A Semana* destacaram em sua pauta política o

---

[10] Ibidem, p. 466.

[11] A Liga Eleitoral Católica foi criada por D. Sebastião Leme em 1932 para orientar os católicos nos processos eleitorais, apresentando os candidatos comprometidos com o programa lecista. A constituição de 1934 incorporou as principais exigências da LEC. A discussão sobre o caráter extrapartidário da Liga e os ganhos que a Igreja Católica obteve com a sua constituição encontra-se em LIMA, Alceu Amoroso. Indicações políticas**:** da Revolução à Constituição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. p. 40.

papel da Igreja católica, como: 1 - instituição religião designada a doutrinar e disciplinar a classe trabalhadora, para obter o proveito de preponderar e perpetuar a ordem social; 2- ela também, tinha a função de influenciar na candidatura de alguns correligionários, através da corporificação dos Círculos Operários e da Liga Eleitoral Católica, assumindo o papel de orientar o voto do eleitorado católico e de preveni-lo contra os comunistas. Isto corresponde ao que afirma Carla Rodeghero (2002) sobre o anticomunismo, que pode ser visto como um conjunto de atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e seguiam por um conjunto de representações, fator que podemos chamar de imaginário anticomunista.

Em consonância com o posicionamento político-ideológico-religioso da grande imprensa em circulação Sergipe nesse contexto histórico, o semanário *A Semana* exerceu um discurso anticomunista e a favor da ordem vigente. Isso foi melhor visualizado nos momentos eleitorais, quando ocorria a vitória de Carvalho Déda para Deputado Estadual. Foi a partir desses contextos de eminência política, que se buscou problematizar a ligação dos discursos anticomunistas com a prática jornalística e política de José de Carvalho Déda, e as orientações dogmáticas advindas da Igreja Católica.

A prática jornalística de Carvalho Déda abrangeu diversos outros periódicos, tais como: O Paladino e O Cotinguiba, da cidade de Paripiranga- BA; na cidade de Aracaju (SE), o 13 de julho, Diário de Aracaju e Correio de Aracaju; e na cidade de Estância (SE), circulou os jornais Estância, Oráculo, A Luta e A Semana. Apesar de considerar todas as outras fontes importantes, principalmente os periódicos Diário de Aracaju e o Correio de Aracaju, essa pesquisa definiu como fonte principal o semanário *A Semana*, por trazer ao conhecimento o jogo político existente em Simão Dias, de 1946 a 1969.

A história é feita por "homens" que viveram em seu tempo, sendo assim José de Carvalho Déda nasceu no antigo Patrocínio de Coité, atual Paripiranga, cidade do interior da Bahia, na fronteira com Simão Dias (ex-Anápolis). Filho de José Antônio de Carvalho Déda e de Olívia Silveira Déda, na infância acompanhou a transferência dos pais para Riachão do Dantas (SE), mas depois de uma certa idade voltou a morar em Patrocínio de Coité, onde estudou com o professor Francisco de Paula Abreu, um dos mestres mais afamados da região. E ainda, não tardou a mudar-se novamente agora para Simão Dias, onde foi comerciante, tendo também iniciado a carreira de advogado provisionado, prático (rábula), sob influência do seu parente e amigo, o jurista e político Antônio Manoel de Carvalho Neto.

José de Carvalho Déda exerceu a advocacia por mais de quatro décadas, atuando com sucesso em várias Comarcas do Estado de Sergipe, conciliando tais atividades com as de político e jornalista. Foi colaborador e diretor, por alguns anos, do jornal Correio de Aracaju,

editado na capital do Estado de Sergipe. Participou, também, do programa radiofônico Problemas em Debates, levado ao ar na Rádio Liberdade, ao lado do deputado Seixas Dória. Como político foi vereador e Intendente de Simão Dias no período revolucionário de 1930, deixando o seu nome gravado na galeria dos grandes administradores do município. A postura jornalística de Carvalho Déda altera-se com a mudança partidária, pois ambos os partidos, PSD e UDN, eram considerados conservadores e mantinham semelhanças em relação às suas atuações políticas: "o primeiro, de base burguesa agrária e industrial, e o segundo, de base burguesa urbana e setores da classe média" (VACCARI, 2011, p.20). Nesse período, teve a oportunidade de participar como constituinte dos principais debates e da elaboração da Constituição Estadual, promulgada em 16 de junho de 1947. Este trabalho também possibilitou uma reflexão crucial sobre este autodidata, José de Carvalho Déda e sua prática jornalística, compreendendo em que medida e momento o mesmo escrevia no jornal *A Semana* sobre o anticomunismo. Considerando as contribuições de Gramsci (2011) que/afirma, os intelectuais devem ser vistos sempre vinculados ao grupo social que está inserido, não sendo, dessa forma, um grupo autônomo. Nesse sentido, ressalta-se que a análise de sua atividade jornalística partiu da equipe produtora do periódico *A Semana*. Por isso, o conceito de intelectual foi crucial para esta pesquisa, desde a categoria social que está sempre ligada ao grupo que faz parte, como de Sirinelli (2003), para quem o intelectual é aquele que, na sociedade, é responsável pela construção e mediação da cultura.

O recorte temporal se justifica pela busca em compreender a atuação política José de Carvalho Déda no semanário *A Semana*, que teve início a partir de 1946 quando o mesmo foi eleito pela primeira vez Deputado Estadual por Simão Dias. Nesse sentido, houve a necessidade de analisar as relações sócio-políticas da época e em especial, a atuação desde jornalista com o poder, em um momento de grandes lutas políticas. E em 1969 foi quando o jornal interrompeu de forma definitiva a sua circulação. Esses dois marcos supracitados se relacionam com todo o período de desenvolvimento da carreira política e jornalística de Déda, além do que foi possível pensar sobre as perspectivas conservadoras e anticomunistas da imprensa local. Neste aspecto, a adoção desse recorte, 1946 a 1969, perpassa significativos contextos históricos nacionais, como a deflagração e queda do Estado Novo, o início da Ditadura Civil-Militar e o lançamento do Ato Institucional Nº (AI-5), em 13 de dezembro de 1968.

Na análise interna do jornal *A Semana* foi necessário problematizar os discursos conservadores e anticomunistas, a fim de identificar os momentos oportunos, nos quais essas ideias se sobressaiam no periódico e assim, permitissem estabelecer relações com a postura

conservadora da Igreja Católica daquele momento, que correspondia ao ideal do chamado "perigo vermelho", e estava, de certa forma, ligada ao posicionamento político – com a postura política de Carvalho Déda. Tendo em vista isso, Amanda Marques dos Santos, em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Sergipe em 2019, buscou analisar essas vertentes ideológicas presentes no jornal cristão A Cruzada (1937-1970). E disse que para mapear suas rupturas e continuidades, "fez-se necessário estabelecer relações entre a postura conservadora[12] da Igreja Católica daquele momento, diante da ameaça do comunismo, e o clero progressista, que resistiu aos poderes discricionários varguista e militar". [13]

Essa pesquisa buscou, assim, problematizar de fato os discursos existentes no periódico *A Semana*, a fim de identificar e analisar momentos de rupturas ou de continuidade que envolveram o jornalista e político José de Carvalho Déda. Fez-se, ainda, necessário estabelecer relações do posicionamento político-ideológico do semanário com a postura conservadora da Igreja Católica daquele momento, diante da suposta ameaça do comunismo e do predomínio de ideias conservadoras.

Observou-se na historiografia brasileira a existência de uma gama de autores que abordam essa questão do conservadorismo no Brasil. Sendo assim, Marcos Paulo dos Reis Quadros (2015), em sua tese de doutorado defendida na (PUCRS), fala do "conservadorismo à brasileira", que surgiu como um corpo estranho (adaptado a uma realidade específica) em relação ao pensamento doutrinário clássico, como por exemplo Edmund Burke[14] , que ficou conhecido como genitor do conservadorismo político moderno. Para Quadros (2015), Burke defendeu a manutenção da ordem e dos sistemas políticos tradicionais, dando ênfase para a estabilidade que eles possuem de acordo com os hábitos sociais e o tempo cronológico (QUADROS, 2015, p.24).

Logo, levando-se em consideração que o conservadorismo, como categoria única, não existe, pois deve ser pensado em sua pluralidade, como afirma Coutinho (2014). Ele

[12] No campo da ciência política, o conservadorismo remete às "ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando como contraparte das forças inovadoras" (BONAZZI, 1998, p. 242).

[13] SANTOS, Amanda Marques dos. Igreja, poder e imprensa: O ideário anticomunista no semanário sergipano A Cruzada (1937-1970). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFS, São Cristóvão, Brasil, 2019.p.12).

[14] Marcos Paulo dos Reis (2015) apontou Edmund Burke como sendo cético em relação às filosofias políticas oriundas do racionalismo, mas não deixou de valorizar a moral das religiões tradicionais e a sua importância sócio-política. Este não é o caso dos céticos mais ``duros", como Hume e Oakeshott. (QUADROS, 2015, p.46).

possibilitou ainda, a compreensão de outras linhagens de pensamento conservador[15], como: o reacionarismo tradicionalista, com a espiritualidade ocupando um papel central, representados no Brasil por nomes como de Jackson de Figueiredo e Plínio Corrêa; - o ceticismo político, que alicerça seus pressupostos no apelo da tradição, ou seja, nos costumes sociais já testados pelo tempo e nas inclinações liberais e o neoconservadorismo. Pensando nessas questões, QUADROS (2015) afirma que:

> No entanto, fatos específicos do século XX fizeram com que os princípios do governo representativo fossem bandeiras cardeais também pelos grupos dominantes do conservadorismo hodierno. A ascensão dos regimes totalitários de esquerda e a lógica da Guerra Fria contribuiu ainda mais para aproximar grande parte dos liberais e conservadores, e tudo então levava a crer que os eventuais pontos de divergência entre ambos os grupos sucumbiriam no futuro próximo em virtude do consenso de que era preciso unir forças para combater a ameaça comunista.

Nesse sentido, o autor diz que os acontecimentos do século XX possibilitaram que diversos grupos criassem uma barreira sólida contra as rupturas que provocaram mudanças profundas na sociedade. No caso brasileiro, as instituições se legitimaram como promotora do "bem-estar" social e político, e isso se daria mediante o combate ao "perigo vermelho". Neste aspecto,

> o conservadorismo à brasileira não pode ser mecanicamente enquadrado em nenhuma das correntes formais do conservadorismo, mas incorpora elementos várias delas simultaneamente. É um pouco burkeano, porque valoriza a tradição social e os costumes. É um pouco reacionário, porque condiciona a moral à religiosidade e tem ojeriza a aspectos da "modernização". E um pouco eloliano, porque deseja um Estado forte e preza as hierarquias. É um pouco cético, porque desconfia de instituições políticas em vigor. É um pouco neocons, porque se mostra intransigente com os criminosos e com comportamentos desviantes. (QUADROS, 2015, p.113).

Foi a partir dessas reflexões que o autor supracitado foi ao encontro das ideias de Paulo Mercadante (1972), para quem o conservadorismo brasileiro pode ser visto como uma "ideologia da mediação", com características "conciliatórias", e ainda o mesmo sintetiza que, no Brasil é evidente que há certa intransigência diante de condutas consideradas desviantes.

É difícil falar em uma uniformidade de pensamento em relação ao Carvalho Déda, chefe do jornal *A Semana,* pois observou-se que no final da década de 1940, o teor do periódico é essencialmente político e voltado para propagandas políticas legitimadas pelos

[15] Por isso, o conservadorismo não existe. Existem conservadorismos, no plural, porque plurais foram as expressões da ideologia no tempo e no espaço; (COUTINHO, 2014, p. 15).

discursos em uma variedade de temas, como religião, política e anticomunismo, etc. Todavia, após a volta do periódico na década de 1950, o teor das manchetes e os conteúdos apresentados continuam conservadores e de viés anticomunista, apesar de algumas matérias conterem traços progressistas. O jornal se enquadra de fato nessa perspectiva de "ideologia da mediação", com características "conciliatórias", conforme analisou Paulo Mercadante (1972), tendo inclusive correlações com as pregações da Igreja Católica. Essa mescla de tendências conservadoras e anticomunistas durante o período analisado de 1946-69, fez o jornal oscilar entre momentos mais reformistas e outros, mais conservadores. Assim, a pesquisa visou compreender, em meio às diferentes posições político-ideológicas, a postura anticomunista adotada por este periódico, produzido em concordância com os ideais da Igreja Católica. Além disso, foi possível observar que em momentos de embates políticos, o teor dos discursos anticomunistas se sobressaia no jornal.

Com eminente tradição política, Simão Dias até a década de 1930, foi governado por grandes latifundiários. Esse período ficou conhecido pelo domínio político oligárquico, por conta da pecuária como base da economia local. Ainda assim, a cidade passou por mudanças, apesar da permanência no poder de alguns chefes locais tradicionais. Em 1932, Carvalho Déda foi nomeado Intendente deste município, pois os interventores das cidades sergipanas eram indicados pelo governo do Estado, como Augusto Maynard Gomes. O processo eleitoral direto somente foi retomado anos depois, em 1945, tendo sido eleito nessa época o prefeito Marcos Ferreira de Jesus, na cidade de Simão Dias[16], e para Deputado Estadual, Carvalho Déda, como primeiro mandato parlamentar.

Simão Dias em 1832 ainda engatinhava na categoria de povoação de Lagarto, foi somente em 1869 que conquistou sua emancipação política. A imprensa em Simão Dias surgiu com "A IDEIA", um pequeno semanário, editado em oficinas próprias, situadas no caminho do Tanque Velho, seu fundador e redator principal foi Manuel Júlio da Silva. Carvalho Déda em sua obra, Simão Dias: fragmentos de sua história (2008, p. 97), enfatizou que o jornal "A IDEIA" viveu mais de quatro anos, sem dúvida arrastando as dificuldades que hoje podemos imaginar". O único exemplar encontrado, até o momento, foi o de 19 de abril de 1882, esclarecendo apenas ser o "Ano IV n° 295 nos arquivos da Biblioteca Pública

[16] A cidade passaria a ser denominada como Anápolis, pelo Decreto Lei de nº 621. Após muitas controvérsias e reações, principalmente da imprensa, o nome de Simão Dias foi restaurado pelo Decreto Lei nº 533, de 7 de dezembro de 1944, favorecido pela determinação do Governo Federal, do então Getúlio Vargas, que aprovou o plano do IBGE, coibindo a coincidência de municípios com mesma denominação. Como existia um município goiano com o mesmo nome, e mais antigo, a Anápolis sergipana teve que modificar o nome. DOMINGUES, Marcelo Souza. Simão Dias: A transição da oligarquia ao populismo (1940 - 1964). Lagarto, 2002, p. 24.

do Estado". Depois desse número 295 de A Ideia, não foi possível verificar a publicação de nenhum outro periódico na cidade até 1912, quando surgiu “O Simão-diense”, como semanário noticioso, literário e independente, fundado por Quinto Monte Santo, em oficinas próprias, que circulava aos domingos. Segundo Carvalho Déda[17] , era um jornal combativo, “O Simão-diense”. Ele assumiu a defesa da denominação Pró-Anápolis, desencadeada pelo padre D. João de Matos, mas com o falecimento de seu fundador e diretor, o periódico desapareceu.

Depois do O Simão-diense, em 1917 surgiu o jornal A Luta como semanário noticioso e literário com oficinas próprias, que circulavam aos domingos. Seu fundador e diretor foi o jornalista Emílio Rocha. Nas palavras de Déda (2008, p.102), “despendeu o melhor das suas energias e muito patrimônio, durante mais de vinte anos, orientando com lealdade a opinião pública local”. Circulou até o ano de 1937, quando o diretor e proprietário mudou sua residência para o Rio de Janeiro.

Em 1921 circulou o semanário “O Progresso”, órgão independente, literário e noticioso, dirigido pelo jornalista Umberto Freire de Carvalho, que circulava aos domingos. Sobre ele, Déda (2008, p.103) disse que sua vida era efêmera, contudo, teve a iniciativa das homenagens prestadas à memória de Cel. Francisco Antônio de Loiola, inclusive inaugurou o retrato do antigo político num dos salões da prefeitura local.

Em 1926 surgiu “O Oráculo”, órgão independente, literário e noticioso, impresso em oficinas próprias, de propriedade de Arivaldo Prata, tendo como diretor responsável Daniel Silva, circulava aos domingos. Já no ano seguinte, surgiu “O Sergipe”, semanário noticioso, literário e político, impresso em oficinas próprias. Foi fundador e proprietário, o farmacêutico João de Deus Teixeira, maranhense de nascimento, residiu durante anos em Simão Dias, militando na política local. O mesmo tinha o viés político combativo aos seus adversários. E por fim, chegamos ao semanário *A Semana*, de 1946 até 1969.

Logo, falo um pouco de minha trajetória acadêmica, pois toda escolha parte de uma experiência, sendo assim no primeiro momento em que resolvi escolher ser professora de história foi porque uma única professora, do quinto ano do ensino fundamental, despertou em mim o interesse pelo ofício. Assim, a necessidade de escrever sobre esta temática partiu quando no 5° período da graduação, iniciamos a disciplina Estágio Supervisionado I: Sociedade, que tinha por objetivo fazer um projeto de pesquisa, no entanto, foram diversas

[17] Déda, José de Carvalho. Simão Dias: fragmentos de sua história. Aracaju: gráfica Editora J. Andrade, 2008. p. 97.

idas e vindas sem saber o que pesquisar, qual fonte usar. Foi quando fiz uma visita ao memorial de Simão Dias e deparei-me com os jornais, em especial *A Semana*. E depois, quando a professora Edjan Alencar Santana falou sobre esse periódico, eu percebi o quanto era importante esta fonte histórica. A partir daí comecei a analisá-la e percebi a existência de um discurso muito repetitivo e forte sobre o anticomunismo, isso despertou-me a curiosidade e eu procurei compreender as propagandas vinculadas e o jogo-político-partidário local. O passo seguinte foi elaborar um projeto de pesquisa, que no primeiro momento foi intitulado: O jornal A Semana: implicações decorrentes da luta anticomunista em Simão Dias –SE (1946-1948). Mas depois de muita pesquisa, eu concluir essa jornada com a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), No Centro Universitário Uniages no ano de 2017 intitulado: Entre os "mantos" da Igreja Católica e a "destruição" do comunismo: implicações decorrentes da luta anticomunista em Simão Dias de (1945- 1948), sob a orientação da professor Igor Fonseca. Com a aprovação na seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Sergipe (PROHISUFS), dei continuidade a esse tema abordando agora a trajetória política e jornalística do fundador do jornal *A Semana*, José Carvalho Déda, para comprovar como o seu pensamento político-ideológico segue uma linha que oscila entre o conservadorismo e o progressista, mas sempre com viés anticomunista.

Pensando na perspectiva de que em toda relação social existe relações de poder, logo, é pertinente afirmar que esta pesquisa se encaixa na linha de pesquisa "Relações Sociais e Poder". Para Francisco Falcon, olhar para um sem perceber a presença do outro é quase impossível (FALCON, 1997, p.97). De modo que, na pluralidade das relações sociais, o mesmo destacou também, a relação entre poder e História. Trouxe ainda, um olhar para a história política, fortemente influenciada pela terceira geração da Escola dos Annales, que inclui citar dois autores: Jacques Le Goff e Pierre Nora.

Na historiografia brasileira se discute muito essa questão, que os dois golpes de Estados de 1964 e 1937 foram legitimados pelo medo ao dito "Perigo Vermelho". Ao passo que Vargas inicialmente tentou aproximação com a União Soviética, a chamada Intentona Comunista de 1935 barrou essa possibilidade, o evento teve impacto profundo na elite do país. Foi a partir daí que foram superdimensionadas as ideias contrárias ao comunismo no Brasil. Sá Motta[18] alega que, a Intentona de 1935 deu origem a uma grande onda anticomunista, que não se resumiu

[18] SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. Departamento de História da UFMG: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Fapesp/Perspectiva, 2002 e Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 234.

apenas à repressão e à censura, mas implicou na criação de mecanismos de propaganda e contrapropaganda, visando erradicar o risco de expansão das ideias revolucionárias no Brasil, ou seja, as instituições, inspiradas na campanha contra o comunismo, enraizaram-se e tiveram impactos em eventos futuros. Ao tratar da Revolução de 1930 em Sergipe, Ibarê Dantas (2013) considera que o período de 1930 a 1935 foi marcado por algumas "tendências inovadoras"; já os anos 1935 a 1937 foram marcados por uma "reação conservadora" e o de 1937-1945 é o momento em que o "controle" está definitivamente "estabelecido".

Na década de 1960, a teia do anticomunismo fomentou a Guerra Fria, com a proliferação do discurso de rivalidade entre duas potências mundiais que saíram "ilesas" da Segunda Guerra Mundial, tendo como slogan comunismo versus capitalismo. A Ditadura civil-militar no Brasil ocorreu de 1964 até 1985 e durante vinte e um anos teve cinco presidentes militares, respectivamente, no entanto, compreenderemos tão somente o início da Ditadura no qual o Presidente escolhido foi o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Tanto o Estado Novo quanto a Ditadura civil - militar, ambas foram legitimadas pelo discurso anticomunista, além das práticas do arbítrio, com torturas e repressão aos opositores do regime político. Segundo Lucileide Cardoso (2011, p. 119), em 1964 "houve preparação de longo prazo para o golpe, fomentada principalmente nos meios civis, e que a vitória da contrarrevolução só foi possível com a participação da classe média, principal agente revolucionária".

Logicamente que o golpe foi amplamente planejado com o consentimento de diversos setores da sociedade civil brasileira, dentre eles: a Igreja Católica e a imprensa. No periódico *A Semana* foi possível evidenciar o posicionamento político de Carvalho Déda em relação à posse de João Goulart em 1961 e ao golpe civil-militar de 1964, por ter atuações políticas distintas, trabalharemos mais adiante. Neste sentido, Delgado (2004, p.22) enfatizou que, a ruptura da ordem política ocorreu a partir de uma ação conspiratória de alguns segmentos sociais e organizações, ou seja, as forças armadas conspiraram para o golpe acontecer, tal como a imprensa anticomunista em união com setores conservadores da Igreja Católica e partidos políticos, como por exemplo o PSD e a UDN. Neste sentido, Muniz Bandeira (1997) salientou que, o presidente Kennedy mostrava-se inquieto com a situação brasileira, pois o governo dos Estados Unidos já começava a estudar vários planos de emergência para intervenção no território nacional, operação essa denominada de Brother Sam, diante da possibilidade de João Goulart, como consequência da pressão econômica, se dirigir para a esquerda (BANDEIRA, 1997, p. 94).

Decerto que as relações eram intensas com os Estados Unidos, e frias com a URSS, essa era em síntese a política externa brasileira no período militar. Mas a orientação diplomática

frente aos países socialistas combinou a convicção anticomunista ao pragmatismo, num arranjo intrincado e por vezes, tenso. Não deixando de mencionar que, sob os prismas dos “mantos” da Igreja Católica, o comunismo era um inimigo irreconciliável, até porque combater os “vermelhos” representava um desafio frente à sobrevivência da religião, em particular ao catolicismo. Para um melhor entendimento dessa questão, Eric Hobsbawm (1995, p. 236) enfatizou que:

> No cenário mundial, a Igreja tinha como base política mobilizar os elementos anticomunistas, também os partidos ligados à Igreja Católica, “pois as credenciais anticomunistas e conservadoras da Igreja não ficavam atrás de ninguém, mas seus partidos “democrata-cristãos” tinham tanto uma sólida folha de serviços antifascistas quanto um programa social (não socialista)”.

A compreensão desses contextos históricos possibilitou-nos ampliar nosso olhar com relação à participação ativa da Igreja frente ao comunismo, pois, a mesma rotulou-os como "demônios" destruidores da pátria, “anticristãos” e etc. Foi assim que o periódico *A Semana* se portou frente a essas questões, até porque o próprio diretor do jornal era militante do PSD por mais anos, depois devido desentendido com membros do partido o mesmo em 1954 se coliga a UDN, ambos os partidos conservadores, que fizeram aliança com a Igreja para combater o “perigo vermelho”.

A metodologia aplicada neste trabalho é análise de discurso, sendo assim, dois autores, Fiorin (1988; 2008) e Eni Orlandi (2015), nos auxiliaram a compreender o termo língua/texto, a partir dos campos simbólico e social dos sujeitos ao se relacionar com seu exterior. O discurso analisado é um discurso religioso-político-ideológico e tal como ressalta Fiorin (1988), seu principal objetivo é exercer um “fazer persuasivo”, ou melhor, apresenta uma espécie de programa de ação, marcado por uma certeza total. A presença figurativa da representação de Deus no discurso político é frequente, uma vez que ele é colocado como principal enunciador do texto.

Dessa maneira, Orlandi (2015, p.15) salientou que na análise de discurso a linguagem não é transparente, nem se limita ao texto em si. Ou, mais que isso, ela não deve ser vista como uma mera transmissão de informação, já que é um processo de identificação do sujeito, de argumentação, bem como de subjetivação. Assim,

> o discurso se caracteriza como o lugar onde se analisa a relação da língua com a ideologia: “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos, e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição: o discurso é “ efeito de sentidos” entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 19).

Foi justamente a partir desses aspectos que Amanda Marques dos Santos (2019) trouxe essas questões sobre a imprensa católica e sua atuação de cunho ideológico. Enquanto as reflexões de Fiorin (1988) trataram da sacralização do discurso político, a da pesquisadora Amanda analisou o seu inverso, ou seja, a politização do discurso religioso. Assim, enquanto este autor afirma que "o Estado e, por conseguinte, o governo, vão adquirido um caráter sagrado" (FIORIN, 1988, p.147), percebe-se na imprensa de caráter religiosa que o discurso da Igreja vai adquirindo um caráter político. As determinações sócio ideológicas estão presentes em toda linguagem, possuindo uma relativa autonomia em relação às formações sociais, como bem destacou Fiorin (1988).

Logo é pertinente ressaltar a importância da análise do discurso para o entendimento da língua/texto, até porque as determinações sócio ideológicas estão presentes em toda a linguagem, possuindo uma autonomia em relação às formações sociais. Neste sentido, o discurso não é um fenômeno de classe, mas é marcado pela existência das classes sociais, ou seja, determinada classe, ou parcela de uma, se apropria da linguagem para transmitir sua visão de mundo (FIORIN, 1988, p.7). Diante disso, é possível afirmar que o discurso é o lugar do social, enquanto o texto é o lugar por excelência do individual (FIORIN, 1988, p.15).

Para Bourdieu (1998. p. 185-7), o campo político é pois lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos, ou melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou totalidade de profanos. Bourdieu ainda vai, além disso, afirmando que os efeitos das representações produzidas e propagadas pelas instâncias dominantes através dos meios de comunicação, no sentido de impor sua visão de mundo, serve para legitimar sua dominação. As análises do autor também estiveram na base de minhas interpretações, no momento em que a imprensa se submete a apoiar ao jogo das relações de poder vigente, que nesse caso foi representado pelo Partido Social Democrático e apoiada pela Igreja, além do ilusório informativo criado para fomentar a ação simbólica em favor da ordem estabelecida.

Todavia, é importante ressaltar que nem toda relação de poder está necessariamente imbricada na visão de mundo tão somente de uma classe dominante. Foi preciso pensar em todos os grupos sociais ao associar essa pesquisa à metodologia da análise de discurso, na perspectiva de que as "formações ideológicas", tais como "as formações discursivas", isto é: a *formação ideológica* como uma visão de mundo, ou seja, o ponto de vista de uma classe presente numa determinada formação social, e a *formação discursiva* como o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica (FIORIN, 1988, p.14).

Para tanto, as representações anticomunistas também podem adquirir uma importância ímpar no campo da política, como “ser comunista é ser anticristão”, podem ainda, esvaziar o capital simbólico do qual o exercício do poder político depende. Ela pode minar os fundamentos desse poder, precisamente porque pode destruir, ou ameaçar destruir, um recurso vital no qual os políticos devem em certa medida se apoiar, isto é, a sua reputação e bom nome, e o respeito atribuído a eles pelo público em geral. Ou melhor dizendo, destruir ou prejudicar sua reputação é destruir ou lesar sua credibilidade, e com isso enfraquecer ou frustrar sua capacidade de persuasão e influência para garantir um elo de confiança.

No caso da grande imprensa, geralmente os seus donos fazem parte de uma classe dominante com sua formação ideológica de visão de mundo diversificada. Se esses emissores exercem essa ação é porque dispõe da autoridade delegada pelos grupos ou classes dominantes, o que lhes assegura o direito de violência simbólica (Bourdieu, 1998, p. 12). Dando-nos o espaço para interpretar o periódico como objeto capaz de produzir práticas sociais envoltos por ideologias.

Por isso, pensar a imprensa como sendo um instrumento de exercício de poder, é pensar nas relações sociais e políticas de um determinado período histórico, no qual determinado indivíduo ou grupo exerce o poder sobre o outro, influenciando em seu comportamento. No sentido social, Bobbio (1998) salientou que o poder se torna mais preciso e seu espaço conceptual pode ir desde sua capacidade geral de agir, até a capacidade do homem em determinar o comportamento de outro homem.

Logo, o jornal *A Semana* tornou-se um objeto de exercício social, pois, este meio em particular desempenhou uma função importante de orientar o voto dos católicos contra os comunistas. Para tanto, de acordo com Bobbio (1998), o periódico desenvolveu uma função primordial de exercício de poder e para preencher as funções inerentes ao poder, há de se ter alguns recursos, “como riqueza, força, informação, conhecimento, prestígio, popularidade, amizade, assim como ligações íntimas com pessoas que tem alta posição social” (1998, p.937).

Além disso, a reflexão que a terceira geração dos *Annales* nos deixou, possibilitou que os impressos no Brasil fossem tidos como fonte confiável e indispensável para pesquisa histórica. Nesse sentido, se antes “pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que [...] continham registros fragmentários do presente, realizado sobre o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2006, p.112), a percepção mudou. O jornal tornou-se uma ferramenta crucial para a pesquisa histórica, considerando os interesses políticos e ideológicos, pois, é necessário que o historiador tenha um rigor metodológico, ou seja, deve-

se levar em consideração que estes sofrem interferências das classes dominantes e/ ou daqueles que os produzem.

Esta pesquisa do jornal *A Semana* desenvolveu um estudo do discurso jornalístico relacionado à questão do anticomunismo. Utilizou-se o jornal *A Semana* como fonte principal, para a partir dele identificar e analisar algumas temáticas recorrentes. Feito isso, foram identificadas e inventariadas as publicações de cunho político-religioso-ideológico presentes nesses periódicos de 1946 a 1947 e de 1953 a 1969, a partir da confecção de fichas de conteúdo. Diante dessa fonte principal, o marco temporal se delimitou ao surgimento do periódico e ao seu término, contando ainda com um vácuo de 1947 a 1952, com quase cinco anos de interrupção do jornal.

As matérias de cunho religioso estavam sempre vinculadas à questão da fé e ao comportamento dos eleitores para com os candidatos na qual a Igreja apoiava. No entanto, a partir da década de 1950 o jornal mantém suas manchetes de cunho-ideológico-político, acrescendo uma guinada mais progressista conservadora. Na Tabela abaixo de n° 1 tem-se a quantificação dos exemplares do jornal.

TABELA 1 – QUANTIFICAÇÃO DAS EDIÇÕES ANALISADAS

Ano	Número de edições	Quant. de páginas
1946	17	68
1947	25	100
1953	40	98
1954	67	208
1955	103	211
1956	119	210
1957	156	208
1958	169	200
1959	208	208
1960	222	210
1961	254	183
1964	384	210
1965	37	148
1967	33	138
1968	52	364
1969	04	24
Total	1890	2395

Fonte: Neves, Pricila

As fichas confeccionadas possibilitaram analisar as matérias de cunho político-ideológico-religioso com base nas palavras chaves encontradas no periódico. Desde o primeiro contato com o jornal, já foi possível observar um discurso muito forte com relação ao anticomunismo em suas diversas matérias. Nessas fichas de conteúdo constam informações de cada matéria selecionada, contendo título, algumas impressões gerais, um resumo sobre as informações encontradas, bem como algumas palavras chaves. Foi através desse levantamento, que foram selecionadas as palavras chaves que mais apareceram nas manchetes, sendo assim foi a partir delas que foram divididos os eixos temáticos e categorias de análise. Na tabela de n° 2 quantificamos as matérias que foram selecionadas na análise para o 1° capitulo.

TABELA 2 – QUANTIFICAÇÃO DOS EIXOS TEMÁTICOS NAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS DE CUNHO POLÍTICO–IDEOLÓGICO

Ano	Comunismo/ Anticomunismo	Progresso/ modernidade	Guerras e/ou conflitos
1946	15	20	10
1947	60	29	32
1953	30	29	12
1954	19	23	14
1955	20	19	11
1956	30	23	16
1957	23	9	10
1958	14	19	13
1959	24	7	16
1960	30	12	17
1961	16	18	10
1962	29	17	11
1963	40	24	18
1964	49	16	21
Total	369	258	221

Fonte: NEVES, Pricila.

O objetivo de quantificar as palavras que mais se sobressaiam nas manchetes, ou seja, as palavras chaves, é de fato possibilitar e identificar qual o objetivo desse meio de comunicação diante do jogo político-partidário ao qual o editor do jornal estava envolvido. Neste aspecto, considerou que as publicações desse periódico tinham de fato um teor anticomunista-progressista-conservador, e que esses discursos se sobressaiam em campanhas políticas com eminência. FIORIN (2008), ao tratar do discurso como forma de persuasão o sintetizou que, a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciado crer naquilo que se transmite.

Ao analisar os impressos *A Semana,* foi possível identificar uma iminente campanha contra os ditos "comunistas" ou opositores políticos durantes as campanhas eleitorais nas quais o próprio editor do jornal era conivente com tais discurso. Por isso, o discurso é sempre de persuasão. (FIORIN, 2008, p.75).

Por isso, que a análise do discurso possibilita compreender a linguagem do homem em seu tempo, sendo ele influenciador/ influenciado pela sua história, ou seja, o homem é homem do seu tempo com seus sentidos e significados inseridos em suas concretudes, a linguagem é sua exterioridade e historicidade. "[...] o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem" (Orlandi,1999, p.16).

Foi nesta perspectiva que este trabalho buscou analisar suas fontes jornalísticas, com a análise do discurso buscou-se conceber como a linguagem se materializa na ideologia e como esta última se materializa na língua. Neste sentido, é o processo que desloca o "mesmo" e aponta a ruptura para a criatividade. Representa o diferente, é fonte de sentido". (Orlandi,1999).

Para tanto, essa relação do discurso é uma relação de reciprocidade, ou seja, a análise do discurso busca apreender como a ideologia se materializa no discurso e vice-versa. Neste aspecto foi possível entender como José de Carvalho Déda, atravessado pela ideologia do seu tempo, do seu lugar social, lança mão da língua para significar-se.

No primeiro capítulo- Jogo-político-partidário: o ideário anticomunista no semanário *A Semana,* discutiu-se a história interna deste jornal, além das relações políticas e ideológicas que a Igreja Católica tinha com os seus aliados, para combater o comunismo em Sergipe especificamente. Neste primeiro momento foi utilizada a fonte principal, o periódico *A Semana*. E suas obras, tais como: Carvalho Déda vida e obra (2008), Formigas de Asas (2008), Brefáias Burundangas do folclore sergipano de Simão Dias Fragmentos de sua História (2008).

No segundo capítulo, busca-se discutir, através da análise de discurso como recurso metodológico, a questão da sacralização da política no jornal *A Semana*, para compreender como este combateu o comunismo, por meio da classificação de pessoas entre "bons" e "maus" cristãos. A Liga Eleitoral Católica (LEC), formada em 1932, por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, envolveu-se no jogo político-partidário nacional e local, e teve sua expressividade nesse semanário, desde a sua fundação até o início do Regime de 1964. A nossa fonte principal foi *A Semana*, mas também usamos outros jornais, como o Correio de Aracaju, no qual Carvalho Déda foi diretor entre os anos de 1955 a 1959. Além disso, recorremos às cartas e telegramas encontrados na obra: Carvalho Déda vida e obra (2008).

No terceiro capítulo, a análise partiu de refletir sobre a Coluna de Lavradores, com a utilização por esse jornalista do pseudônimo de João Sem Terra, onde o mesmo se debruçou em defender a Reforma Agrária numa ótica conservadora e do anticomunismo, alicerçada em sua maioria pela classe dominante, que serviu enquanto ideologia, de instrumento de propaganda política. Além de defender a agricultura nordestina. Está foi uma coluna muito importante, pois, apareceu em vários exemplares que vai de 1953 a 1959.

1. JOGO POLÍTICO-PARTIDÁRIO: O IDEÁRIO ANTICOMUNISTA NO SEMANÁRIO *A SEMANA*

1.1. Imprensa conservadora e anticomunista. A Semana era assim!

A análise acurada da imprensa local, dos seus discursos de cunho político-ideológico-religioso, abrangendo o período de 1946 a 1969. Destacou-se, nesse capítulo, a investigação dos periódicos *A Semana* (1946-1969.), para compreender as continuidades e rupturas na adoção de uma linha conservadora, de viés anticomunista, por Carvalho Déda. Os seus escritos apresentam-se em forma de editoriais ou matérias jornalísticas entrecruzadas com algumas de suas memórias.

Sabe-se que o discurso anticomunista foi utilizado por diversos agentes políticos e jornalistas em diversos momentos da história, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto de Guerra Fria entre a ex-URSS, comunista, e EUA, capitalista, a história política de Simão Dias moveu-se com radicalismos e embates políticos na imprensa, ressaltando como pontos críticos os períodos eleitorais que serviram para eleger, em sua maioria, correligionários da ideologia dominante. Diante disso, essa imprensa colaborou para o seu bom desempenho nas eleições municipais e estaduais. Como exemplo, podemos citar a importância da divulgação de suas idéias no jornal *A Semana*, que acabou refletindo na sua vitória eleitoral para deputado estadual, em 1947, pelo PSD e mais quatro candidaturas (1951- 1954; 1955-1958).

Um dos procedimentos metodológicos adotados para análise das fontes foi a identificação e contextualização dos conteúdos existentes nas folhas desse periódico. A equipe jornalística de *A Semana* expressou mais nos temas abordados os ideários de anticomunismo, progresso e conservadorismo, compreendidos em diversos contextos históricos. Neste aspecto, Luca (2001) sintetiza que, não se deve fazer um uso instrumental e ingênuo de qualquer periódico, afinal, ao selecionar o material que será utilizado, o pesquisador levará sempre em consideração que estes sofrem interferências dos grupos dominantes e/ou daqueles que os produziram.

Desse modo, a pesquisa buscou compreender aqui, o jogo político-partidário ao qual Carvalho Déda estava inserido, tendo uma posição dominante na direção do periódico *A*

Semana, assim se discute o papel desse jornal como difusor do anticomunismo em Simão Dias/Sergipe.

Essa cidade, de forte tradição política, foi palco de diversas lutas políticas entre coronéis no período do pós-guerra. A cidade por muito tempo foi legitimada pela tradição oligárquica, por conta da pecuária e dos diversos grupos chefiados por latifundiários. O cientista político e historiador sergipano Ibarê Dantas argumentou em suas obras uma defesa da extrapolação do período correspondente ao coronelismo além da Primeira República. Em seu livro "Coronelismo e Dominação" (2019), que fundamenta a análise exposta aqui, o autor sustenta a tese de que o elemento principal da dominação coronelista está no processo de coerção, no segundo momento seria através do prestígio e somente no último momento seria por meio do voto. Para ele, o domínio coronelista extrapola o período da Primeira República, graças às mutações ocorridas no processo de dominação, principalmente quando se trata das especificidades da realidade sergipana.

Observa-se que, realmente, o momento da coerção foi predominante entre as famílias tradicionais de Simão Dias. Observar as disputas entre famílias tradicionais, está no processo de coesão. De modo que, a preservação do sobrenome e sua imposição pela força tornou-se algo "comum" no período que transcende a Primeira República, como exemplo notório dessa conduta por quem almejava o poder local, foi a nomeação de José de Carvalho Déda para Intendente Municipal em 1932, pelo Governador Augusto Maynard Gomes, governou Sergipe de 16 de novembro de 1930 até março de 1935, foi nomeado por Juarez governador provisório de Sergipe. Além disso, algum tempo depois, houve a nomeação do seu irmão Francino Silveira Déda para prefeito de Simão Dias, em 1947[19].

Com a revolução de 1930, o domínio dos coronéis sofreu um abalo na estrutura de dominação, o governo de Getúlio Vargas impôs um novo modelo de Estado, mais centralizado e autoritário, e as relações de poder ganharam uma nova roupagem. O sistema eleitoral, até então vigente, foi abolido e os representantes políticos começaram a ser indicados pelas autoridades, formando as chamadas interventorias, em todas as instâncias de poder. Para Terezinha de Oliveira houve ruptura políticas em Sergipe, mas nos aspectos socioeconômico, as mudanças não foram tão profundas.

[19] DÉDA, José de Carvalho. Será empossado hoje, como Governador da cidade o nosso Diretor Francino Silveira Déda, A Semana, Simão Dias, 27 de abril, ano I, n.31, p. 1.

> "...Augusto Maynard aparecia inesperadamente assumindo o cargo de Governador Provisório e, mais tarde, o Interventor Federal de Sergipe. O país buscava através do movimento revolucionário abolir a República Oligárquica. A mudança política refletia transformações importantes da realidade socioeconômica do país, no momento de crise da economia cafeeira e da emergência da industrialização. Em Sergipe, embora se verificasse a mesma realidade, o setor agrário exportador continuaria predominando, somente à custa de ajustes e da convivência às vezes difícil, com fatores da nova ordem. Sem poderem apelar ao Governo Federal, a quem não haviam apoiado na eleição ou circunstancias". (OLIVA: 1991, p.147).

Nesse período, o município de Simão Dias foi governado por dois interventores: Alexandre Dutra da Silva de 1930/1932, e o segundo José de Carvalho Déda, que governou de 18 de maio de 1932 até 29 de março de 1935, quando renunciou em solidariedade a Augusto Maynard Gomes , que naquele momento perdia o governo para Eronides Ferreira de Carvalho. Nisto, para melhor o entendimento dessa questão de solidariedade na política, se faz necessário traçar aspectos importantes sobre a socialização na política. Neste sentido,

> (...) denomina-se orientação para comunidade; compreende o conjunto de noções e valores que permitem distinguir o próprio grupo dos outros grupos, identifica-se com seus símbolos mais visíveis, desenvolve o sentido de adesão e lealdade para com ele, e de solidariedade para com os demais membros. (BOBBIO, Noberto, 2007, p.1202).

Pensando nisso, Bobbio (2007) afirma que a expressão "socialização política" pode ser usada para usar um conjunto de experiências que, no decorrer da formação da identidade social do indivíduo, contribuem particularmente para plasmar a imagem de que ele tem de si mesmo em confronto com o sistema político e em relação com as instituições. Tudo isso, nos leva a concluir, que a formação política e ideológica do indivíduo, é movida por sentimentos, paixões, aptidões políticas, tudo isto é, portanto, considerado como resultado de um processo de formação e de aprendizagem social.

Levando em consideração essas questões supracitadas, foi possível observar o desejo de José de Carvalho em atuar na política, em uma matéria publicada no dia 23 de março 1947, no semanário A Semana, Carvalho Déda aborda sobre como conseguiu espaço no cenário político:

> Nunca tive vocação para o comércio; a minha forte tendência sempre foi a política. Bem ou mal, a política sempre esteve na massa do meu sangue como uma cousa hereditária. Na casa do meu patrão, durante o pouco tempo que permaneci recebendo cama, mesa e alguns cocorotes também, encontrei um ambiente algo compatível com o meu temperamento de pequeno 'observador político'. Ali juntavam-se os correligionários de 'seu' Alcino para discutir assuntos da política local e 'tosar' um pouco dos que militavam nas hostes opostas. Eu escutava com certa volúpia aquelas conversas. Uma noite então, um dos demais companheiros de 'cavaco': - Olhem êste menino! Em vez de ir dormir fica aqui escutando um bocado de coisas... vejam lá que êste diabo é sobrinho do Joviniano! (O Dr. Joviniano Carvalho, então Deputado Federal, era meu tio e padrinho). (DÉDA apud SANTOS 2020. p. 28).

Com isso, Bobbio (2017) destaca que o modo como o jovem e o adulto se manifestam em face da política, é resultado desses estágios de aprendizagem. Nesse sentido, esses estágios vão desde a infância, adolescência e passa pelo adulto, essas fases de aprendizagem política implicam na formação de identidade política global do indivíduo. Na primeira fase é possível identificar, se ela se caracteriza pela presença de forte poder emotivo de grandes identificações efetivas, desenvolvendo fortes sentimentos de apegos aos seus símbolos sociais e políticos mais elementares e visíveis, considerando-se membros de uma determinada Igreja, além de se reconhecerem ligados ao um determinado partido, ou família política. A segunda fase de aprendizagem, a orientação para o regime, e por fim, o acúmulo de toda experiência diversa, que durante os primeiros 18 anos foram se moldando a sua personalidade.

José de Carvalho Déda viveu em um ambiente social, no qual se discutia muito sobre política, e até mesmo por seu tio que foi Deputado Federal na época. Neste aspecto, Bobbio (2017) salienta que é na família que o indivíduo recebe a sua primeira de muitas e decisivas experiências que levam a uma determinada posição social, bem como é influenciado pela escola e outras instituições. Todas elas têm importância para a formação e orientação política do indivíduo.

A partir de 1935, a cidade de Simão Dias vivenciou um período de dita redemocratização[20] devido à promulgação da Constituição Estadual Sergipana que estabelecia a possibilidade de se convocar, para depois de transcorridos noventa dias, eleições municipais para prefeitos e vereadores. Foi então que Marcos Ferreira de Jesus tornou-se o primeiro prefeito de Simão Dias eleito pelo voto direto no pós-1930. Porém, esse período democrático[21] (1930-1934) teve uma duração curta, com o golpe de Estado de Getúlio Vargas, em 1937.

Com o retorno ao antigo sistema de nomeações políticas, um militar passou a governar Simão Dias, o Cel. João Pinto (1937 - 1941). Isto nos mostra também, como as velhas práticas coronelistas estão assentadas na nova mescla de mandonismo local, que transcende de fato a República Velha. Nesse sentido, Ibarê Dantas (2007) sintetizou esse fenômeno de readaptação

[20]Ocorreram muitos outros processos e transformações ao longo desse período, e tais fatos, por sua vez, condicionam a redemocratização, dialogam com ela, de certo modo, determinaram-na e formataram-na. A compreensão desses "outros" processos ajuda-nos decisivamente a entender tanto o ritmo da redemocratização quanto seus desdobramentos efetivos e seu legado para a democratização. (Chauí, Marilena, Aurélio, Marco Nogueira, 2007, p.207).

[21] A democracia deve ser vista como uma tentativa de minimização de uns indivíduos sobre os outros. É impossível minimizar tal dominação, no Brasil, sem se levar em conta o relacionamento entre o poder político e a disparidade na distribuição de renda e riqueza. (ZAVERUCHA, Jorge. 2010, p. 72)

do mandonismo local. Ele analisou com maior propriedade as mutações da política sergipana, mostrando que as interventorias precisavam de sustentação política e sendo assim, era impossível descartar as antigas lideranças locais. Em contrapartida, os coronéis desprovidos do poder de coerção tiveram que se adaptar à nova conjuntura, valendo-se de sua influência política e de sua tradição de mando. Esse foi o caso do Coronel João Pinto de Mendonça, prefeito de Simão Dias, mais subserviente aos poderosos do momento, segundo Ibarê Dantas.

> Os interventores sem propósitos revolucionários de transformar a ordem rural, ou mesmo, sem suporte político-social para realizar reforma agrária, não encontravam alternativa senão comporem-se com os coronéis. Estes por sua vez, necessitados de obterem o reconhecimento de sua influência para continuarem imperando sem dificuldades tenderam a aproximar-se dos governantes do dia, com métodos adequados à conjuntura. (DANTAS: 1987, p.27 e 28).

A historiadora Maria de Lourdes Janotti discute o coronelismo a partir da ótica da política dos governadores, implantada por Campos Sales, que estabeleceu, na prática política, a condição de subserviência no plano da macropolítica. Para ela, "Os governadores garantiriam a eleição para o Congresso Nacional de representantes dóceis ao Presidente da República". Por sua vez, a Presidência não interferiria nas eleições estaduais". Além disso,

> (...) os governadores escolhiam candidatos de sua confiança para comporem as Assembléias (sic) estaduais, garantindo a maioria situacionista. Para a realização desses acordos, o município sufragar nas urnas os candidatos escolhidos pela oligarquia. Por essa razão, tornou-se ele, necessariamente, o centro das maiores manipulações do sistema. Com o poder municipal era fraquíssimo e quase nada poderia oferecer ou pesar nessa barganha, os coronéis revestiam-se da autoridade municipal. Eles comandavam o eleitorado de cabresto e, portanto, eram os lídimos integrantes do pacto. Conseguiriam os votos e, em troca reconheciam-lhes a autoridade política. (JANOTTI: 1992, p.37).

Esses laços, durante a presença coronelística, foram criados de inúmeras maneiras, mesmo porque, o coronelismo passou por transformações ou "mutações". Ibarê Dantas (1987) sustenta a tese de que esse fenômeno de dominação local, está em constante transformação e adaptação, o que não limita a sua temporalidade somente ao período da Primeira República. Na Primeira República, em meio ao calor do novo regime, o coronelismo torna-se o elo principal da estrutura de dominação das oligarquias nacionais, estaduais e locais. Contrariando então a retórica positivista "Ordem e Progresso".

Essas relações coronelísticas, ainda de traços fortes no interior sergipano no pós-guerra, bem como a ideia de progresso atrelado a uma proposta de desenvolvimento econômico e de retorno à democracia, contextualizam a cidade de Simão Dias em 08 de setembro de 1946, quando foi fundado o jornal impresso *A Semana*. Uma iniciativa que colaborou com a

circulação de notícias também nas cidades circunvizinhas (Lagarto, Salgado, Tobias Barreto) e em Paripiranga-Ba. “O surto do progresso, que por iniciativa dos poderes públicos quer por iniciativa particular, que vem desfrutando o nosso município, a exigir a circulação de jornal...”.

José Carvalho Déda deixou claro que os responsáveis pela publicação deste jornal foram pessoas conhecidas em Sergipe e no estado da Bahia, ou seja, ele próprio e seu irmão, Francino Silveira Déda. “Como jornalista desejávamos contribuir para o engrandecimento da terra preenchendo a lacuna, mas, a despeito do nosso entusiasmo pela Imprensa, faltava-nos o necessário, isto é, a Imprensa propriamente dita”. *(A Semana* – 08 de setembro de 1946).

A SEMANA

ORGÃO LITERARIO, INDEPENDENTE E NOTICIOSO

CIRCULAÇÃO AOS DOMINGOS

Francino Silveira Déda

José de Carvalho Déda

Redação – RUA DE. JOVINIANO CARVALHO N. 2

Simão Dias, 8 de Setembro de 1946

Numero

“A SEMANA” Em Lagarto

O NOSSO APARECIMENTO

7 de Setembro

A «SEMANA» EM PARIPIRANGA

Figura 1
Capa da primeira edição do jornal *A Semana* – 08 de setembro de 1946.
Arquivo: memorial de Simão Dias, arquivos em CD.

O que se percebe a partir da visão de Carvalho Déda é que Simão Dias estava passando por um processo de progresso iminente. Ele se apropriou do conceito progresso para citar a fábrica de calçados Sidon como símbolo de desenvolvimento econômico, uma vez que a base da economia da região era a pecuária. A partir desse discurso jornalístico, pode-se diagnosticar que, nessa primeira fase do periódico, Carvalho Déda se desenhava com um perfil político-ideológico mais progressista, idealizador e empreendedor. Ou seja, para ele, aquela pequena fábrica, de bases artesanais, começava a romper com o velho sistema econômico da pecuária e trazia benefícios sociais, com o aumento dos empregos urbanos.

Foi nesse contexto que surgiu *A Semana*, logo no seu primeiro número com a apresentação da equipe jornalística e de seu estatuto em forma de editorial - *O Nosso Aparecimento*, publicado no dia 8 de setembro de 1946. Esse exemplar foi composto por quatro folhas, sendo a capa reservada à direção do jornal e falava dos dois nomes que se apresentavam no cabeçalho desta folha. Eles eram pessoas conhecidas nos estados de Sergipe e da Bahia, no qual o periódico tinha pequena circulação. E assim, esse número resumo quem são os seus principais dirigentes: "(...) são dois irmãos modestos e honrados parte integrantes da tradicional família anapolitana, dignos chefes de família...a evolução dos tempos, a ordem e ao progresso...pela demonstração de patriotismo de desprendimento, de cooperação que todos devem dar".

No próximo item, retomaremos os objetivos dessa pesquisa que trata da trajetória política e jornalística de José de Carvalho Déda a partir do seu ideário anticomunista. Sendo assim, partiremos de entender a sua postura desde a nomeação para Intendente municipal de Simão Dias, centrando em contextos históricos relevantes, tais como: golpe de 1937 e a instauração do Estado Novo e o início da Ditadura-civil militar no Brasil.

O periódico *A Semana,* de linha política conservadora e anticomunista, costumava exibir desde a sua fundação, em 1946, manchetes apoiadoras do governo de Getúlio Vargas, tanto na fase autoritária como na democrática. Na Edição[22] no ano de 1946, Carvalho Déda expressa seu apoio ao Presidente Vargas, com relação a sua dita bravura contra os nazistas, "o Dr. Getúlio Vargas elevando o bem alto sentimento de nacionalista, declarou guerra as potências do "eixo"

[22] Déda, José de Carvalho. Enviado ao Congresso o projeto de lei que visa a desapropriação das terras por interesse social. A Semana, Simão Dias- SE, 1 de agosto, ano VII, n.44, p.1.

e criou uma brava "força" expedicionária que nos richões (sic) da terra de Dante, lutou heroicamente, por causa justa e imortal".[23]

Por mais que os seus exemplares não circulassem durante o Estado Novo, Carvalho Déda vivenciou essa época, demonstrando sempre o seu "apreço" por Getúlio Vargas[24]. Já em relação ao período da Ditadura-civil-militar, instaurada em 01 de abril de 1964, dia esse em que o periódico não circulou porque a sua distribuição acontecia aos sábados, a resposta veio quatro dias depois em forma de editorial – "Política... em pequenas doses", e de matérias na primeira página, constando Carvalho Déda como diretor responsável e como assinante de algumas matérias. Em todos os quadros que tratam da política nacional, destacou-se a principal manchete – "Deposto o Presidente João Goulart", com duras críticas ao governo deposto, contra o comunismo e em defesa da "revolução visando repor a ordem democrática no país". E nessa mesma capa, na matéria assinada pelo próprio Déda, intitulada: "Careta de verdade", ele fez uma associação entre o medo das crianças no carnaval das "caretas" e o medo do Presidente fujão dos militares que tomaram o poder.

No entanto, a postura do periódico com relação à ditadura foi clara e anticomunista. A metáfora utilizada por Déda para relacionar o acontecimento de 13 de março de 1964 por João Goulart sobre as "reformas de base" Reforma Agrária e a instauração da Ditadura em 01 de abril de 1964 intitulada a manchetes, CARETA É DIVERDADE (sic).

> Volto agora aos últimos acontecimentos políticos dos últimos dias brasileiros. Sempre duvidei do comunismo. Ao contrário, a sua pinta sempre foi de latifundiário. Mas, demagogo e especulador do populismo eleitoreiro, fez caretas de comunista. Deu-lhe na cabeça fazer o comício na Supra no 13 de março, com espetacular dispositivo de segurança. Fez caretas. Mas, na quarta feira, quando viu os palácios da Laranjeiras cercados de tanques e o C.G.T determinando a greve geral, ao tempo que ouvia as proclamações dos generais, aí o Presidente fez o "Tutuzinho": correu abrindo a boca no mundo: É careta de verdade!... [25].

Nesse sentido, o posicionamento político do periódico em relação ao golpe civil- militar de 1964 foi claramente em defesa de suas propostas e do ideário anticomunista. No trecho citado

---

[23] Déda, José de Carvalho. Desapareceram os traidores. A Semana, Simão Dias-SE, 27 de outubro de 1946, ano I, n. 8, p.3.

[24] O conservadorismo à brasileira não pode ser mecanicamente enquadrado em nenhuma das correntes formais do conservadorismo, mas incorpora elementos de várias delas simultaneamente. É um pouco burkeano, porque valoriza a tradição social e os costumes. É um pouco reacionário, porque condiciona a moral à religiosidade e tem ojeriza a aspectos da "modernização". É um pouco evoliano, porque deseja um Estado forte e preza as hierarquias. É um pouco cético, porque desconfia de instituições políticas em vigor. É um pouco *neocons*, porque se mostra intransigente com os criminosos e com comportamentos desviantes. (QUADROS, 2015, p.113)

[25] DÈDA, José de Carvalho. Deposto o Presidente João Goulart. A Semana, Simão Dias- SE, 04 de abril, ano XVII, n. 600. p.4

acima, Déda adjetivou Goulart (Jango) com os termos “demagogo” e “populista eleitoreiro”, além de atestar que o Comício da Central do Brasil - RJ, em 13 de março de 1964, onde Jango anunciou as tais Reforma da Base (agrária, jurídica, educacional, etc.), estava associado ao comunismo. Esse comício foi denominado por ele, de “Comício da Supra", responsável pelo agravamento da crise política nacional. Nessa manifestação política participou o governador de Sergipe João Seixas Dória, estando no mesmo palanque com Jango: “... foi informado .... diferente...” “vai imitar em Sergipe”[26] “O governador Seixas Dória de Sergipe, um dos oradores no comício da central do Brasil, apoiou as reformas de bases preconizadas pelo presidente João Goulart, principalmente a agrária”.

Em decorrência desse evento ocorreram diversas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, organizadas por senhoras católicas e conservadoras, em diversas capitais do país, inclusive em Aracaju. Carvalho Déda representou Jango no Comício como um “careta” comunista, agindo como oportunista por estar cercado de trabalhadores combativos e organizados na CGT – Comando Geral dos trabalhadores. Embora, na verdade, ele fosse um “latifundiário”, que se revelou em abril de 1964 quando fugiu como um animalzinho (“tatuzinho”) dos militares que assumiram o poder, vistos como “caretas de verdade”.

No editorial, política... em pequenas doses, *A Semana* deixou explícito a linha política-ideológica que adotaria após o golpe de Estado de 1964, denominado pela equipe jornalista, de “Revolução” vitoriosa: “E agora? A nova ordem política estabelecida no país não tolera mais a demagogia barata que vinham solapando as nossas tradições democráticas”. Os principais personagens dessa ação também são identificados e citados como chefes civis e governadores de estados poderosos: Ademar de Barros (SP), Magalhães Pinto (MG), Carlos Lacerda (Guanabara) e Hildo Meneghetti (RS); e entre as lideranças militares destacaram-se os Generais Mourão Filho, Amaury Kruel e Justino Alves. Observa-se ao analisar a matéria, que os civis ocuparam um espaço de destaque, que não corresponde ao fato em si, onde o protagonismo do golpe foi militar.

[26] Déda, José de Carvalho. Supra...terra para o povo. O espantoso comício da supra - Luxo de Segurança pessoal do presidente - Desapropriação de terras e encampação de refinarias- oradores fogosos- Revolução com endereço certo- outras notícias. A Semana, Simão Dias-SE, 21 de março de 1964, ano VII, n. 598, p. 1.

DEPOSTO O PRESIDENTE GOULART

Vitoriosa a Revolução — Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Ademar de Barros e Hildo Menegetti no Alto Comando Civil — No Alto Comando Militar os Generais Mourão Filho, Amaury Kruel, e Justino Alves — Jango Fugiu — Congresso Declarou Vago o Cargo — Raniere Mazille na Presidencia -- Governos em Maus Lençois

Gov. Ademar de Barros

Gov. Magalhães Pinto

Gov. Carlos Lacerda

Ano XVII — Sábado, 4 de Abril de 1964 — N 600

A Semana

DIRETOR RESPONSAVEL — CARVALHO DEDA — SIMÃO DIAS SERGIPE

CARETA DE VERDADE

Carvalho Deda

MESMO JOGANDO MAL, O CRUZEIRO VENCEU QUADRO DE ITABAIANA

VANDALISMO EM CURRAL DOS BOIS

Política... em Pequenas Doses

Não Torre no Cobre

Figura 2
Primeira edição do jornal *A Semana*, após a instauração da Ditadura-civil-militar, em 04 de setembro de 1964.
Arquivo: memorial de Simão Dias, arquivos em CD.

Desse modo, *A Semana*, de posicionamento conservador, tinha como principal objetivo propagar à sociedade simão-diense uma "boa imprensa" atrelada a uma moral cristã, fator recorrente em algumas matérias. Essa ferramenta foi importante em momentos de campanhas políticas, além de aproximar mais os fiéis católicos dos dogmas da Igreja.

Para tanto, o periódico analisado foi dividido em quatros fases: 1ª)1946 a 1947; 2ª)1953 a 1960; 3ª)1961 a 1964; 4ª)1965 a 1969. Nessas fases, definidas, o jornal teve alguns intervalos de não circulação, por motivos de problemas de impressão ou de maquinário com defeito. Essas

ausências foram comentadas, em depoimento impresso, por seu filho: Carlos Alberto Oliveira Déda.

> Sem condições imediatas para adquirir uma gráfica, ele teve que suportar a interrupção do jornal, mas não deixou de escrever em outros periódicos e de cultivar o sonho de dar continuidade ao semanário. Já no início dos anos cinquenta, andou em busca de alguma tipografia usada, anunciando esse seu interesse entre amigos. Em carta de 05.11.1951, seu parente, Dr. Carvalho Neto, respondia do Rio de Janeiro seu pedido de informação. (Alberto, depoimento encontrado na coleção cds).

Fazendo uma retrospectiva temporal, na primeira fase (1946-1947), o jornal circulou apenas por dois anos, interrompendo a sua publicação por seis anos, devido aos problemas financeiros e à falta de estrutura física. Quando retornou, em 1953, Carvalho Déda lançou o editorial – O nosso retorno, na primeira página, iniciando o texto com uma menção à apologia feita pelo jurista baiano Rui Barbosa aos meios de comunicação: 'A Imprensa é a vista da nação'. O que Déda, ao lembrar dessa ideia, queria passar aos leitores de *A Semana*? Podemos inferir que o mesmo almejava que esse periódico fosse a vista do município de Simão Dias. E o retorno do periódico se deu com outra roupagem, "tamanho maior, maior tiragem", mas, ao mesmo tempo, frisou que a sua orientação doutrinária continuaria a mesma. E para ficar mais claro disse:[27]

> Houve o hiato que não desejávamos, porque queríamos vida longa e perene. Nunca, porém, apagou o nosso espírito à vontade de prosseguirmos na arena. Como jornalista, queremos contribuir para o engrandecimento da terra preenchendo a lacuna, dando, não somente o aparelho visual que faltava estê órgão coletivo, mas, também, o aparelho respiradouro desta coletividade. Sim, porque sobretudo é mediante a publicidade que os povos respiram.

[27] DÉDA, José de Carvalho. A Imprensa é vista da Nação - é mediante a publicidade que os povos respiram- um jornal do povo a serviço do povo. A Semana, Simão Dias- SE, 18 de julho de 1953, n. 42. p.1.

A IMPRENSA É A VISTA DA NAÇÃO

É MEDIANTE A PUBLICIDADE QUE OS POVOS RESPIRAM. —

— UM JORNAL DO POVO A SERVIÇO DO POVO.

O NOSSO RETÔRNO

A SEMANA

PERIÓDICO NOTICIOSO E LITERÁRIO — PUBLICAÇÃO AOS SÁBADOS

DIRETOR RESPONSÁVEL: CARVALHO DIEDA SIMÃO DIAS — SERGIPE

Ano VII — Sábado, 18 de Julho de 1953 — N. 42

A Batalha do Orçamento

O COMÊÇO DO FIM

A Reforma Agrária

16 DE JULHO

Dia da Constituição

Figura 3
Retorno do jornal *A Semana* – após a interrupção que durou 6 anos, de 1947 a 1953. Arquivo: Memorial de Simão Dias, arquivos em CD.

No cabeçalho dessa folha, o editor e diretor fez questão de colocar a frase: "Um jornal do povo a serviço do povo", dando a entender que o jornal era escrito para todas as classes sociais reunidas no ideário da categoria povo, unificado em torno de interesses comuns. Referente a política, fala de sua militância partidária e do compromisso com o seu povo:

> Continuará sendo um manancial de informações, diremos como Simão Dias vive e como quer viver, defenderemos alto e bom som os interesses do nosso povo. A nossa pena estará sempre a serviço do povo simaodiense, que exige a verdade e respeito de linguagem, por isso mesmo estará particularmente em serviço de nossa própria dignidade, que é baseada na verdade e no decôro. [28]

[28] Idem.

A partir de 1953, *A Semana* circulou sem interrupções até 1967, quando por motivo de saúde, Carvalho Déda resolveu parar de escrever no jornal, embora tenha transferido a responsabilidade e todo o maquinário para o seu filho, Carlos Alberto de Oliveira Déda. Após essa mudança na direção do periódico e já no contexto de ditadura, Carvalho Déda, aos 69 anos de idade, retornou à equipe jornalística em 16 de dezembro de 1967, escrevendo um editorial de reestreia - De mangas arregaçadas. Desse momento em diante, o periódico passou a contar com dois diretores, o pai e o filho. Nele, ele diz: "Continuaremos marchando com o povo, certos de que, nesta conjuntura difícil que a humanidade enfrenta, nenhum povo sobreviverá sem a Imprensa que é vista e respiradouro do próprio povo"[29]. Percebe-se, nas entrelinhas desse discurso, uma empatia com o "povo" mais sofredor e a defesa da imprensa e da liberdade de expressão em tempos sombrios e marcados pelo autoritarismo em muitos países, principalmente os da América Latina regidos por ditaduras militares.

Santos (2020), mencionados em três fases do jornal, na qual a primeira frase (1946-1947) aparece o nome dos irmãos Fracinio de Silveira Déda e José de Carvalho Déda com diretores. Na segunda fase (1953 a 1967) somente o nome de Carvalho Déda aparece como diretor do jornal; e na terceira fase do semanário (1967 a 1969) houve três fases, isso em decorrência do falecimento de Carvalho Déda. Desde 1967 até agosto de 1968, aparece como diretor-responsável José Carvalho Déda e como diretor gerente o nome de Carlos Alberto Déda. Com o seu falecimento, algumas edições somente apareceram o nome do fundador, sem explicar quem era o diretor responsável ou editor. No ano de 1969, reaparece novamente a identificação, somente destacando o nome do fundador e do diretor, Carlos Alberto.

A partir da análise nos anos iniciais (1ª fase, 1946-47), foi possível verificar no jornal uma linha editorial mais conservadora e anticomunista, atrelada ao jogo político-partidário local. Praticamente, essa orientação doutrinária continuou a mesma nas segunda e terceira fases (1953-67; 1967-69). O que aconteceu foi tão somente a ampliação dessas ideias no contexto da Guerra Fria e do golpe civil-militar de 1964, mantendo manchetes religiosas e anticomunistas além de charges e matérias sobre João Sem-terra, referindo-se à reforma agrária que será abordada mais à frente. Embora na última fase (1967-1969), observou-se o predomínio do seu filho, Carlos Alberto, na gestão do jornal e uma guinada mais progressista, com críticas à

[29] DÉDA, José de Carvalho. De mangas arregaçadas. A Semana, Simão Dias- SE, 16 de dezembro de 1967, ano XVII, n. 775. p.1.

ditadura instaurada, à instituição da censura e o lançamento do Ato Institucional Nº 5, em 13 de dezembro de 1968.

1.2. Estrutura jornalística: procedimentos metodológicos de análise

Em termos metodológicos, a estrutura jornalística de *A Semana* é formada por editoriais, colunas e notas. Nesses espaços os conteúdos das notícias são bem diversificados, predominando assuntos políticos e religiosos. Há ainda espaços para a publicidade, com anúncios de empresas locais que geravam um certo rendimento para o jornal, com o passar dos anos, essas propagandas foram sendo ampliadas de forma considerável ao incluir as de caráter político-ideológico.

De modo geral, houve por parte dessa imprensa uma sacralização do discurso jornalístico, que se expressou na articulação entre o político e o religioso. Na análise de suas principais temáticas, comprovamos ser uma imprensa conservadora, de viés anticomunista e sustentada por catolicismo tradicional. Notou-se, o predomínio de temas religiosos em todos os anos analisados, usando sempre a justificativa cristã para apoiar os regimes políticos do momento, discordando ou concordando com as candidaturas de governadores ou presidentes, uma vez que as justificativas dadas estavam sempre vinculadas aos dogmas da Igreja Católica.

Na análise dos discursos jornalísticos dos dois primeiros anos foi possível verificar em algumas matérias um posicionamento político marcadamente anticomunista. A matéria de 1947[30], Carvalho Déda defende a Doutrina Truman, dentro dos princípios cristãs, sem massacrar os ricos, nós os democratas procuramos evitar luxos ostensivos e penúrias deprimentes...continua,

> pior do que ser defensor do "plano Truman", é ser defensor do “plano Stalin”, pior do que ser assalariado dos ricos é ser explorador da boa fé da pobreza. Se porventura a política de Truman está encontrando apoio no Governo Brasileiro ou no Exército Nacional, está política não é condenável, porque Truman é um grande democrata.

Apresenta o Brasil como um país à frente do comunismo e este sistema como inimigo irreconciliável da nação e mesmo da Igreja. Assim, enfatiza Rodrigo Patto Sá Motta (2001) que, a manipulação oportunista do medo ao comunismo assumiu características diferentes ao

[30] Déda, José de Carvalho. Discurso de Carvalho Déda. A Semana, Simão Dias-SE, 27 de abril de 1947, ano I, n. 31, p.3.

longo do tempo e se prestou a objetivos diversos; Ele continua afirmando que vários agentes sociais exploraram o anticomunismo: o próprio Estado, a imprensa, grupos políticos e líderes políticos, órgãos de repressão e mesmo a Igreja

Além desse tipo de abordagem, constatou-se que com o passar dos anos, em tempos de Ditadura civil-militar, o jornal ampliou suas manchetes trazendo a questão da reforma agrária, da defesa da liberdade de expressão e da imprensa. A principal inovação técnica foi a introdução da xilogravura, como a que trata a charges sobre o Jango e o CGT:

Figura 04

Charges publicado na edição nº 602, divulgado em 18 de abril de 1964, uma charge do presidente apontando para a sigla “CGT”. A SEMANA, nº 602, 1964, p.02

Amanda de Oliveira (2020), destacou essa charge em seu trabalho, é possível observar uma crítica em relação ao apoio que Jango dava ao Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), enfatizando na imagem o discurso proferido por João Goulart. Neste sentido, a mesma descreveu,

> a expressão do presidente é de tristeza, com uma mão no bolso, e com roupas características dos gaúchos, salientando a sua volta para a região de origem, ou seja, Rio Grande do Sul. Como também destaca os seus ideais, que alguns deles foram heranças de Getúlio Vargas. Embora tenha sido um acontecimento de grande proporção, é importante destacar que a estética da charge não traz elementos

> complementares para um melhor aprofundamento de conteúdo. (SANTOS, 2020, p. 87).

Contudo, está muito claro que de fato o jornal se posicionou em favor da Ditadura Militar, a charge só confirma mais uma vez o seu posicionamento conservador e anticomunista. Além disso, Carvalho Déda fazia duras críticas ao então presidente João Goulart, afirmando que o mesmo vivia de farsas de aparências. Como bem destacou Benevides (1981) apud Santos (2020), a ação da UDN contra a administração do presidente auxiliou para o processo de ataques a ordem do governo de João Goulart:

> (...) O antigetulismo (...) e o anticomunismo (...) corporificaram a luta udenista. Para a UDN, as forças do mal estavam soltas. Sua missão, o exorcismo; seu objetivo, a defesa da propriedade, contra a ação do Estado; sua bandeira, a manutenção da ordem cristã e ocidental. Um programa coerente com os interesses predominantemente conservadores do partido e da aliança de classes da qual participava, e que levaria a UDN, fatalmente, a se associar aos militares, aos empresários e aos políticos da Ação Democrática Parlamentar, na preparação e efetivação do golpe de 64. (BENEVIDES, 1981, p.119 apud SANTOS, 2020, p. 85).

Deste modo, Santos (2020), ao tratar a crônica de Francino Silveira Déda, "na edição nº 601, divulgada em 11 de abril de 1964, intitulada "Flagelo Vermelho", em que o jornalista faz uma retrospectiva de alguns artigos publicados no semanário, trazendo a política de João Goulart de apoio às ideologias comunistas" (SANTOS, 2020, p.85/86). Ao destacar sobre o golpe de 1964[31], o cronista enfatiza: (...)

> As nossas autoridades constituídas, de tanto cerrar ouvidos a clamores como tais, e de tanto se aproximarem dos comunistas, algumas delas apareceram nesses últimos dias de braços dados com inimigos da Pátria até que no dia 31/3/64, as classes armadas, sempre atentas na defesa da Pátria, de acordo com os governos democráticos de alguns Estados, numa formidável e bem coordenada campanha, dentro de três dias, sem derramamento de sangue, baniram do meio político da nossa terra, a onda nefasta do comunismo e continuam expurgando da vida administrativa do País, o que resta ainda daquele FLAGELO VERMELHO. (A SEMANA, nº601, 1964, p.01).

Entretanto, Amanda Oliveira (2020), nos leva a entender que ao longo do ano 1964, José de Carvalho Déda vai mudando sua postura com relação ao regime recém instaurado, ou seja, "Carvalho Déda não tinha essa mesma concepção, em seus escritos tinha sempre dúvida sobre o caráter dos militares". (SANTOS, 2020, p.86).

A respeito desse ponto de vista supracitado, contudo, da minha perspectiva o que a pesquisa nos leva a concluir até este dado momento é que: o posicionamento de Carvalho Déda

[31] Entre 1964 a 1985, o Brasil experimentou o mais longo regime militar de sua história. O regime militar a Constituição de 1967 e emendou em 1969, predominado uma visão estatal e, com ela, a Doutrina de Segurança Nacional. (Zaverucha, 2010, p.41).

se manteve conservador e anticomunista legitimados pelos dogmas da Igreja Católica, além de que, o mesmo se manteve conivente com o golpe de 1964, ao longo de todo período de existência do jornal *A Semana,* sempre deixando muito claro que a orientação doutrinária continua a mesma. Nisto, Dantas (2004) em seu artigo destacou o papel desempenhado pela grande imprensa na legitimação do golpe de 1964 e derrubada do governo constitucional de João Goulart, sintetizando que:

> O tom da campanha adotado pela maioria da mídia contribuiria também, e de forma decisiva, para o engajamento da classe média no movimento que levaria à queda de Goulart. Multidões foram às ruas em marchas cada vez mais concorridas. Dias depois da vitória do golpe, essas passeatas, antes denominadas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, eram noticiadas pelos jornais como Marchas da Vitória. (DANTAS, 2004, p.67).

Desse modo, quase todos os assuntos políticos foram vistos pela ótica cristã, ficando evidente, portanto, o aspecto religioso no discurso político do jornal. Essas considerações ficam mais evidentes no Quadro n° 1, que faz referência às principais manchetes do periódico identificadas em cada ano analisado.

Quadro nº 1 – Principais anos e manchetes do jornal A Semana

Ano	PRINCIPAIS MANCHETES
1946/47	1° fase
1946	Com quem vota? Uma das grandes conquistas democráticas da revolução de 1930 no Brasil, foi sem dúvida o voto secreto.
1947	A Liga Eleitoral Católica desaprovou todos os candidatos da UDN.
1953/67	2° fase
1953	A transformação social poderá ser processada pacificamente - o papel da Igreja.
1954	O povo que me julgue.
1955	As relações comerciais com a Rússia.

1956	“Camarada Prestes” O pior cego é aquele que não quer ver.
1957	A lua Rússia. A Rússia domina a Estratosfera - Extraordinário Invento Comunista. Uma Lua artificial gira sobre a Terra. O maravilhoso engenho poderá modificar a política do mundo.
1958	A reação dos bispos: manifestações anticomunistas da Igreja- Os bispos do norte lançaram um manifesto- um padre interpela um general.
1959	Os cubanos “barbudos”
1960	O fim do mundo!!! Um passo do abismo- A terceira guerra será o extermínio da humanidade - 300 submarinos russos nas costas do Brasil- Prova de forças entre Eisenhower e Kruschev
1961	Cuba uma das mais monstruosas realizações do internacionalismo Soviético, diz Hamilton Nogueira.
1964	A Marcha da Revolução
1965	A Piada da Semana: A revolução, aguenta mais um pouquinho, minha “gente”, pra vê como fica.
1967/68	3° fase
1967	Sobre a lei de Imprensa.
1968	Surto admirável de progresso.
1969	A Piada da Semana: Majoração nos preços de cigarro passagem energia, gênero alimentícios.

Pelo que foi demonstrado no Quadro de n° 1, no primeiro bloco, após o término do Estado Novo e o início da redemocratização no Brasil com o Presidente Eurico Gaspar Dutra, predominaram temáticas diversificadas e matérias longas sobre alguns assuntos políticos e/ou religiosos, e mesmo as propriamente políticas estavam ligados à crença cristã. Nesses anos iniciais, portanto, *A Semana* se firmou como um jornal de cunho conservador e anticomunista, mas de não aceitação de extremismos políticos, seja de direita ou de esquerda. Já a partir da instauração da ditadura e na última fase do jornal, os posicionamentos e argumentações são mais divergentes, trazendo uma pegada mais progressista cristã com temáticas mais amplas, seja na questão política, religiosa e cultural.

Ao utilizar a metodologia da análise do discurso consideramos dois autores como centrais: Luís Fiorin (1988; 2008) e Eni Orlandi (2015). O discurso analisado é um discurso político-ideológico de cunho religioso, produzido por uma imprensa independente e ligada aos intelectuais locais. Dessa forma, tal como destacou Fiorin (1988), o principal objetivo desse discurso foi o de exercer um fazer persuasivo através da imagem de Deus, ou seja, o poder figurativo de Deus articula-se ao político nesse discurso, uma vez que Ele é colocado como enunciador principal do texto. Assim, houve o uso da religião no discurso político, denominado por Alcyr Lenharo (1986) de "sacralização do discurso político", recurso que foi utilizado para orientar e influenciar no resultado eleitoral na qual Déda estava envolvido e na qual a Igreja tinha alianças, como a campanha eleitoral de 1947.

Ainda nesta perspectiva, a análise de discurso foi vista como um modo de entender a língua/texto, a partir dos campos simbólico e social dos sujeitos, ou, em outras palavras, deve-se relacionar o discurso a sua exterioridade. Neste sentido, Orlandi (2015, p.15) afirma que na análise de discurso a linguagem não é transparente, nem se limita ao texto em si. Logo, a linguagem não deve ser vista como uma mera transmissão de informação, já que ela possibilita identificar o sujeito, a argumentação, bem como a subjetivação. É justamente a partir desses aspectos. Foi justamente a partir desses aspectos que a referida autora diz,

> o discurso se caracteriza como o lugar onde se analisa a relação da língua com a ideologia: 'a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos, e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é 'efeito de sentidos' entre locutores' (ORLANDI, 2015, p. 19).

Para tanto, ao tratarmos o discurso do jornal no que tece a sua questão ideológica, estaremos falando da politização do discurso jornalístico com a apropriação de diversas tonalidades do religioso. Para Luís Fiorin (1988, p.147), "o Estado e, por conseguinte, o governo, vão adquirindo um caráter sagrado", essa sacralização do discurso, no caso dessa pesquisa, jornalístico foi analisado com atenção especial no capítulo II, que também aborda as representações da Igreja Católica em *A Semana*.

2. NACIONALISMO E RELIGIÃO NA IMPRENSA INTERIORANA SERGIPANA

Um dos pontos principais dessa pesquisa foi compreender a origem social do emblemático jornalista, político, advogado, memorialista e chargista José de Carvalho Déda, redator e diretor do jornal *A Semana*. Para tanto, buscou-se discutir a trajetória política e profissional desse sujeito histórico, como forma de identificar em que medida o discurso anticomunista dialogou com o universo de suas ideias, provenientes de seu pertencimento a um determinado grupo social. José de Carvalho Déda nasceu em 01 de dezembro de 1898, no município baiano de Patrocínio de Coité, que passou a denominar-se Paripiranga, por força do Decreto Estadual nº 07.341, de março de 1931. "Ali fez o curso primário, sob a regência de um homem de letras notável, professor Francisco de Paula Abreu, poliglota e cientista, destacado pela Sociedade de Astronomia Francesa com diploma de Sócio honorário" (DÉDA, 2008,p.21). Com essa formação escolar inicial, José de Carvalho Déda mudou-se para a atual cidade de Simão Dias - SE, onde atuou, inicialmente, no comércio ao lado de alguns dos seus irmãos e parentes: "Sob a influência marcante do seu parente e amigo, o grande jurista Antônio Manoel de Carvalho Neto". (DÉDA, 2008, p.21).

Foi a partir desse contato com Antônio de Carvalho Neto que começou a praticar a advocacia, numa época em que poucos conseguiam se formar em Direito, tornando-se um rábula. E assim, exerceu a advocacia por mais de quatro décadas, como jurista provisionado. Complementava essa profissão com o exercício do jornalismo e da política. Foi também, diretor do jornal Correios de Aracaju de 1955 a 1959. Escrevia e participava de programa de rádio - "Resenha Política", com o então Deputado Federal João de Seixas Dória, da UDN, na Rádio Liberdade de Sergipe. Na edição de *A Semana,* de 17 de Outubro de 1953, existia um espaço dedicado à propaganda dessa rádio: "façam seus anúncios aqui através da Rádio Liberdade de Sergipe, as suas irradiações são ouvidas em todo território nacional"[32]

Propusemos então, a compreender esses locais de práticas sociais desses meios de comunicação, percebendo sua singularidade e os meandros políticos utilizados por Déda para a

[32] Em 7 de setembro de 1953 foi inaugurada em Aracaju a Rádio Liberdade, na rua Itabaiana, no centro da Cidade, tendo como proprietário o industrial Albino Silva Fonseca. Foi criada para dar suporte à UDN (União Democrática Nacional) nas eleições governamentais de 1955, a qual tinha como candidato Leandro Maciel, tendo sido a segunda Rádio emissora do Estado de Sergipe. Durante a Ditadura foi controlada pelos militares, mas não fechou as suas portas e a sua programação contava com o programa Informativo Cinzano, comandado por Silva Lima, principal desafeto de Orlando Dantas. (REIS, Carla Darlem Silva, 2015, p.13).

prática do poder na sociedade simão-diense. Essas reflexões foram embasadas nos princípios norteadores da História Política renovada, principalmente no uso de fontes históricas diversificadas para o estudo dos comportamentos políticos de indivíduos ou grupos sociais oriundos de todos os segmentos sociais. De acordo com Pierre Rosanvallon, conforme citado por Célia Costa (2015, p.116), "as novas abordagens historiográficas atuam no sentido de alertar os pesquisadores da atualidade dessa necessidade premente de investigar o social tendo em vista a problemática do político".

Tendo em vista essas preocupações supracitadas, este capítulo discute o percurso trilhado nos campos social e política por José de Carvalho Déda, e como este se apropriou dos meios de comunicação para exercer o seu o poder. Na acepção de Reis (2015), pensar as relações sociais e políticas significa levar em consideração o que é o poder, uma vez que este determina a capacidade de um homem ou um grupo de agir e produzir efeitos em cima de outrem, ou de um objeto social. Neste sentido, "o poder torna-se mais preciso e seu espaço conceptual pode ir desde sua capacidade geral de agir, até a capacidade do homem em determinar o comportamento de outro homem". (BOBBIO, et, all, 1998, p.935). "Este poder é exercido através de pessoas ou de instrumentos, sendo a imprensa um modo de exercê-lo, configurando como social, pois há uma relação entre pessoas onde um tem a capacidade de determinar ou influenciar no comportamento do outro".[33]

Foi sobre essa capacidade de determinar ou influenciar o outro que esse capítulo se debruçou, compreendendo o jornal como sendo, uma imprensa independente, produzida por intelectuais locais, que tinha uma conotação política sustentada por interesses cristãos. Logo, a análise do discurso é crucial para entendermos as ideologias empreendidas pelos meios de comunicação, sejam estes escritos ou falados.

[33]É a partir dessa ótica de Carla Darlem Reis (2015) que esse trabalho se desenvolveu quando comenta a respeito de A Gazeta de Sergipe e a Rádio Liberdade, diagnosticando que ambos os meios de comunicação são objeto de exercício do poder social, pois estes meios são capazes de exercer a persuasão e manipular uma parcela da sociedade.

2.1. A formação social e intelectual de José de Carvalho Déda

O jornal *A Semana* foi produzido por Déda e seu irmão Francinio Silveira Déda - como citado anteriormente, estes políticos, católicos foram homens reconhecidos pelo seu prestígio intelectual na sociedade sergipana. Busca analisar neste item a formação intelectual de Carvalho Déda e a forma como se deu a apropriação e a divulgação dos princípios da Igreja Católica através do periódico *A Semana* e de suas memórias. Para tanto, a pesquisa desenvolveu uma investigação da origem social desse autodidata, diretor responsável por esse jornal, e a sua correspondência vinculada à imprensa simão-diense.

Um aspecto importante para compreendermos a origem social desse intelectual, que se diz oriundo e próximo do povo foi a sua genealogia. Notou-se nela que ele não era proveniente de estratos sociais mais baixos, até porque teve acesso à escolarização em um contexto em que a escola era para poucos. Assim, Déda fazia parte de uma elite cultural simão-diense com seus discursos jornalísticos que se aproximam mais dos valores tradicionais de classe e da moral cristã.

Sem dúvida, o jornalista e advogado José de Carvalho Déda foi visto e respeitado na sociedade sergipana, como um político e intelectual, e seus discursos e escritos se propagaram e influenciaram uma legião de admiradores ou de um público mais amplo, inclusive com alguns opositores. Mesmo após a sua morte e até os dias de hoje faz-se, com certa constância, referência ao seu legado de homem público. Pensando nisso, dois autores consagrados nos ajudaram a entender o conceito de intelectual pelo qual esse trabalho se debruça, Antonio Gramsci (2011) e Jean Sirinelli (2003). Para Gramsci (2011), todo homem é um intelectual, apesar de nem todos exercerem esse papel na sociedade, de modo que ele faz uma distinção entre intelectuais “orgânicos” e intelectuais “tradicionais”. O intelectual "orgânico", portanto é aquele intelectual criado em um momento histórico que representa um grupo social emergente, e que tem uma função orgânica na cadeia de desenvolvimento do processo revolucionário de classe. Isto porque este intelectual orgânico de Gramsci (2000), se compromete com a organização da consciência de classe social que o criou neste momento histórico, independente se ele é um intelectual orgânico da classe hegemônica dominante ou da classe dominada que busca realizar a contra-hegemonia.

O intelectual[34], Carvalho Déda, aqui estudado parte de um contexto social, de uma classe social, ou seja, faz parte de uma classe dominante totalmente heterogênea e tradicional, sendo herdeiro de formações históricas já existentes. Em síntese, Gramsci (2011) defende que os intelectuais, sejam os "tradicionais" ou "orgânicos", são sempre vinculados ao grupo social em que está inserido, não sendo, portanto, um grupo autônomo. Concordamos com essa posição na forma como ele classifica o intelectual como "tradicional" ou "orgânico" e da necessidade de compreender as relações em que está inserido. Ao refletirmos sobre essas definições de intelectuais, é possível até o dado momento afirmar que Déda é um "intelectual tradicional", considerando-o revestido de características próprias, autônomo e independente do grupo social dominante. Um exemplo típico desses grupos de intelectuais para Gramsci são os eclesiásticas que, durante muitos anos, monopolizaram alguns serviços importantes ligado à aristocracia fundiária, dividindo com ela até mesmo o exercício da propriedade feudal da terra, e que criaram assim uma utopia de serem autônomos do grupo social dominante.

Carvalho Déda fez parte de um grupo religioso e político conservador, e mais do que isso, comungava e agia em prol de seus interesses. Partindo desses pressupostos, as ideias de Sirinelli (1998) ajudam a entender o impresso como uma rede de sociabilidade, lugar onde o intelectual socializa seus conhecimentos e opiniões, regados por interesses políticos, ideológicos e até mesmo, afetivos. Para esse autor, "uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão". (SIRINELLI, 1996, p. 248-249).

Constatou-se, nessa pesquisa, que Carvalho Déda tinha uma intelectualidade peculiar, que era fruto muito mais de suas experiências de vida, com um certo potencial experimental, do que de mera formação acadêmica, bem como o pertencimento a um determinado grupo social que, sem dúvida, influenciou no seu modo de escrita, notada até mesmo na escolha das manchetes do periódico na defesa da ordem, do progresso e de um ideário anticomunista. Como intelectual, ele fez parte da construção e da mediação da cultura na sociedade, sendo considerado membro da "elite cultural". Neste sentido, compreende-se esse termo, "elite cultural", como um pequeno grupo que existe em todas as sociedades, caracterizado por ser detentor do poder, seja econômico, político ou ideológico (BOBBIO, 1998, p. 385). Neste

[34] "A história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa, longa e ingrata (...) e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas" (SIRINELLI, 2003, p. 245).

aspecto, o intelectual se enquadra como elite a partir do momento que se observa a sua capacidade de persuasão, ou seja, o seu poder de influenciar os outros sujeitos a comprar a sua ideia. Para além disso, "[...] as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete" (SIRINELLI, 1998, p.262).

Decerto que, é por meio dos itinerários políticos que este trabalho se debruça, ou melhor dizendo, a trajetória política e jornalística de Carvalho Déda, "desenhar mapas mais precisos dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais" (SIRINELLI, 2003, p. 245). Neste aspecto, este conceito contribuiu para o estudo da sua origem e da sua evolução no âmbito do político e jornalístico das influências das ideias de pensamentos em diversos contextos sociais, para "tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas [por Déda] e a cultura política de sua época"[35]. Sob essa ótica, SIRINELLI enfatiza que:

> (...)se os itinerários desde já apresentam, com bastante frequência, sérios problemas de reconstituição, ainda mais complexas são as questões de interpretação. Ora, as trajetórias pedem naturalmente esclarecimento e balizamento, mas também e sobretudo interpretação. O estudo dos itinerários só pode ser um instrumento de investigação histórica se pagar esse preço.[36]

Sobre Carvalho Déda, há registros em diversos arquivos sergipanos, além de um acervo privado, muito bem preservado, sob os cuidados do seu filho Carlos Alberto (Beto) Déda, que mesmo diante desse colapso pandêmico da contemporaneidade, manteve conversas informais virtuais[37] com essa pesquisadora. Algumas de suas informações foram aproveitadas nessa pesquisa.

Feita esta breve trajetória sobre a formação social de José de Carvalho Déda, concluímos que tais informações nos levaram a pensar como esse intelectual[38] produtor do jornal *A Semana*, no período que corresponde ao término do Estado Novo, se vinculava aos grupos sócio-político mais conservadores e anticomunistas. Um outro aspecto importante, que não pode passar desapercebido, foi como ocorreu ao longo de sua história de cerca de duas décadas e principalmente, próximo de seu término, a mudança de posicionamento político-

[35] (Ibidem, p. 261, grifo meu)

[36] (Ibidem, p. 247).

[37] Conversa informal virtual com Carlos Alberto Déda no dia 7 de agosto de 2020.

[38] "Quem trabalha com a história dos intelectuais é ameaçado pelo que se poderia chamar de síndrome do mineiro, de tal forma a abundância do material a ser tratado torna atuais estas frases de Tocqueville: 'Eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro" (SIRINELLI, 2003, p. 244-245)

ideológico do jornal, que cada vez mais vai se aproximando de grupos mais progressistas desde a década de 1950 e a partir da instauração da ditadura brasileira, com exceção da conjuntura política do golpe civil-militar de 1964, onde houve apoio discreto e discursos de críticas ao governo João Goulart (Jango).

2.2. – O Sagrado no discurso político: a campanha eleitoral de 1947

As alianças políticas fazem parte do jogo político-partidário, sendo assim as determinações sócio ideológicas estão presentes em toda linguagem, possuindo uma relativa autonomia em relação às formações sociais, como bem destaca Luís Fiorin (1988). Para o autor, o discurso não é um fenômeno de classe, mas é marcado pela existência das classes sociais, ou seja, determinada classe ou parcela de uma, se apropria da linguagem para transmitir sua visão de mundo (FIORIN, 1988, p.7). Desse modo, o discurso, por incorporar diversas falas, é o lugar do social, enquanto o texto é o lugar por excelência do individual" (FIORIN, 1988, p.15).

Então foi possível identificar uma profunda aproximação entre o discurso e a ideologia. Neste sentido, Luís Fiorin (1988, p.14) compreende a formação ideológica como uma visão de mundo, ou seja, como o ponto de vista de uma classe presente numa determinada formação social, e a formação discursiva como o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica.

Essa pesquisa se apropria da acepção de Fiorin (1998) ao se referir a ideologia ou a linguagem como um produto do seu contexto social, no entanto, a ideologia não é restrita aos grupos dominantes, como uma forma de ilusão necessária à dominação de classe. Entretanto, para Marilena Chauí (2001, p. 84), "a ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante tornam-se ideias de todas as classes sociais". (CHAUI, 2001, p. 84).

Logo, compreender o que são os partidos no contexto brasileiro da década de 1940 especificamente os partidos UDN e PSD[39], no qual este último José de Carvalho militou até sua

[39]Amaral Peixoto foi um dos principais articuladores para formação do PSD e exerceu forte influência e liderança tanto no diretório estadual do Rio de Janeiro quanto no diretório nacional. O PSD tinha um alcance importante na zona rural, até por abrigar boa parte da patronagem e defender os interesses da elite agrária, mas também era capaz de obter representantes das elites urbanas, como os industriais paulistas. (COSTA, Rafael Navarro, 2019, p.22).

morte. Neste aspecto, Max Weber também construiu uma tipologia para os partidos que considero viável para a compreensão do sistema partidário brasileiro, para ele temos basicamente dois tipos de partidos : os partidos ideológicos , que se preocupam especificamente com a transformação da conjuntura do estado em uma nova ordem, e, por conseguinte, em uma nova concepção de sociedade a partir de novos ideais políticos; e partidos de patronagem, que objetivava unicamente a tomada de poder para a obtenção de vantagens materiais ou imateriais.

No mais, "o tipo de partido de patronagem, aproxima-se muito da realidade Nacional, as eleições e a chamada "revoluções" no Brasil na verdade o que tá em jogo sempre era o "cesto de pão" dos cargos estaduais que os vencedores queriam se alimentar" (Weber, 1982, p.108). Corroborando com essa ideia Simon Schwartzmann afirma que com os partidos "buscava-se o controle de agências governamentais com ponte para o exercício do clientelismo, tanto par os que já possuíam o poder, como para incorporação de novos grupos, e também para a expulsão dos antigos" (Schwartzmann, 1982, p.122).

Rafael Navarro Costa (2019), sintetiza que o PSD foi formado tendo como base ex-interventores, os Prefeitos nomeados por eles e elites econômicas, ou seja, boa parte daqueles que exerciam o clientelismo. Em síntese, o PSD foi criado com o objetivo de agregar todos os aliados de Getúlio Vargas. Dentre esses, o próprio Carvalho Déda, o pesquisador Eder Aparecido de Carvalho (2007) ressalta que:

> Pela primeira vez na história os partidos, através da concorrência organizada pelo voto, se tornaram o mecanismo mais importante para alcançar o poder. Os partidos não estavam mais só ligados às elites, surgindo à necessidade de atrair a massa para lograr o voto – a conquista da simpatia da população passou a ser prioridade, já que estava extinta era da política oligárquica, a legitimação não dependia mais somente das elites. (CARVALHO, 2007, p. 154).

O partido político é uma associação que visa a um fim deliberado, seja ele objetivo como realização de um plano com intuitos materiais ou ideais, "seja pessoal, isto é, destinado a obter benefícios, poder e, consequentemente, glória para todos os chefes e sequazes, ou então voltado para todos esses objetivos conjuntamente". (BOBBIO, 1998, p. 898). Neste sentido, na História Política renovada, tanto a noção de partidos quanto a de poder, encontram um campo fértil de análise.

No início do seu surgimento internacional, essas agremiações partidárias compunham-se de pessoas notáveis, membros da aristocracia, ou seja, aos poucos essa conjuntura política foi sendo mudada e passou a permitir a participação de industriais e comerciantes, pressionado pelo aumento do poder econômico da burguesia após a Revolução Industrial. Neste sentido,

vieram os partidos dominantes e os de massa, compostos por operários, que pressionados pela exploração da sociedade, buscaram meios para expressão de suas reivindicações. Mas, foi com a generalização do sufrágio universal que houve uma transformação rápida nas características dos partidos políticos, nivelando-os, independentemente de sua constituição social, em partidos de massa que se constituíram em "sujeitos de ação política e delegado para agir no sistema a fim de conquistar o poder e governar". (BOBBIO, 2004, p. 904).

O jornal *A Semana* em uma edição intitulada "Sufrágio", de Fracinio Silveira Déda, de 19 de janeiro 1947, ressaltou a importância do sufrágio universal e alertou contra as ideologias estrangeiras.

> Livre é a Nação; livre é o voto, porque a sombra da democracia, porque vivemos a sombra desse regime de liberdades e assim sendo, todos têm o direito por igual, daí aparecerem grupos e facções que arregimentam os inimigos da paz, os inimigos da fé, os inimigos de Deus, os inimigos do povo, com ideologias prepotentes com o bafejo da cubiça estrangeira. Por isso mesmo, tanto maior se torna o nosso dever para com o exercício do voto, tanto maior a necessidade do sufrágio universal, tanto maior a necessidade de combatermos o indiferentismo. (p.2).

Em síntese, a Nova História Política possibilitou investigações aprofundadas e interdisciplinares da relação do partido político com o poder. Nessa pesquisa, inspirada em suas orientações, refletiremos sobre a trajetória política e jornalística de José de Carvalho Déda a partir de suas legendas partidárias, rompendo definitivamente com a concepção tradicional desse campo do saber.

Em um artigo elaborado por Carvalho Déda e lido por ele mesmo para os seus ouvintes e correligionários na rádio, intitulado "O povo que me julgue", explicita os motivos sua saída do PSD e da filiação a UDN, bem como demonstra mais uma vez um posicionamento político em defesa da democracia liberal e representativa e contrário, aos ideais comunistas, como ideais que viam do estrangeiro. Essa sua fala ocorreu na exibição do programa "Resenha Política", da Rádio Liberdade de Sergipe, e posteriormente, o texto jornalístico foi publicado em *A Semana*, edição de 10 de julho de 1954.

> Nunca em tempo algum, um chefe municipal, com assento na Comissão Executiva de um partido, fora tão humilhado por seus próprios correligionários. E a humilhação atingia a todos nós, seus chefiados. O Diário de Sergipe, porta-voz do PSD, abriu suas imundas comportas, derramando o lado contra minha pessoa; bode expiatório e testa de ferro do grupo Simão Dias. [40]

Este trecho citado acima mostra a substituição política desse emblemático jornalista e político para um dos partidos mais conservadores do Brasil, a UDN. Esse partido nasceu da

[40] DÉDA, José de Carvalho. A Semana, Simão Dias- SE, 10 de julho de 1954, ano VIII, n.93, p.1.

campanha pela redemocratização do país pós-1945 e reuniu algumas das forças políticas contrárias ao presidente Getúlio Vargas, entre elas, Carlos Lacerda e seus aliados. Nesse aspecto, pelo fato de não concordar com a candidatura a governador do Arnaldo Rollemberg Garcez, do PSD, que foi eleito no pleito estadual de outubro de 1950 para substituir a José Rollemberg Leite, então governador de Sergipe pela coligação PSD-PR Arnaldo Garcez derrotou o candidato da oposição Leandro Maynard Maciel, líder da União Democrática Nacional (UDN) no estado[41]. Sobre o rompimento de C. Déda com seus correligionários do PSD, Amanda Oliveira (2020) cita em sua dissertação de mestrado[42], "o ex-deputado estadual Manoel Cabral Machado do (PSD) que fez um relato interessante sobre o possível estopim da saída de Zeca Déda (pseudônimo)" do partido do qual militou por anos.

> Nesse tempo Déda, integrava o PSD, eu do PSD líder do governo. Carvalho Déda participava dos deputados integrantes do PSD. Aí aconteceu um fato muito terrível, que com a indicação de Arnaldo Garcez, o grupo de Simão Dias não aceita. E acontece que Carvalho Déda fez um discurso e fez referência a esposa do governador. Então alguns deputados, foram dizer ao governador Arnaldo que Déda tinha feito um discurso atacando a mulher do governador. Arnaldo faz um acordo e entrega as posições de Simão Dias a José Dória de Almeida, ao José Dória de Almeida que foi o deputado da UDN. Então ele passa a apoiar o governo e Déda passa para a oposição. (MACHADO, 2008, s/p)

O jornalista do Diário de Sergipe, classifica C. Déda ao dizer: "continuo a afirmar que o Dr. Zeca Déda não passa de um trânsfuga, traidor e homem sem o menor sentimento de gratidão e reconhecimento, incapaz, por isso, como político, de receber homenagens de quem quer que seja.[43]

Ibarê Dantas (1989) apud Santos (2020) apresenta que a saída de Carvalho Déda do PSD, "foi o primeiro golpe" para o partido (DANTAS, 1989, p. 200). Com a quebra da aliança, pouco tempo depois ele se filiou à União Democrática Nacional (UDN), onde disputou o seu terceiro mandato de deputado estadual, obtendo 1.872 votos, exercendo a função nos anos de 1955 a 1958. Nessa eleição obteve como aliado alguns membros do Partido Social Trabalhista (PST) e do Partido Trabalhista Nacional (PTN). Sua entrada na UDN foi vista como sinal de novas investidas no partido, apoiando Leandro Maciel para governador do Estado de Sergipe.

---

[41] Para maiores aprofundamentos, veja a obra publicada pelo cientista político Ibarê Dantas. DANTAS, José Ibarê Costa. Leandro Maynard Maciel na política do século XX. Aracaju: Criação, 2017.

[42] SANTOS, Amanda de Oliveira. Entre traços e contextos: As Charges de Carvalho Déda no jornal A Semana (1959-1968). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão- SE, 2020.

[43] Idem, p. 4.

Desse modo, lembramos que em 1950 Carvalho Déda ajudou a eleger Arnaldo Rollemberg Garcez da legenda do PSD a governador de Sergipe, e tempos depois, na eleição seguinte, o mesmo concorreu com Leandro Maciel (UDN). Assim, em outubro de 1954, o candidato Leandro venceu as eleições diretas para governador do estado, e ainda contou com alguns apoios no Partido Social Progressista (PSP), do político paulistano Adhemar de Barros, do Partido Social Trabalhista (PST) e do Partido Trabalhista Nacional (PTN), vencendo Edélzio Vieira de Melo, o candidato do PSD.

De fato, os jornalistas do jornal "Diário de Sergipe" acusou C. Déda de ser bode expiatório e dentre outras nomenclaturas já citadas anteriormente. Esses ataques eram retrucados por Zeca no jornal *A Semana* e na "Radio Liberdade", e nesse último veículo de comunicação ele se juntou ao Deputado Seixas Dória, da UDN. Neste sentido, o próprio Carvalho Déda em uma edição intitulada "Política em pequenas doses"[44] expressou os seus ataques a esse impresso, porta-voz do PSD, observamos a sua resposta ao que já acontecia desde o ano de 1952. "Em princípios de 1952 o "Diário de Sergipe", para culpar o Deputado Carvalho Déda, segundo relato do próprio, pelas ocorrências dizia que "as estradas de Simão Dias se afundavam tantos carros que iam e vinham de mover o Zéca Déda". Nesta mesma matéria, Déda ainda reforça o papel que os simão-diense devem ter: "SIMAODIENSE! Procure hoje mesmo um posto eleitoral "Leandro Maciel" e cumpra seu dever de cidadão habilitando-se para próxima batalha democrática". Com isso, demonstra claramente o seu apoio a essa liderança udenista.

Constatou-se que as bancadas da Assembleia Nacional Constituinte, em 1945, eram dominadas por grandes partidos conservadores, tais como PSD e UDN. Eles eram compostos, em sua maioria, por indivíduos de vários segmentos da classe dominante e funcionários da burocracia do Estado. Ou seja, jornalistas, fazendeiros, bancários, etc. No dizer de Juliano Medeiros (2013, p. 24).

> As eleições ocorreram em 2 de dezembro de 1945. Dutra, apoiado por Getúlio, obteve 55% dos votos contra 34% do candidato udenista. Fiúza obteve quase 600 mil votos (9,7%), surpreendendo o próprio PCB. Para a Assembleia Nacional Constituinte do ano seguinte foram eleitos 14 deputados comunistas, além de Luiz Carlos Prestes ao Senado. A Assembleia Constituinte era composta por 297 deputados e 41 senadores, totalizando 338 Deputados Constituintes. Além do PCB, outros nove partidos

[44] Déda, José de Carvalho, Política em pequenas doses, A Semana, Simão Dias- SE, 10 de julho de 1954, ano VII, n. 93, p. 4.

> elegeram representantes, sendo que os comunistas tinham a quarta maior representação (com menos deputados apenas que PSD, UDN e PTB).

Cabe destacar que o PCB teve uma campanha muito abrangente. Lançou candidatos em todos os estados e elegeu deputados em seis unidades da Federação (BA, PE, DF, RJ, SP e RS), a maior parte concentrada no Sudeste. Foram quatro deputados somente em São Paulo. Em vários estados, o Partido Comunista do Brasil elegeu também deputados estaduais e vereadores, conquistando, inclusive, a maioria em algumas Câmaras Municipais pelo país, dentre elas, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, então capital da República. Como descrito por Medeiros, além disso, doze dos quinze eleitos, incluindo um senador da República, pelo PCB haviam sido políticos presos durante o Estado Novo (1937-1945). Esse partido contava ainda com uma bancada mais jovem (a maioria tinha menos de 40 anos) e com políticos de menor nível de instrução formal (a maioria não possuía curso universitário).

Na visão de Evaristo Netto (1986, p. 64) a Assembleia Nacional Constituinte nessa época era majoritariamente conservadora, dominada por três partidos poderosos (PSD, 54,7%; UDN, 26,9%; PTB, 6,8% dos senadores e deputados) e um de oposição (PCB, 4,7% dos deputados e um senador). Foram dominantes nessa Casa os interesses vinculados aos grupos econômicos nacionais e internacionais, as medidas restritivas do governo autoritário de Dutra e ainda, os limites impostos pela Constituição de 1937, então em vigor. Além disso, a composição PSD-UDN, variantes de uma mesma oligarquia cindida, assegurava a obstrução de qualquer proposta mais progressista. Neste aspecto, Braga (1998, p. 146) traça o panorama do perfil da bancada comunista em relação às demais, tendo como referência a bancada do PSD.

> Entre os senadores e deputados eleitos por aquele partido, havia 10 banqueiros, 19 industriários, 43 proprietários de terras, 28 advogados, além de vários médicos, engenheiros, jornalistas e professores universitários, dentre outras profissões. A bancada do PCB, por sua vez, era forma por dois jornalistas (Carlos Marighella e Maurício Grabois), um escritor (Jorge Amado), um contador (João Amazonas), um engenheiro militar (Prestes), dois médicos (Caires de Brito e Alcedo Coutinho) um camponês (Gregório Bezerra) e sete operários (Batista Neto, Agostinho de Oliveira, Abílio Fernandes, Alcides Sabença, José Crispim, Osvaldo Pacheco e Claudino Silva).

Observou-se no jornal *A Semana* indícios da posição da Igreja contra os comunistas em uma matéria de 5 de janeiro de 1947, “Momento político sergipano”, na qual o editor descreve o cenário da política sergipana e menciona os partidos políticos apoiados pela Igreja, que produzia obstáculos para impedir candidaturas comunistas.

> O cenário da política sergipana tem se movimentado nos últimos dias com propagandas de seus partidos e candidatos. A Liga Eleitoral Católica de Sergipe, movimenta-se no sentido de criar uma barreira sólida contra os candidatos comunistas

> (...). As candidaturas dos Srs. J. de Carvalho e Marcos Ferreira foram bem recebidos neste Município onde ambos prestaram relevantes serviços à coletividade. (A SEMANA, 1947, p.3).

Foi possível perceber, a partir dos discursos encontrados no jornal *A Semana*, que os comunistas foram retratados como inimigos irreconciliáveis da nação e que um "bom" cristão jamais votaria em partidos que a Liga Eleitoral Católica (LEC) desaprovasse. Na matéria intitulada, "Com a Confiança em Deus", o autor diz que vai colocar nas urnas livres, apenas os "votos de fé e esperança, no prestígio da nossa crença, no futuro de nossa Pátria".

> Todos os oradores demostraram a sua fé religiosa, a sua confiança nos destinos da Pátria e no progresso de Sergipe. Falou por último deixando-nos a esperança de uma vitória para os destinos da nossa crença e do nosso povo, o Sr. Dr. José Rolemberg Leite, Candidato a Governador pelo PSD. A Igreja Católica, no afan de servir a causa de DEUS, tem advertido aos fiéis, a rota traçada pelo nosso eminente e Reverendíssimo Bispo Diocesano D. José Tomaz, realizando fervorosas orações, para que não venha a Igreja a periclitar entre nós. (A SEMANA, ano I, n.20, 1947, p.4).

Visto que, as orientações teológicas advindas do Bispo Diocesano D. José Tomaz da Igreja Católica e o compromisso deste religioso com a hierarquia e a disciplina fomentaram a propagação do imaginário anticomunista no Estado de Sergipe. Em consonância com essa visão político-religiosa de viés conservador, *A Semana* contribuiu para espalhar informações. Neste sentido, Carla Rodeghero (2003, p. 466) disse que a Igreja foi uma importante instituição que apresentou um posicionamento de combate ao comunismo.

Ainda nessa perspectiva, em outra matéria de 19 de janeiro de 1947[45], a Igreja Católica no afã de servir a causa de Deus, tem advertido aos fiéis, a rota traçada pelo nosso eminente Reverendíssimo Bispo diocesano D. José Tomaz, realizando fervorosas orações, para que não venha periclitar entre nós ideologias estranhas. Assim, como a ala mais conservadora é dominante dentro da Igreja Católica e há sempre o respeito as hierarquias, os partidos políticos coligados foram escolhidos por seguirem uma linha a favor do discurso anticomunista, classificando o tipo de oposição contestadora de "inimigos da pátria", "anticristão", fala do "perigo vermelho" e diversas outras conotações contra os comunistas.

Em 01 junho de 1947, o jornal *A Semana* publicou, na primeira página e com a manchete – "Fala, aos seus pares, o nosso diretor José Carvalho Déda, na Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe", um discurso político proferido pelo diretor do jornal, fato já mencionado

[45] DÉDA, José de Carvalho, Com a Confiança em Deus, colocaremos hoje, nas urnas livres, os nossos votos de fé e esperanças, no prestígio de nossa crença, no futuro de nossa Pátria. Comíclos e "Meetings". A Semana, Simão Dias- SE, 19 de janeiro de 1947, ano I, n. 20, p. 4.

anteriormente, onde a tônica da mensagem foi a mesma, de defesa de uma ideologia anticomunista[46]. Carvalho Déda iniciou esse discurso traçando elogios ao político baiano da UDN, governador do estado Octávio Mangabeira, que ao se referir às perseguições políticas aos comunistas pelo Presidente Dutra, disse: "Bom senso, bom senso, bom senso!". Em outro trecho, Déda falou: "repudiamos a madrasta Rússia, porque, além de estrangeira, é anti-cristã e como anti-cristã não possui nenhuma parcela de amor materno para acalentar-nos nos momentos de sofrimentos e angústias"[47].

Foi nessa conjuntura política que Carvalho Déda, se auto definido como "democrata", posicionou-se claramente contrário ao fechamento desse partido político -UDN. Aos parlamentares estaduais, disse que praticamente houve unanimidade entre os deputados federais e estaduais, inclusive esse foi o seu posicionamento, de condenação da cassação do registro do PCB. Ele disse que, em nome da democracia não se aproximou dessa doutrina, de modo que repudiou a ligação do PCB com o governo da Rússia, vista como uma "madrasta comunista" e "ateia", como foi dito acima. Assim, Déda fez um alerta,

> Mas tudo quanto fizemos foi pouco, e tudo que ainda fizermos será muito pouco, salvo se fizermos solene profissão de fé moscovita. Posso afirmar, entretanto, que, nós os democratas não estamos dispostos a uma transmutação tão rápida: não estamos dispostas à uma marcha relâmpago para os braços de Stálin: não renderemos graças ao todo poderoso 'caetetú' asiático. [48]

Desse modo, Déda conclamou os deputados a fazerem uma distinção entre a "verdadeira e falsa democracia", pois o comunismo levaria a instauração de um regime ditatorial ("abismo infernal"). Nesse caso, as marcas da sacralização do discurso político encontram-se por toda parte, referindo-se a "fé", "inferno", "satanás", "bom e mau cristão", entre outros. Déda disse ainda, sobre os parlamentares comunistas: "Quem filiou-se ao Partido Comunista e chegou a exercer cargo ou posição, perdeu para sempre a independência". E sobre a democracia, ele argumentou que o entusiasmo de todos era grande para defendê-la. Mas, fez um alerta aos constituintes: "...mais cuidado porque, nem tudo que reluz é ouro. Satanaz (sic) transforma-se em anjo de luz para enganar. E nesta arte êle (sic) é mestre insigne". E continua a falar, que mesmos aqueles com formação cristã "... os comunistas brasileiros se insurgem contra o nome de Deus nos preâmbulos das Constituições, porque neste sentido recebem instruções do ateísmo russo, do qual não se podem afastar porque não são livres". As imagens, abaixo, trazem a

[46] Fala, aos seus pares, o nosso diretor José Carvalho Déda, na Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe. A Semana, 1 de junho de 1947, p.1.
[47] IDEM, p. 1.
[48] Ibdem, p. 1.

comprovação desse discurso político na primeira página de *A Semana*, retratando a denominada "ameaça comunista", a capa de qualquer impresso ganha grande visibilidade alcançando um público-leitor mais amplo[49].

DOMINGO 1 JUNHO 1947

A SEMANA

ORGÃO LITERARIO INDEPENDENTE E NOTICIOSO — CIRCULAÇÃO AOS DOMINGOS —

DIRETORES — Franciso Silveira Déda — José de Carvalho Déda — GERENTE — José de Souza Alves

Redação — RUA DR. JOVINIANO CARVALHO, Nº 3 — SIMÃO DIAS — SERGIPE | ANO I Numero 58

Fala, aos seus pares, o nosso diretor José de Carvalho Déda, na Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe

Figura 05

Déda, José de Carvalho. Fala, aos seus pares, o nosso diretor José de Carvalho Déda na Assembleia

[49] A compreensão do "perigo vermelho", conforme disse Carvalho Déda, foi fundamentado a partir de uma leitura realizada da obra - "Do Fundo da Noite". Para ele, "Um comunista graduado, onde quer que se encontre, tem os seus passos seguidos pelos próprios 'camaradas'. Seus atos são vigiados e observados, rigorosamente por um 'camarada', talvez até seu irmão sanguíneo, pronto sempre para denunciá-lo perante o 'Comitê'. Isso não é democracia". Fala, aos seus pares, o nosso diretor José Carvalho Déda, na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. A Semana, 1 de junho de 1947, p.1.

Legislativa do Estado de Sergipe. A Semana, 01 de junho de 1947, capa. Localização do arquivo: Memorial de Simão Dias (arquivos em CD-ROM). Essa matéria continua na página seguinte (veja a imagem abaixo).

.

Discurso do Deputado Carvalho Déda

De modo que essa visão anticomunista foi muito recorrente no semanário no ano de 1947, e assim, foi possível identificar uma relação íntima entre essa ideologia e a atuação política de Carvalho Déda, bem como uma aproximação entre o seu discurso político e o pensamento cristão. E nesse mesmo ano, o governo de Eurico Gaspar Dutra, seguindo às orientações do governo norte-americano presidido por ..., colocou na ilegalidade o PCB e

cassou os mandatos parlamentares de seus membros [50] . Neste sentido, João Amazonas, um dos deputados do PCB cassados pelo governo de Dutra em 1948, deu uma excelente entrevista aos entrevistadores Sérgio Braga e Luciano Martorano: " Mas de fato o principal responsável pela cassação do Partido foi o caráter conservador e reacionário do governo de Dutra (...), assim como já haviam se utilizado anteriormente do "Plano Cohen" para implantar o Estado Novo em 1937"[51]. Ainda sobre esse prisma:

> Como eu já disse, Dutra implantou um regime terrorista, Matar cerca de trinta comunista em pleno contexto de redemocratização não é pouca coisa. E tudo isso criou um ambiente de terror. E, ao contrário do que se poderia imaginar, não havia liberdade no Brasil nesse período. O governo Dutra era um regime de constate perseguição ao movimento popular, embora houvesse um congresso funcionando, ocorresse eleições, etc. Apesar de a constituição garantir os direitos democráticos, isso não existia de fato na época. (p.97).

Diante disso, fica nítido que nessa época a repressão aos ditos "inimigos da Pátria"; se mantinha forte e eficaz. O primeiro passo para derrubar o PCB foi a cassação do registro do Partido, "Seja como for, cassaram o registro do Partido mas nós continuávamos deputados. E mais: nessa eleição de 1947 havia aumentado a bancada. Numa coalizão que nós fizemos em São Paulo, nós elegemos mais dois deputados federais: o Pedro Pomar e o Diógenes Arruda". (Amazonas, 1995, p. 970).

Ambos os deputados citados por João Amazonas cumpriram o mandato durante quatro anos, ou seja, não foram casados. No entanto, "Nós, que éramos 14, passamos para 16 deputados. Mas Dutra nunca desistiu do seu ódio contra os comunistas" (Amazonas, 1995, p. 97). Em resumo, os comunistas já estavam na ilegalidade, pois, não tinham mais Partido, e seria muito difícil qualquer atuação partidária apoiadores de seu projeto político nessas condições:

---

[50] Nas eleições de 1945, com o retorno da pluralidade partidária, participaram o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos criados por Vargas, este como uma alternativa ao outro, tendo reunido até mesmo lideranças sindicais cooptadas pelo Estado, imprimindo uma certa base popular. A União Democrática Nacional (UDN), cuja parte mais progressista formou o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Democrata Cristão (PDC), que também lançaram candidatos. Nessa eleição, elegeu-se Eurico Gaspar Dutra, apoiado por Getúlio Vargas e pelo PTB. Um outro candidato, Yedo Fiuzza (PCB) obteve 10% do total dos votos, ficando em 3º lugar. Luís Carlos Prestes foi eleito Senador pelo Distrito Federal, entre outros estados, enquanto o PCB elegeu 14 deputados federais. Foram eleitos Gregório Bezerra, José Maria Crispim, Maurício Grabois, Claudino José da Silva, Joaquim Batista Neto, Osvaldo Pacheco, Abílio Fernandes, Alcides Sabença, Agostinho Dias de Oliveira, João Amazonas, Carlos Marighella, Milton Caires de Brito, Alcedo Coutinho e Jorge Amado. Se somaram a eles, posteriormente, os eleitos sob a legenda do Partido Social Progressista (PSP): Diógenes Arruda Câmara e Pedro Pomar. Ver FEIBER, Cristina Gabriela. PCB: seus avanços, problemas, desafios e seus impactos na atuação dos comunistas Santa-marienses (1945-1958). Monografia de especialização, programa de Pós-graduação em História. Universidade de Santa Maria, 2014, p.16.

[51] AMAZONAS, João, entrevista concedida BRAGA, Sérgio Soares, MARTORANO, Luciano Cavini. O Partido Comunista do Brasil: Histórias e perspectivas entrevista com João Amazonas. Realizada no Comitê Central do PC do B em São Paulo, em 3 de novembro de 1995. Universidade Federal do Paraná/ Universidade Estadual de Campinas (p. 96/97).

"Logo no começo de janeiro de 1948 foram cassados os mandatos de toda a bancada comunista, exceto o de Pomar e de Arruda, porque eles tinham sido eleitos pela legenda do Partido Social Progressista (PSP)". (Amazonas, 1995, p. 97). E além disso, Eurico Dutra conseguiu na justiça outro processo, que segundo João Amazonas foi forjado contra os comunistas, sendo assim foi decretada a prisão preventiva de toda a direção do Partido, e os comunistas voltaram à clandestinidade.

Nesse sentido, foi possível observar que o jornal A Semana publicou uma manchete em 23 de fevereiro de 1947 intitulada "Pediu o cancelamento do Partido Comunista", "O procurador geral da República o Sr. Barbedo, apresentou ao Supremo Tribunal Eleitoral o parecer referente ao cancelamento do Partido Comunista do Brasil. O procurador Barbedo, no seu relato conclui afirmando,

> que a partir da vigência da Constituição de 1946, todos os partidos de tendências extremistas caíram no terreno da ilegalidade, tornando-se impossível desastre, substituir o registro do Partido Comunista do Brasil[52].

Diante disso, no parágrafo seguinte, José de Carvalho Déda concorda com o cancelamento do Partido Comunista, onde se fala que, "Entendo o Sr. Barbedo, depois de um estudo minucioso dos 19 volumes do processo, da falta de documentação, que o Partido do Sr. Luiz Carlos Prestes, que a extinção da própria democracia"[53]. E ainda sobre o prisma do cenário político sergipano, foi possível visualizar no jornal *A Semana*, de 5 de janeiro 1947, intitulado "concepção democrática", a valorização do ideal de "democracia" do político José Rollemberg Leite, candidato ao governo do Estado de Sergipe pelo PSD- PR, que ao sacralizar o seu discurso com o termo "desordem espiritual" deixa brechas para identificar, nas entrelinhas, a ideologia anticomunista.

> São tremendas as responsabilidades que pesam sobre os ombros dos homens públicos em nossos dias. Mas na desordem espiritual que se verifica por toda a parte, somente um remédio se nos afigura salvador, de efeitos seguros: é a prática coerente da concepção democrática de vida, com respeito à dignidade humana, nos direitos que essa dignidade exige, e na escola pelo povo dos governantes. (p.3)

Ao tomar em consideração o importante papel dessa imprensa interiorana na propagação do aparato ideológico e eclesiástico dos substratos sociais mais elevados, os candidatos apoiados pela Igreja Católica nas eleições de 1947, também faziam uso no discurso político do

---

[52] DÉDA, José de Carvalho. Pediu o cancelamento do Partido Comunista. A Semana, n° 25, ano I, 23 de fevereiro de 1947, p.3.
[53] Idem, (p.3).

sagrado, para proveito dos seus interesses como importante instrumento de dominação. Em outra manchete do jornal *A Semana*, de 5 de janeiro de 1947, intitulada "Liga Católica", anunciava o comício dessa Liga que aconteceria na cidade no dia seguinte.

> Ministros da Igreja Católica, dirão de público, ao, povo, o verdadeiro sentido da Liga, verdadeiramente desinteressada da política partidária, mas, empenhada sobre todos os pontos de vista, em defender o povo brasileitro das ideologias anti-católicas e anticristãs e positivamente disposta a indicar, com critério, lealdade e justiça, a bem da verdade Cristã, entre os pleiteantes, os mais idôneos, sem visar pessoas, tendo acima dos interesses pessoais o interesse Cristão.[54].

Esperava-se da Igreja Católica e de seus apoiadores uma postura contra os seus inimigos cristãos. Nesse aspecto, Gustavo Pereira (2008 p.15) confirma que, "o comunismo era entendido como um dos elementos que impediam a plena construção da neocristandade" e para além disso, o que se percebeu foi que a Igreja Católica desaprovou não tão somente aqueles que eram tidos como "inimigos da Pátria", mas todos aqueles que, enfim, deixassem de cumprir os acordos ou alianças realizadas pela Liga.

Em outra manchete de 12 de janeiro de 1947, intitulada "A Liga eleitoral católica desaprovou todos os candidatos da UDN", dizia: "Estamos assegurando informados por fonte fidedigna que a UDN desligou-se da LEC, e que está desaprovou todos os candidatos do mesmo partido"[55]. Em vista disso, o diretor do jornal *A Semana* anunciou que, em virtude das notícias contraditórias espalhadas pela Cidade, procuramos o nosso virtuoso Vigário, que nos forneceu o documento 13 abaixo descrito: comunico que os católicos estão proibidos sob pena de morte votar na "UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL" e qualquer um dos seus candidatos em virtude haver ela retirado compromissos "LIGA ELEITORAL CATÓLICA"[56].

A Igreja Católica realmente se aliou aos grupos políticos conservadores e a essa imprensa, em particular, para combater o comunismo e os seus opositores diretos, como uma forma de impedir o avanço das ideologias inimigas. Na edição de nº 20, publicada em 19 de janeiro de 1947, foi divulgado um verso, como recurso literário de ilustração, de autoria de C. Déda, que assina com o pseudônimo de Chico Tréla. Esse verso é ainda, acompanhado de desenho do próprio autor, retratando um suposto "fiscal de voto", bem vestido de paletó preto, chapéu na cabeça e com uma pasta e bengala nas mãos, simbolizando um cidadão, talvez um político, compromissado em defender o voto de candidatos cristãos. Há nele traços de um

---

[54] DÉDA, José de Carvalho. Liga Católica. A Semana, Simão Dias- SE, 05 de janeiro de 1947, ano I, p.4.
[55] DÉDA, José de Carvalho. A Liga Eleitoral Católica desaprovou todos os candidatos da UDN. A Semana, Simão Dias- SE, 12 de janeiro de 1947, ano!, p.4.
[56] Idem, (p.4).

coronelismo arcaico ao falar em controle e fiscalização do voto direto dado pelo eleitor, bem como revela o seu interesse em aproximar o eleitor do partido político aliado, que conta com o voto do "bom católico", e que estes, não vão se enganar... comprando o discurso do materialismo histórico, como mostra a figura abaixo[57].

Figura 06

As aparições desses discursos anticomunistas foram recorrentes durante todo o ano de 1947, principalmente durante as eleições diretas e com o uso das propagandas eleitorais. Nesse sentido, foi possível constatar, no discurso do jornal *A Semana*, uma tentativa de se diferenciar dos comunistas, demarcando sempre nós/eles. Foi a partir desses discursos que eles buscavam desqualificar a todo custo o comunismo, apontando como solução os seus interesses, ao mesmo tempo em que construía uma oposição ferrenha entre católicos e comunistas.

Percebeu-se que a postura do jornal *A Semana* era de fato anticomunista com base nos preceitos cristãos e operários. É possível, ainda, visualizar no semanário os indícios de uma chamada para a continuidade da obra social construída por Getúlio Vargas, isso aparece em

[57] DÉDA, José de Carvalho. O Cabo Eleitoral. A Semana, Simão Dias-SE, 19 de janeiro de 1947, ano I, n° 20, p.2.

uma matéria publicada em 2 de fevereiro de 1947, intitulada “Abstenção eleitoral”, escrita por Fracinio Silveira Déda: “o PSD levará às urnas, por força do seu bem maior, elaborado programa social, uma votação nunca vista entre nós. Elegeu não um indivíduo,

> (...) mas um político que prometia governar com a maioria com o programa do partido da maioria, com o programa pessedista, continuando assim, a grande obra social do grande Presidente Vargas. (p.2).

Por conseguinte, esse aparato político-ideológico que o jornal adotou não foi homogêneo em toda a sua existência, ora tendia mais para o conservadorismo e ora expressava uma linha mais progressista. Nessa década de quarenta do século passado, apoiou a decisão governamental sobre a cassação do Partido comunista. Logo, isso fica muito nítido nas manchetes do periódico, em uma edição publicada em 30 de março de 1947, José de Carvalho depois de eleito a Deputado Estadual, continuou sendo contrário a tudo que fosse relacionado aos comunistas, matéria intitulada: “Na Assembleia Estadual voto contrário do Deputado Carvalho Déda.

> Na segunda sessão ordinária da Assembleia Legislativa, o Deputado comunista apresentou uma moção em solidariedade aos insurretos paraguaios; O Deputado Manoel Ribeiro, justificou na tribuna seu voto favorável à moção. (...). O Deputado Carvalho Déda, por duas vezes, foi à tribuna, justificar o seu voto contrário à aprovação daquela moção, (...)para a declaração do Sr. Carlos Prestes que considerava aquela revolução como “sua causa”[58]..

Em outra manchete publicada em 23 de março de 1947, intitulada “Golpe comunista no Paraguai”, diz: “Entendam os observadores políticos que os comunistas pretendiam desencadear em todo país um movimento de represália devido a atitude do governo fazendo cassar o registro do PARTIDO COMUNISTA Paraguaio”[59]. Foi possível verificar aí tal posição do jornal, a favor também da cassação do Partido Comunista Paraguaio.

O PSD em Simão Dias- SE baseou-se nas muitas amizades e relações políticas construídas por C. Déda durante a sua interventoria. A aproximação com o varguismo é notória e em parte, garantia o seu sucesso político, como também eram importantes as “ações estaduais”, pois essas possibilitaram o apoio de “lideranças tradicionais” e de algumas figuras que se constituíram durante o Estado Novo. Assim, sintetiza Rafael Navarro Costa (2019, p. 46): .

[58] DÉDA, José de Carvalho. Na Assembléia Estadual. Voto contrário do Deputado Carvalho Déda. A Semana, Simão Dias-SE, 30 de março de 1947, n°30, ano I, p.1.
[59] DÉDA. José de Carvalho. Golpe Comunista do Paraguai. A Semana, Simão- SE, 23 de março de 1947, ano I, n°29, p.2.

> A organização do PSD pelos interventores tinha por objetivos manter coeso o grupo formando no decorrer do Estado Novo e proporcionar a continuação desta elite no poder participando efetivamente da transição para o regime democrático. (COSTA, 2019, p. 47).

As lideranças do PSD no município de Simão Dias já estavam consolidadas e se expressavam através dos candidatos estaduais eleitos em 1947, como o próprio José de Carvalho Déda e o seu conterrâneo Marcos Ferreira de Jesus, ambos para Deputado Estadual. Neste sentido, o jornal *A Semana* publicou uma edição em 23 de março de 1947, intitulada "A estaca de 1.139".

> Apuradas as eleições, feita a proclamação, saí eleito por 1.139 votos, ora conquistada, não pertence propriamente a mim, mas aos meus amigos e correligionários, pertence a Sergipe, pertence ao chefe e amigo Desembargador Gervásio Prata que sucedeu ao chefe Joviniano Carvalho.[60]

DEPUTADO
Carvalho Déda

DEPUTADO
Marcos Ferreira

Viajou para a Capital do Estado, onde assumiu ontem a sua cadeira na Camara Estadual deste Estado o Deputado José de Carvalho Déda, um dos nossos Diretores.

Figura 7

Nesse sentido, o projeto getulista ia ganhando força entre os candidatos eleitos no ano de 1947. O jornal *A Semana*, com muito entusiasmo público, lançou uma edição de 6 de abril desse mesmo ano, para felicitar o novo governador pessedista, intitulada: "Governador José Rollemberg Leite empossado no cargo de governador do Estado de Sergipe, no dia 30 de março

[60] Idem, (p.1)

de 1947, perante a Assembléia Legislativa do Estado o excelentíssimo Senhor Doutor José de Rollemberg Leite, eleito nas urnas livres de 19 de janeiro do corrente ano pelos partidos coligados: PSD, PR e PTB".

> (...) o governador José Rollemberg, do senador Augusto Maynard e dos Deputados, Leite Neto, Carvalho Déda e Marcos Ferreira. Daí saiu visitando as residências dos políticos mais em evidência nesta cidade filiados ao PSD. Vários oradores, teceram elogios ao grande chefe do Diretório local, o eminente Desembargador Gervásio de Carvalho Prata e outros próceres pessedistas e repetidos vivas eram proferidos pela multidão aos Deputados Carvalho Déda e Marcos Ferreira.[61]

Em síntese, as campanhas políticas desse período são elementos importantes para a análise da dinâmica política simãodiense. Através da investigação dessas matérias e da propaganda eleitoral foi possível identificar no discurso político-jornalístico a apropriação do sagrado, para propagar uma ideologia de base anticomunismo. E, além disso, no discurso do jornal *A Semana*, houve uma tentativa de se mostrar diferente dos comunistas, desqualificando-os, reforçando que o "bom católico" jamais votaria em candidatos comunistas, apontando ainda, os interesses deles em construir uma barreira sólida contra os "inimigos da Pátria".

2.3. "O perigo é vermelho": a construção do discurso da diferença entre "bons cristãos" e "maus cristãos"

A análise de discurso, como recurso metodológico, possibilitou identificar que o jornal *A Semana* combateu o comunismo, por meio da classificação de pessoas entre "bons" e "maus" cristãos. A Liga Eleitoral Católica (LEC) foi formada em 1932, por Dom Sebastião Leme e Alceu Amoroso Lima, no Rio de Janeiro, como uma organização subordinada à Ação Católica e controlada pela hierarquia clerical. Nesse sentido, esta ação indireta constitui em orientação e no esclarecimento dos católicos durante os processos eleitorais. Isto implicava desde alistamentos daqueles aptos a votar até na escolha dos candidatos indicados pela mesma.

Esses dois campos simbólicos, "bons" e "maus" cristãos, por mais que fossem diferentes, estavam imbuídos do mesmo jogo político-partidário, podendo ser inclusive do mesmo partido político, mas em momentos de campanhas eleitorais afloram todas as

[61] DÉDA, José de Carvalho. Governador Dr. José Rollemberg Leite. A Semana, Simão Dias- SE, 6 de abril de 194, n°31, ano I, p.1.

divergências. Buscou-se, na pesquisa, compreender o posicionamento do editor de A Semana frente aos princípios dogmáticos da Igreja Católica, bem como a forma como a LEC se articulava e apoiava os partidos políticos, em particular o Partido Social Democrata - PSD. Em meados da década de 1940, Carvalho Déda era um pessedista que gostava de se autodenominar como um "democrata". No entanto ele avisa, em discurso político proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe durante o processo de cassação do registro do PCB pelo Supremo Tribunal Eleitoral,

> Seremos intransigentes neste particular. Nós os democratas que representamos aqui diversos partidos, a qualquer momento poderemos transigir democraticamente uns com os outros, porque, por exemplo, entre o Partido Social Democrata e o Partido Republicano, já existe uma coligação entre P.S.D. e a U.D.N. não existe nenhum abismo que os separem. Eu que tenho a honra de ser pessedista, poderei amanhã, ou hoje mesmo, ser udenista, porque a Pátria da U.D.N. é a mesma Pátria do P.S.D. Poderei pertencer ao Partido Trabalhista como poderei pertencer a qualquer partido nitidamente brasileiro. (...) Repito que não será para mim deshonra se vie amanhã tornar-me udenista. Não direi o mesmo com o Partido Comunista, porque, proletário que sou, não quero a Rússia como minha Pátria, porque a Rússia não me viu nascer.[62]

No contexto da Guerra Fria, essa denominação de "maus" ou "bons" cristãos aparecia associada às distintas ideologias: comunista ou anticomunista e capitalista. Ser visto como um comunista era ser tachado de um "mau" cristão e de praticar o ateísmo. Ao falar do Manifesto de Convocação do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, lançado em 1947, que fez referência à União Soviética como "fortaleza do socialismo, pátria do Proletariado!", Déda disse: "Nós os democratas, nós os proletários brasileiros, não queremos esta madrasta porque temos viva a Mãe-Pátria que vai do Amazonas ao Prata e continuará a viver em nossos corações. Cada povo tem a sua Pátria que não se confunde com as outras". Fala, ainda, em repudiar a Rússia porque "amamos a liberdade" e a descreve como "estrangeira", ``anticristã" e "madrasta comunista".[63]

Para relembrar, o comunismo emergiu no Brasil pouco antes da Revolução Russa de 1917 e se fortaleceu com o surgimento do Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922. Antes disso, o domínio político era dos anarquistas, sindicalistas e operários fabris da corrente do anarco-sindicalismo, que entrou no país com a onda imigratória de italianos no final do século XIX. De acordo com Carla Silva (2000), o anticomunismo foi também forjado antes de 1917, sendo contrário ao comunismo e a favor da ordem capitalista. Com o advento da Revolução Russa (1917), os temores contra os ditos "Vermelhos" (bolcheviques) se acirraram

[62] Fala, aos seus pares, o nosso diretor José Carvalho Déda, na Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe. A Semana, 1 de junho de 1947, p.1.
[63] Idem, p.1.

em todo mundo, espalhando a ideologia anticomunista. Assim, as políticas implementadas pelo governo soviético a partir da Revolução, de perseguição aos membros dos templos religiosos, fizeram com que o temor dos católicos se intensificasse e concomitantemente, aumentasse a sua disposição contrária aos comunistas.

Para além disso, foi necessário fazer uma reflexão para encontrar subsídios que contribuam para abordar as novas expressões das relações de dominação e de poder. Neste sentido, Ennes e Marcon (2014) propõem uma perspectiva metodológica que auxilia na análise da formação dos processos identitários. Nisto, os autores propõem um entendimento, seja de maneira direta ou indireta, de que os processos identitários são importantes porque consideram o envolvimento de diferentes atores sociais, como personagens individuais ou de algum modo articulados a um determinado grupo social.

> (...) envolvem a) os atores sociais de algum modo articulados a grupos, b) os motivos de disputas de pertencimento ou não a tais grupos, c) os elementos morais e normativos que regulam o meio pelas quais estes autores entram em interação pelo que disputam e b) os contextos históricos e sociais nos quais são produzidos e, ao mesmo, contribuem para sua produção. (ENNES, MARCON, 2014, p.227).

Os processos identitários foram pensados de fato como fenômenos sociais dinâmicos, perpassados pelas relações de poder, tal como afirmam os autores supracitados. Através desses processos identitários, os atores estabelecem relações de disputa por um bem ou objeto material ou simbólico. No caso das identidades, também está em disputa o poder de nomear, autonomear-se e aceitar ou resistir à nomeação imposta pelo outro. Para essa pesquisa, importa a classificação de católicos e não católicos, comunistas e anticomunistas e pessoas “boas” ou “ruins” do ponto vista religioso, pois são essas dicotomias que mais aparecem nas matérias do jornal analisado, demonstrando uma certa superficialidade na análise da realidade social e política.

Nessa linha de argumentação, Cuche (2002) defende que na relação de força dos indivíduos pela disputa pelo poder simbólico ou material entra, inclusive, a capacidade de nomeação, que implica em classificar, hierarquizar e dar significado moral e político a algo ou a indivíduos, no âmbito das relações sociais. Como nos lembra Francisco Falcon (1997), influenciado pela renovação da história política na década de 1970, compreende-se o poder em uma perspectiva mais ampla, como estando presente nas diversas esferas das relações entre os indivíduos e enraizado no social.

As disputas pelo poder não são necessariamente caracterizadas pelas relações produtivas, mas envolvem questões de valores e crenças construídas coletivamente, tanto em termos políticos como religiosos. Para Stuart Hall (2003) citando Roland Barthes, para além dos bens materiais ou imateriais, os grupos que se fortalecem em torno das identidades que se encontram em disputa pelo manuseio e pelo controle dos signos, mais especificamente sobre o que e como os bens e outros significantes podem significar socialmente.

A perspectiva de Woodward (2014) permitiu pensar as identidades como um processo relacional, assim, identidade e diferença se relacionam. A visão empregada de identidade é bem diferente do que se costuma afirmar, pois a identidade não é o oposto de diferença, muito pelo contrário, existe uma relação de dependência. Deve-se ainda pensar que a diferença é construída a partir do plano simbólico e social, sendo marcada por meio de sistemas classificatórios, ou seja, aquilo que divide o nós e o eles. Nessa análise, a autora afirma que "a marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação" (WOODWARD, 2014, p.42).

Partindo desses pressupostos, os sujeitos históricos têm um papel fundamental no processo de construção das identidades. Nesse aspecto, as relações de construção dessa identidade vão além do individual, abrangendo às relações sociais, ou seja, o mundo exterior. Refletindo sobre isso, não poderíamos deixar de mencionar Pierre Anderson (2008), que explicitou a noção de construção da identidade nacional, a partir do momento que esta é pensada e imaginada pelos indivíduos, ou seja, o reconhecimento de pertencimento a um determinado grupo é uma construção simbólica, que existe a partir dos sujeitos que dele fazem parte. Para Anderson (2008) uma nação,

> (...) é imaginada porque mesmo que os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p. 32).

Logo, Rodrigo Patto Sá Motta (2002) ressalta que, o clero brasileiro empenhou-se maciçamente para "recristianizar" a população do país, que em sua ótica estaria se afastando cada vez mais dos ideais cristãos. Ademais, o "fortalecimento da postura de combate ao comunismo derivada do medo que a hierarquia sentia em relação a uma possível penetração da ideologia inimiga nos arraiais católicos".

Em síntese, foi possível identificar uma postura no discurso do jornal *A Semana*, no que diz respeito a uma tentativa de diferenciar os comunistas dos cristãos. Essa diferenciação

aparece no momento em que os jornalistas classificavam apoiadores políticos e opositores, ou seja, mesmo aqueles que não eram comunistas, se não apoiasse a Igreja, a mesma classificaria como sendo comunista, a fim de desmoralizar a imagem do seu opositor. Demarcando assim, nós/eles, ou melhor dizendo, nós cristãos e eles os anticristãos. Nesse sentido, C. Déda como católico buscou, a partir da montagem de seus discursos, desqualificar o comunismo, apontando o interesse deles em construir uma oposição entre catolicismo e comunismo, ou seja, seu opositor, deixando claro a distinção nas identidades e posturas ideológicas destes dois grupos. Ao ponto que ele ia reforçando sua cultura identitária tecida nas relações de poder.

Logo, contextualizar esse discurso do jornal *A Semana* foi crucial para compreendermos a construção da diferença entre ser cristão e não ser cristão, no jogo de lutas pelo poder simbólico e material. Isso faz parte de uma retórica da Igreja e de seus apoiadores para proliferar a moral cristã, desde de pelo menos o século XIX. Então e por fim, o discurso do jornal não se diferencia em sua totalidade do posicionamento da cúpula da Igreja Católica, vindo também a confirmar muitas das argumentações historiográficas, a de que a Igreja é a principal instituição que não mediu esforços para derrubar o seu oponente, sendo ele comunista ou não, para isso bastava que a mesma classificasse o indivíduo como sendo não-cristão ou herege.

Após o ano de 1953, ano de sua reabertura depois de 6 anos com as atividades suspensas, o jornal não somente evidenciou a articulação entre o discurso político e o religioso, como também passou a defender as ações práticas da Igreja Católica. Com a manchete principal de capa – "A transformação social poderá ser processada pacificamente – o papel da Igreja"[64], o diretor responsável relatou a guinada dessa instituição pelo social, principalmente pelo seu interesse em lutar pela fixação do homem no campo, dando-lhe "condições humanas e cristãs de vida". Desse modo, os religiosos criaram as "Missões Rurais", uma iniciativa muito valorizada pela *A Semana*, que segundo Carvalho Déda, preparavam o terreno "para a inevitável transformação social". A ideia de interferência no social estar ligada ao desejo de se evitar que a violência se espelhasse pelo campo. Na verdade, lideranças religiosas e políticas, como Dom Fernando Gomes, Bispo Diocesano, e o Dr. Belmiro Góes, participaram de um evento em Simão Dias para promover um pacto social entre patrões e trabalhadores rurais. Nesse evento,

[64] Déda, José de Carvalho. A transformação social pode ser processada pacificamente - O papel da Igreja. A Semana, Ano VII, Nº 46, p.1. 15 de agosto de 1953.

o Bispo discursou na presença de muitos camponeses. Ao comentar esse discurso, o diretor do jornal disse:

> Seguro conhecedor das condições infra-humanas das populações rurais nordestinas, o ilustre prelado abordou vários aspectos do problema social, ensinando a patrões e trabalhadores os seus direitos e deveres mútuos, na conformidade dos princípios cristãos, advertindo que a inevitável transformação social poderá realizar-se por meios violentos, envolvendo patrões e trabalhadores num círculo de misérias e sofrimentos, mas também, poderá processar-se de forma pacífica com excelentes resultados para todos, desde que orientados pelos princípios cristãos.[65]

Nessa visão veiculada em *A Semana*, o papel da Igreja Católica deveria ir além de sua influência religiosa, alcançando com suas interferências o social e o econômico, para promover a ordem e a paz. Uma coluna muito importante que apareceu em vários exemplares e inclusive nesse ano de 1953, chama-se Coluna ou Sessão dos Lavradores, escrito por um tal de João Sem Terra. Vejam aí a preocupação do editor, que usa essa alcunha, com um propósito de se aproximar mais das causas humanitárias e a favor do homem humilde do campo brasileiro. Nela, Carvalho Déda demonstra ainda, um caso de convivência pacífica entre patrão e empregado. Fala da visita de um jornalista à fazenda do proprietário Cândido Dantas de Mendonça, que empregou um método de produção mais humanista. *A Semana* exaltou esse tipo de visão porque incluía no sistema produtivo os lavradores com ou sem terra: "... onde vi aquilo que desejava fosse visto por muita gente por aí afora: a demonstração de que o proprietário pode fazer o uso da propriedade equilibrando o seu interesse próprio ao interesse social, independente de leis, muitas vezes mal executadas. Em 'Rio dos Negros', o trabalho se desenvolve sem as 'torniquetas' (sic) da ambição do capital". E continua, na ausência do proprietário no momento de sua visita, o jornalista entrevistou o "feitor" da fazenda, Isaias Alves da Silva, que disse: "O trabalhador, aqui se dá muito bem, pois 'Seu Candinho' não quer terra prá guardar no bahú, não!..."[66]

Nesse mesmo exemplar, outra matéria que se destacou foi "A tragédia do Baependi", onde se faz uma homenagem cívica ao 15 de agosto, que representa uma data histórica importante ligada à II Guerra Mundial. Os dois fatos comentados aconteceram nesse mesmo dia e são cada vez mais caros para a historiografia brasileira e em particular, para a de Sergipe:1- em 1942, houve o torpedeamento de um navio da Marinha brasileira, "Baependi", por militares alemães na Costa sergipana (foz do Rio Real), nesse episódio morreram muitas pessoas, a maioria sergipana. Depois da tragédia, "o povo sergipano foi o primeiro a sair para as ruas

[65] Idem, p.1
[66] Idem, p.1

reclamando do Govêrno Brasileiro o estado de beligerância em revide à agressão estúpida, injusta e não provocada. A data de hoje lembra assim o primeiro tributo de sangue dos brasileiros na segunda guerra mundial"; 2- em 1944, onde ocorreu das "fôrças da democracia invadirem o sul da França ocupado pelos nazistas. Começou então a declinar o pandemônio totalitário". Constatou-se, nas argumentações dessa matéria, mais uma vez a visão política do editor responsável contrária aos extremismos políticos, seja de direita ou de esquerda.[67]

Outra modificação ocorrida na Igreja Católica foi a criação do "Apostolado de Oração em Simão Dias"[68] com o objetivo de recristianizar os católicos, ou seja, a família cristã deveria se afastar das doutrinas heréticas e exóticas, com isso a Igreja se mantinha próxima dos fiéis. Neste aspecto, a preocupação com o comunismo transformou-se em tema para os sermões dominicais nas pequenas e grandes paróquias espalhadas pelo país, pregação que permanece na memória de muitos católicos até hoje. Incentivou multidões a irem às ruas para rezar o terço, pedindo proteção a Deus contra a ameaça do comunismo. Como mostra a imagem abaixo:

[67] Idem, p.1
[68] Idem p.1

A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL PODERÁ SER PROCESSADA PACIFICAMENTE— O PAPEL DA IGREJA—

A SEMANA

PERIODICO NOTICIOSO E LITERARIO

O PROBLEMA SOCIAL E A IGREJA

COLUNA DOS LAVRADORES

A TRAGEDIA DO "BAEPENDY"

A SAUDE DO POVO

RETIFICAÇÃO

Figura 8

. Matéria do jornal A Semana. José de Carvalho Déda. A transformação social pode ser processada pacificamente - O papel da Igreja. A Semana, Ano VII, Nº 46, p.1. 15 de agosto de 1953. Arquivo: memorial de Simão Dias, arquivos em CD.

Em síntese, o papel da Igreja nessa conjuntura política não se restringe ao terreno religioso, mas estende-se ao campo socioeconômico. "O congresso Eucarístico Diocesano, ao realizar-se nesta cidade, tem, além do mais, esta finalidade: preparar o homem do campo para receber, como cristão, a transformação social que se aproxima" [69] . Em "O problema social e a Igreja", o autor busca "ensinar patrões e trabalhadores os seus deveres cristãos e sociais, e isso poderá evitar que os pescadores de águas turvas"[70], ou seja, que não movimentam os trabalhadores rurais, incentivando a reivindicações e greves como foi feito nas cidades com os operários nas fábricas, e assim os mesmos possam desenvolver suas atividades nos campos

[69] Idem p.1
[70] Idem p.1

passivamente. Neste sentido, como bem aborda Mainwaring (2004), “os reformistas acreditavam que a mudança política era necessária para criar uma sociedade mais justa, rejeitavam as transformações radicais”. (MAIWARING, 2004, p.66).

Como já foi destacado, no período de 1955-1964, surgiu um movimento reformista na Igreja, que enfatiza sua função social, bem como o surgimento de uma Igreja popular entre os anos de 1964-1973, que adotou uma postura marcadamente progressista. É óbvio que nem sempre essa postura se mantém, afinal, em outras matérias , especificamente em uma matéria de 1956, faz crítica tanto ao capitalismo materialista tão quanto ao comunismo, “[...] os homens se distanciam, cada vez mais, , da doutrina unicamente certa benfazeja do Cristianismo, empolgados pela miragem de falsas e errôneas ideologias” [71].

Ao traçar o panorama internacional, o jornal faz uma retrospectiva de 1927 quando o mundo cristão se voltou atentamente para cidade do Vaticano, trazendo a importância da Igreja Católica e da figura do Papa Pio XI, que tinha como objetivo ser o guardião legítimo da doutrina da moral e dos ideais cristãos. Verificando que o comunismo continuava sendo um opositor dos dogmas da Igreja. “[...] ontem como hoje, seriamente ameaçados por essa onda de materialismo negativista e absorvente que avassala todas as pátrias”[72]

Dentro do quadro histórico nacional, a década de 1930 representa um marco na trajetória da política social brasileira, uma vez que a “questão social” passa a receber um tratamento diferenciado em relação ao período da Primeira República, ou seja, transformou -se em questão de interesse prioritário durante o governo de Vargas. Neste aspecto, até 1930, a “questão social” era vista pelas oligarquias no poder como um “caso de polícia”, e não de política. A partir dessa década, a questão social passa a ter um novo olhar definido pelo Estado Novo. Nessa ênfase, Ângela Gomes (1983) discute as várias medidas, decretos do governo para conceder benefícios aos trabalhadores, como por exemplo, o salário mínimo, a legislação previdenciária, sindical e trabalhista, etc.

O que se observa é que a Igreja Católica sempre teve um papel importante na política junto aos grupos conservadores ou progressistas. Partindo desse pressuposto, Jovelina Silva Santos (2004) nos leva a refletir sobre a Igreja no XX, fazendo referência ao pensamento político e social desta, pensando na Doutrina Social da Igreja (DSI), que influenciou de forma

[71]Déda, José de Carvalho. Surto admirável de progresso. A Semana, Simão Dias-SE, 21 de janeiro de 1956, n.173, p.1.
[72] Déda, José de Carvalho. Panorama Internacional. A Semana, Simão Dias- SE, 26 de maio de 1956, p.1.

considerável o pensamento de sua hierarquia, principalmente a partir da encíclica " Rerum Novarum: sobre a condição dos operários". Sendo essa uma Doutrina de ensinamentos com relação à preocupação com o social, materializando-se em numerosas encíclicas papais. " Tal encíclica foi publicada por Leão XIII em 1891, buscando uma solução baseada na "justiça" e na "equidade" para os problemas dos operários". (SANTOS, 2004, p.32).

Além disso, neste documento publicada por Leão XIII, a Igreja se posiciona frente ao comunismo/socialismo, abordando a necessidade de auxiliar as classes tidas como inferiores, ou seja, os operários. Basicamente, nessa fonte, os membros da hierarquia superior da Igreja defendem os patrões e seus bens, acusando os defensores do socialismo de se aproveitar dessa situação para incitar o ódio nos pobres, por isso a necessidade de doutrinar e disciplinar a classe operária contra os "inimigos da Pátria", buscando apoio do Estado para tal realização.

Nas cartas da Encíclica publicadas pelo Papa[73], em diferentes datas, ocupa lugar de singular relevo a condenação ao comunismo moscovita, fazendo semelhanças com o nazismo na Alemanha. Essas cartas foram espalhadas por diversos países, a fim de combater o "inimigo comum". A Igreja Católica tinha um papel bem definido na sociedade, voltado para os problemas sociais, com atenção especial para os trabalhadores rurais. Na matéria do jornal A Semana, intitulada " A Igreja está alerta", de 16 de junho de 1956[74], trata do fato da Igreja não se descuidar dos problemas nacionais, caminhando na vanguarda para a solução dos problemas sociais, sob a égide do cristianismo. De acordo com Jovelina Silva Santos (2004 apud Leão XIII, 2004, p.18/19):

> Façam os governantes uso da autoridade protetora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos deveres; tratam os operários, cuja sorte está em jogo, seus interesse pelas vias legítimas; e, visto que só a religião, como dissemos a princípio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos de que a primeira coisa a fazer é a restauração dos costumes cristãos, sem os quais os meios mais eficazes sugeridos pela prudência humana serão pouco aptos para produzir salutares resultados. [75]

Então, nota-se que o cristianismo se apropria dos movimentos da classe trabalhadora, não somente para disseminar os dogmas da Igreja, mas para manter seus privilégios junto ao

---

[73] As encíclicas do pontificado de Leão XIII, que antecederam a Rerum Novarum e tratam de problemas que aludem à necessidade de interferência da Igreja para restituir a ordem social e a moral cristã nas instituições sociais são: *Encíclica Sapiente Chistiane* (1890), que advertia os cristãos de seus deveres como cidadãos; *Encíclica Quod Apóstilic Muneris* (1878), uma severa objeção aos princípios do socialismo; *Encíclica Libertas (1888*), ataque aos princípios que defendiam a liberdade humana. (Santos, 2004, p. 18).

[74] DÉDA, José de Carvalho. A Igreja está alerta. A Semana, Simão Dias- SE, 16 junho de 1956, n°194, ano X, p.4.

[75] Para mais aprofundamento ver; LEÃO XII. Encíclicas Rerum Novarum - Sobre a condição dos operários. In Documentos Pontifícios Sobre Questões Sociais Câmera dos Deputados, Brasília, 1967, p.294.

Estado e à classe dominante do país. Assim, enfatiza Rodrigo Patto Sá Motta (2001) que, a manipulação oportunista do medo ao comunismo assumiu características diferentes ao longo do tempo e se prestou a objetivos diversos; Ele continua a afirmar que vários agentes sociais exploraram o anticomunismo: o próprio Estado, a imprensa, grupos políticos e líderes políticos, órgãos de repressão e mesmo a Igreja (...). Os ganhos podem ser políticos, na forma de votos, por exemplo, ou apoio popular.

Foi perceptível que o projeto de nação, inaugurado desde a época de Getúlio Vargas, teve certa continuidade, no qual os comunistas deveriam ser afastados, os mesmos estariam além da defesa nacional e da ordem social, ou seja, dos bons "valores" e "costumes" da sociedade "cristã ocidental". A Igreja católica passou a atuar no segmento político, mantendo ativo o discurso de preservar a integridade de seus fiéis, indicando o caminho para comandar a nação junto com seus aliados políticos contra os "inimigos" da nação, os comunistas. Isso se intensificou cada vez mais, a Ação Católica mostrava sua força na divulgação de notícias de adesão, principalmente dos adeptos do movimento anticomunista.

Enfim, a Igreja se apropriou do discurso anticomunista, como formar de barrar o avanço do socialismo/comunismo, assim, foi em torno das fronteiras imaginárias de classificação "bons/maus", que foi construída uma ideia de oposição. Logo, contextualizar tal oposição foi crucial, lembrando que essa construção da diferença faz parte da retórica da Igreja Católica desde o século XIX.

3. PODER E SOCIEDADE: A PROPAGANDA POLÍTICA DE JOSÉ DE CARVALHO DÉDA

José de Carvalho Déda, mais conhecido como Zeca Déda, homem conhecido e renomado por parte da sociedade sergipana, exerceu um papel importante na política e no jornalismo, tendo se destacado por sua bagagem intelectual e isso, se refletiu em sua produção para diversos jornais sergipanos, em particular o seu próprio periódico *A Semana*, bem como Correios de Aracaju, entre outros. O seu poder de influência e persuasão foram observados na difusão de sua escrita e em ações políticas e jornalísticas. Nesse sentido, Norbeto Bobbio compreende o conceito de poder, como em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos. (Bobbio, p.933).

Diante disso, os modos de exercício de poder são múltiplos. Ao defini-los, Bobbio (1998) classifica os seus tipos como ações que envolvem a persuasão, a manipulação e a ameaça de uma punição, por promessa de uma recompensa. Neste aspecto, muitos autores falam tão somente do Poder de coação, no entanto, o Poder que estamos falando aqui se refere ao de persuasão, ou melhor dizendo, o poder difundido nas relações políticas. E ainda, a noção de Poder foi utilizada para interpretar os mais diversos aspectos da sociedade, desde os pequenos grupos da administração de produção, nas famílias e classes sociais.

Todavia, o Poder se destaca na política, ou seja, nas relações dos fenômenos políticos. A partir da análise de Max Weber, tornada clássica, o Poder foi especificado em três tipos puros: Poder legal, Poder tradicional e Poder carismático. De maneira que, “O Poder legal, que é especificamente característico da sociedade moderna, funda-se sobre a crença na legitimidade de ordenamentos jurídicos que definem expressamente a função do detentor do Poder” (Bobbio, 1998, 940). Já o tradicional, baseia-se sobre a crença de caráter sacro do poder existente e que sempre existiu. E o poder carismático, fundamenta-se na dedicação efetiva do chefe, podendo ser o seu caráter sacro ou uma força heroica. Neste sentido, a fonte do Poder se conecta com o que é novo, e por isso, o Poder tende a não suportar vínculos predeterminados. O aparelho administrativo do poder é a sua burocracia, com uma hierarquização estabelecida entre superiores e subordinados.

Logo, o conceito de Poder é de extrema importância para essa pesquisa, pois, possibilitou identificar as relações de poder estabelecidas por Zeca Déda, através de seus

escritos jornalísticos em A Semana e outros órgãos de comunicação, com também na produção de seus discursos políticos como Deputado Estadual do estado.

Tudo isso, refletiu também no jornal A Semana, principalmente na seção Coluna de Lavradores, com a utilização por esse jornalista do pseudônimo de João Sem Terra. Exercendo o seu poder de influência política no município, o mesmo defendia a Reforma Agrária[76] , sempre pelo viés do conservadorismo e do anticomunismo. Como um defensor da agricultura nordestina, o mesmo fez uso e incentivou a reforma no campo, para houvesse uma maior produção de gêneros alimentícios. Por isso, o presente capítulo tem por objetivo tratar da problemática do anticomunismo, alicerçado em sua maioria pela classe dominante, que serviu, enquanto ideologia, de instrumento de propaganda política, defendendo a reforma agrária nos limites do sistema capitalista e excomungando as tais Reformas de Base, tidas como comunista. Além disso, essa pesquisa analisa a importância da imprensa local na política, por meio da propagação de seus ideais, tendo em vista a forma como saiu em defesa da manutenção de governos tradicionais, tendo ainda, colaborado no mapeando de seus adversários políticos.

.

3.1. Zeca Déda: reforma agrária e anticomunismo

O semanário *A Semana*[77]voltou a circular novamente depois de 7 anos de interrupção, por forças maiores, como a falta de maquinários e verbas para manter a circulação do mesmo, e ainda assim, teve uma boa aceitação pela sociedade simão-diense devido, em parte, ao fato de ser o único jornal em circulação no município à época. Segundo Amanda de Oliveira (2020), ele se destacou dos demais semanários existentes no território sergipano, "em razão da secção "A Piada da Semana", na qual publicava-se charges e caricaturas sobre os diferentes acontecimentos" (SANTOS, p.49), dentre esses mencionados pela autora, a questão da terra, que aparece em manchetes da Coluna de Lavradores/ João Sem Terra.

[76] "A Reforma Agrária pode ser caracterizada como um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra na sociedade e garantir o seu acesso, distribuindo-a a todos que quiserem fazer produzir e dela usufruir". (Stedile, 2020, p.11).

[77] "A Semana teve a sua circulação interrompida entre 1947 e 1953, depois por um curto período de meses, em 1967. (...). Com relação ao segundo interregno, seu editor começou a apresentar os primeiros sinais de convalescença que levaram a óbito no dia 02 de setembro de 1968. Entre os anos de 1967 e 1969, Carlos Alberto assumiu o jornal, precisando encerrar suas atividades em definitivo, em razão da sua profissão de funcionário no Banco do Nordeste, que vez ou outra, o obrigava a migrar". (SANTOS, Claudefranklin Monteiro, 2020, p.291).

Uma coluna muito importante que apareceu em vários exemplares e inclusive nesse ano de 1953, chama-se Coluna ou Sessão dos Lavradores, escrito por um tal de João Sem Terra. Vejam aí a preocupação do editor, que usa essa alcunha, com um propósito de se aproximar mais das causas humanitárias e a favor do homem humilde do campo brasileiro. Nela, Carvalho Déda demonstra ainda, um caso de convivência pacífica entre patrão e empregado. Fala da visita de um jornalista à fazenda do proprietário Cândido Dantas de Mendonça, que empregou um método de produção mais humanista. *A Semana* exaltou esse tipo de visão porque incluía no sistema produtivo os lavradores com ou sem terra: "... onde vi aquilo que desejava fosse visto por muita gente por aí afora: a demonstração de que o proprietário pode fazer o uso da propriedade equilibrando o seu interesse próprio ao interesse social, independente de leis, muitas vezes mal executadas. Em 'Rio dos Negros', o trabalho se desenvolve sem as 'torniquetas' (sic) da ambição do capital". E continua, na ausência do proprietário no momento de sua visita, o jornalista entrevistou o "feitor" da fazenda, Isaias Alves da Silva, que disse: "O trabalhador, aqui se dá muito bem, pois 'Seu Candinho' não quer terra prá guardar no bahú, não!..."[78]

Foi possível visualizar ainda esses indícios dessa visão conservadora de C. Déda em uma matéria do dia 18 de julho de 1953, na qual este intitulava o povo brasileiro como sendo conservador ao dizer que na campanha eleitoral, o Presidente Getúlio Vargas, então candidato, colocou a questão da reforma agrária em seu cartaz de propaganda política, talvez isso tenha sido uma forma de reparação, uma vez que os trabalhadores foram excluídos da legislação trabalhista,

> o assunto é de veras complexo, sobre tudo para um povo como nosso de tendências positivamente conservadoras. Talvez por isso já decorridos dois anos de governo, a reforma não saiu do terreno das cogitações.[79]

Logo, na década de 1950 assistiu-se ao reconhecimento governamental de que havia uma questão agrária dentro do sistema capitalista, de que se pretendia desenvolver no Brasil. Os elementos para uma política agrária séria decorriam de uma nova visão da agricultura como um plano secundário do projeto de desenvolvimento nacional. Ana Maria (1989), ao tratar dessa questão da reforma agrária, disse que o tema frequentou as discussões políticas no Brasil, principalmente a partir da década de 1950 e no momento em que o Golpe civil-militar

[78] DÉDA, José de Carvalho. A transformação social pode ser processada pacificamente - O papel da Igreja. A Semana, Simão Dias- SE, Ano VII, Nº 46, 15 de agosto de 1953 p.1.
[79] DÉDA, José de Carvalho. A Reforma Agrária. A Semana, Simão Dias-SE, Ano VII, N°42, 18 de julho de 1953, p.1.

interrompeu o processo de democrático e impôs um novo modelo de política agrária em 1964. Ela enfatiza, ainda, que: mas nas décadas de 1950 e de 1960, com algumas diferenças em relação às tradicionais propostas de modernização e diversificação da agricultura os projetos apresentados no âmbito do poder Legislativo enfatizavam a reforma agrária como mecanismo de superação dos obstáculos ao desenvolvimento e dos desequilíbrios resultantes do modelo econômico privilegiado no período,

> a industrialização brasileira esgotava e sua primeira etapa e o pacto com o populista dava sinais de crise , necessitando ambos de ações mais avançadas para dar continuidade ao projeto desenvolvimentista e integrar setores sociais até então deixados de fora. Isto poderia significar o rompimento, pelo menos em parte, com interesses dominantes no campo. (Santos, 1989, p. 2).

Intensificou-se então a apresentação de projetos relativos aos problemas agrários na Câmara de Deputados do Estado de Sergipe e no Brasil afora, ao mesmo tempo que eram estimuladas a aprovação de emendas constitucionais, com vistas a acelerar o processo de reformas, como também houve a definição do direito à propriedade privada. Em uma edição de 25 de julho de 1953, intitulada "Camponio Sem Terras" por Fracinio Silveira Déda, ele disse que, "Nesses últimos meses tem se voltado a falar numa reforma agrária. Projetos e ante-projetos". Leis agrárias e Serviço Social Rural têm sido apresentados por Luciano Pereira da Silva, Silvio Echenique,

> Alfranio Carvalho, Nestor do Duarte, Gilenio Paranhos; e ultimamente a Imprensa do País, chama por uma reforma agrária, como meio de solução para a nossa produção. (...) É verdade como disse o deputado Nestor Duarte: "a Reforma Agrária brasileira não pode ser de um golpe". Detestamo o comunismo, como fugimos do socialismo coletivista para ficarmos com a verdade proferida por Leão XIII: - "A propriedade privada constitui para o homem um direito natural". [80]

Com base nisso, Ana Maria enfatiza que: "boa parte desses projetos, não propunham uma reforma agrária, apresentavam mecanismos que pudessem viabilizá-lo. Outros apontavam formas de atender às demandas do campo e do desenvolvimento, evitando a solução mais radical da reforma agrária". (SANTOS, 1989, p.4). Obviamente, a luta pelo direito à terra levou ao reconhecimento da necessidade de se realizar a reforma agrária, agora o problema que se desenvolveu em torno dessa questão foi: Como será feita? Sabe-se que o direito à propriedade privada, no Brasil, serviu para a construção de uma estrutura fundiária conservadora e excludente.

[80] DÉDA, José de Carvalho. Camponio Sem Terras. A Semana, Simão Dias- SE, 25 de julho de 1953, Ano VII, N°43, p.4.

Uma forma, em geral, de pensar sobre a necessidade da reforma agrária está alicerçada e associada a um projeto socialista, que seria anacrônico considerar esse projeto no capitalismo liberal. No entanto, o que se discute no jornal *A Semana* é a legitimação de como fazer reforma agrária e como essa pode se efetivar em um país capitalista. Assim, o poder estatal continua a agir como mediador dos interesses burgueses. Foi sobre essa ótica que, Raul Cezar Bergold (2002) trouxe o debate sobre a reforma agrária, invocando em sua análise o direito de manutenção da propriedade rural. A apropriação de terra, como um bem escasso e meio de produção de riquezas, foi considerado, então, sob perspectivas antagônicas: a capitalista e a socialista. E de acordo com a titularidade da propriedade, configura-se como privada na primeira e socializada na segunda.

Já Stedile (2020) sintetizou, ao tratar das experiências históricas de reforma agrária no mundo, a noção de reforma agrária, na perspectiva de sua adoção no século XX, como uma síntese dos programas ou propostas de democratização do acesso à terra do país: " No passado, mesmo em modos de produção anteriores (como o asiático ou mesmo o estágio mercantil do capitalismo) houve experiências históricas de democratização de acesso à terra em diversas sociedades, porém sem a utilização da expressão "reforma agrária". (Stédile, 2020, p.20)

Foi somente com a denominada modernidade dos séculos XIX e XX, sobretudo a partir do desenvolvimento do capitalismo industrial, que muitos países implementaram programas de reforma agrária e na teoria, esses programas que emergiram ainda no século XIX, tinham como objetivo garantir o direito à terra e construir sociedades democráticas. Neste sentido, Stedile (2020) traça aspectos importantes sobre os tipos de reforma agrária em diferentes países, a depender das circunstâncias históricas e das condições geográficas e "edafoclimáticas" de cada país. "Assim, com base nas diversas experiência de reforma agrária ocorridas em todo mundo, podemos aglutiná-las e classificá-las em diferentes tipos, clássica; anticolonial; radical; popular; parcial ou moderada; de libertação nacional e socialista" (Stedile, 2020, p. 20). O leitor que tiver interesse em se aprofundar mais sobre todos os tipos de reforma agrária mencionados por João Pedro Stedile pode se aprofundar na leitura da obra desse autor ou buscar outra literatura especializada, pois o propósito dessa pesquisa é trabalhar esse tema a partir de A Semana.

Todavia, a reforma agrária defendida por José de Carvalho Déda, em seu jornal A Semana, foi denominada de reforma clássica. Segundo João Pedro Stedile (2020), esse tipo de reforma agrária foi o primeiro realizado pelo Estado burguês. Sua principal característica é o

fato de essas reformas terem sido feitas com legislação aplicada por governos da burguesia industrial. O objetivo primário desses governos consiste em aplicar o direito republicano e democrático, para garantir a todos os cidadãos o acesso à terra, como também, desenvolver o mercado interno para a indústria, com distribuição de terra e renda aos camponeses até então desprovidos de bens. Na edição publicada em outubro de 1953, fica clara a sua posição com relação à reforma.

> O problema da produção agrícola não devia sair dos cuidados daqueles que politicamente assumiram o encargo de defender os interesses do Estado e do povo (...). Um plano seguro visando fixar o pequeno lavrador sergipano ao seu adorado solo já foi debatido na Assembléia Legislativa do Estado pelo Deputado Carvalho Déda.[81]

Esse plano de reforma agrária do Deputado Estadual C. Déda, na prática, limitou-se às exigências ao governo do Estado, 1953, de armazenamento da produção do campo, conforme Projeto-Lei de 1953 que em seus artigos estabelece:

> Art.1º. fica instituído o Serviço Especial de Armazenagem de Cereais, subordinado a Secretaria da Fazenda, Produção e Obras Públicas.
> Art.2º. O Serviço Especial de Armazenagem de Cereais terá por fim a guarda e conservação de milho e feijão nas zonas do Estado capazes de oferecer maior rendimento destes produtos.
> Art.3º. Fica o Governador do Estado autorizado a mandar construir um Armazém em cada uma das seguintes cidades: Aquidabã, Campo do Brito, Canhoba, Frei Paulo, Itabaiana, Itabaianinha, Jaboatã, Nossa Senhora das dores, Nossa Senhora da Glória, Ribeirópolis, Simão Dias, bem assim assim em cada uma das seguintes vilas: Poço Verde, no município de Tobias Barreto e Itabi, no município Gararú (13). [82]

No total foram elaborados nesse Decreto-Lei cerca de quinze artigos, todos eles relacionados à questão de conservação e armazenamento dos produtos agrícolas. Em oposição à reforma agrária adotada por Déda, o mesmo combateu a reforma agrária socialista, realizada em diversos países no contexto de processos revolucionários, com governos que buscavam a superação do capitalismo e a construção do modo de produção socialista. Neste aspecto Stedile (2020), enfatiza que,

> (...) as reformas agrárias socialistas se baseiam no princípio de que a terra pertence a toda a nação. Portanto, não pode existir propriedade privada da terra, nem compra e venda de terra. E o Estado organiza as diversas formas de uso da propriedade social da terra. (Stedile, 2020, p.27).

[81] DÉDA, José de Carvalho Déda. Coluna dos Lavradores por João sem terra. A Semana, Simão Dias- SE, 10 de outubro de 1953, Ano VIII, N° 54, p.2.
[82] DÉDA, José de Carvalho. Coluna dos Lavradores por João sem terra. A Semana, Simão Dias- SE, 17 de outubro de 1953, Ano VIII, N° 55, p.3. Não foi possível localizar o número do projeto de lei da autoria de Carvalho Déda, somente os artigos.

A pauta sobre a reforma agrária teve um papel importante na agenda política latino-americana e isso gerou desconfiança e aversão entre os setores das velhas oligarquias rurais, que ocupavam lugares nos Estados nacionais entre as décadas de 1950 e 1970. No Brasil, os defensores dos projetos de cunho nacionalista-desenvolvimentista e o acirramento das lutas camponesas no campo, lançaram a questão agrária no centro da política. Na edição de nº 70, publicada em janeiro de 1954, intitulada Coluna dos Lavradores: A Cidade e os campos, semanário *A Semana*, diz: "Votem nos candidatos que conhecem os seus problemas e sofrimentos e mandem "às favas" os patuscos que querem apenas os seus votos para deixá-los escravizados pela sede e até pela fome". Ao tratar sobre essa "emergência da reforma agrária", Joana Salém Vasconcelos (2017, p. 188) ressalta que:

> A emergência da reforma agrária como "questão continental" foi impulsionado por diversos sujeitos políticos e movimentos sociais, no contexto da crise internacional do trabalho. Em decorrência das guerras e da crise de 1929, a reconfiguração dos fluxos internacionais de mercadoria tornou possível e necessária a industrialização por substituição de importações em alguns países capitalistas periféricos.

Após o triunfo da Revolução Cubana de 1959, várias mudanças se desencadearam na sociedade, em decorrência de uma alteração do sistema capitalista para o socialista, e isso provocou profundas mudanças no meio rural, com a distribuição de terra comunitária. Desse modo, a Revolução alterou e superou, de forma violenta, a questão agrária originada durante a etapa republicana e trouxe assim, como opção o socialismo para o desenvolvimento socioeconômico do país. Ao superar essa fase de uma agricultura arcaica e atrasada, as estratégias socialistas implementadas naquele tempo deram lugar à questão agrária. Segundo Juan Valdés Paz (2011), podemos constatar que, nos anos 1950, uma estrutura de posse de terra caracterizada pela concentração de terra mostrava que 57% da terra estava em mãos de 3% de proprietários, enquanto 78,5% (cerca de 126 mil ocupantes com menos de 5 hectares de terra) possuíam só 15%, e 40% deles em condição de arrendatários, subarrendatários, parceiros ou parecerias. Assim,

> A reforma agrária cubana, como em todos os regimes socialistas marxistas, teve duas fases: na primeira 59% da propriedade ficou nas mãos de particulares (repartindo um mínimo vital de terras aos pequenos agricultores). Uns 12% em cooperativas e uns 29% em arranjos do povo [...]. Na segunda fase da reforma, a agricultura estatal cresceu e as cooperativas, por se constituírem de terras de alguns poucos, foram levados a descer (San-Pastor, 1988, p. 33).

Com isso, a Revolução Cubana incidiu de maneira mais direta nos segmentos sociais mais pobres e de esquerda, sobretudo entre os comunistas. Neste sentido, André Lopes Ferreira

(2009) sintetiza que, no histórico das relações entre dirigentes cubanos e as esquerdas no Brasil destacou-se a atuação das Ligas Camponesas, a primeira organização que efetivamente manteve contato com as lideranças de Cuba. E o mais interesse, os discursos das Ligas foram debatidos no seio do movimento comunista brasileiro, antes e depois de 1964, sendo o principal deles a primazia do campo e dos trabalhadores rurais no processo revolucionário.

Diante dos limites da reforma agrária capitalista "clássica" nos países periféricos, os partidos de esquerda latino-americana e a intelectualidade marxista disputaram os seus conteúdos em diferentes perspectivas, como por exemplo, os setores inclinados para o etapismo stalinista viam a reforma agrária como parte de uma revolução burguesa modernizadora, que combatia os "resquícios feudais" da colonização. As esquerdas, no geral, criticavam e apontavam os limites da reforma agrária capitalista, "clássica", na vertente ideológica dita por Carvalho Déda. . E desse modo, ele escreveu em A Semana, na edição de n° 93, de 10 de julho de 1954, intitulada Coluna dos Lavrados/ A reforma Agrária e o caso Guatemalteco.

> O problema, parece, saiu dos terrenos das cogitações, dando o silêncio. Agora depois da revolução da Guatemala, maiores apreensões terão os anti-reformistas que tomaram aquele movimento armando como resultante da reforma agrária alí realizada pelo atual governo daquela República. De fato, os próprios legalistas guatemaltecos afirmam que a revolução é inspirada, fomentada e financiada pelas organizações latifundiárias norte-americanas, que asfixiava as populações humildes daquela República. (A SEMANA, n°93, 1954, p. 2).

Sobre essa questão citada acima, Joana Salém Vasconcelos (2017) disse que, forjaram um arsenal teórico e um aparato técnico que pautaram as disputas pela reforma agrária em diversos países, nos marcos do programa das reformas estruturais. Neste sentido, a reforma agrária era uma proposta classicamente capitalista, apresentada em um contexto periférico, que impunha fortes restrições. Tais restrições eram a força histórica das oligarquias rurais de alguns países, muito especialmente os exportadores de produtos agrícolas tropicais. Como foi o caso do Brasil, Argentina, Equador, Colômbia, Cuba e Guatemala, todos eles tiveram projetos capitalistas de reforma agrária bloqueados, por afetarem interesses oligárquicos e exigirem enfrentamento excessivo à agenda reformista. Com relação à reforma agrária, silenciada na Guatemala, Carvalho Déda afirmou que os grandes latifundiários calaram a população humilde daquele país. No entanto, nega que aqui no Brasil não haja influência ou interesses estrangeiros sobre as terras.

Em uma edição de n° 345, publicada em maio de 1959, intitulada Coluna dos Lavradores/ Um empréstimo Singular, diz que: "Todos a vista se voltam agora para o barbudo

cubano, cheve (sic) se uma revolução vitoriosa, feita com base, isto é, colimando a reforma agrária daquele país".[83] Ainda nessa manchete, Carvalho Déda salientou que os nordestinos desenganados querem ou pleiteiam por uns dias o comando de Fidel Castro, visando a nossa reforma agrária. No entanto, "Quero dizer aos meus amigos lavradores nordestinos que vamos, devagar com andor." [84] Através desse trecho, foi possível verificar que o mesmo tenta contornar a situação com relação a Revolução Cubana, embora não deixe de expressar a sua posição contrário à reforma agrária realizada em Cuba.

> Eu também sou admirador de Fidel Castro. Até sair dos meus hábitos de homem avesso às imitações, estou criando barbas à moda Sierra Maestra. Mas, a minha há admiração pelo Fidel Castro, não vai ao ponto de querê-lo por empréstimo, agora tão depressa. Acho cedo. Indo bem, o barbudo cubano não começou a executar a reforma agrária no seu país e já queremos que venha atuar no nosso! Não! [85]

Logo, Carvalho Déda defendia a reforma agrária dentro da ordem capitalista, uma reforma que fosse legitimada pelo Estado, pelos políticos e que não fosse radical como aconteceu em Cuba, muito menos comunista. E ainda, que a reforma teria que ser feita sobre a orientação religiosa da Igreja Católica. A Igreja Católica foi fundamental para os movimentos sociais naquele contexto. Diversos bispos, padres e lideranças religiosas leigas atuaram, não apenas na legitimação dos movimentos, mas participavam pessoalmente de ocupações de terras e eventos públicos. (Novaes, 1997, 2022). Sabe-se que a religião serve para justificar condutas, formas de agir e de existir (Bourdieu 2005; Coutrot 1996, Novaes 1997, 2002).

Na edição de n° 350 publicada em 20 de junho de 1959, intitulada Coluna dos Lavradores/ a Igreja defende os Camponeses, o editor de A Semana baseando-se em uma entrevista do Bispo Dom José Távora, em Aracaju, à Radio Jornal de Sergipe, reproduziu os seus comentários sobre a situação do meio rural brasileiro: a Igreja e os bispos representam Cristo na terra, e não podem ficar indiferentes, de "braços cruzados", assistindo esses desinteresses dos legisladores com relação aos homens do campo, sobretudo do Nordeste,

> (...) nem concordar com um regime, em que uns enriquecem demasiadamente, enquanto outros empobrecem horrivelmente sendo uns e outros filhos de Deus. Para que haja oportunidade de bem estar para todos, a Igreja assume,

[83] DÉDA, José de Carvalho. Um empréstimo Singular. A Semana, Simão Dias- SE, Ano XII, N° 345, 10 de julho de 1959, p.1.
[84] Idem p.1.
[85] Idemp.1

> nesta, conjuntura, importante papel em defesa dos homens que cultivam a terras. Está é a fé que nos tras de pé...[86]

Comungando com essa visão do Bispo Dom José Távora, relembramos que C. Déda defendia a reforma agrária, como causa humanitária, para sanar os problemas da seca, melhorar as condições de vida do trabalhador rural e principalmente, exigia a criação de leis que amparasse este povo através de uma reforma agrário no sentido "clássico", guiada pelos representantes políticos, Estado e a Igreja Católica.

Em síntese, foi possível observar que José de Carvalho Déda se apropriou do discurso da reforma agrária para se eleger e legitimar as candidaturas de seus compatriotas, como Leandro Maciel a governador do Estado de Sergipe, em 1954, Seixas Dória e Passos Porto para Deputado Federal e para Senador, Heribaldo Vieira, todos eles vinculados ao partido da UDN. Sobre a Reforma Agrária, C. Pinto disse: "O deputado Seixas Dória, na tribuna da Câmara fez ver que nenhum plano, nenhum esforço, resolveria o grande problema do Nordeste, sem uma Reforma Agrária, uma reforma de base".[87] O editor do semanário ainda afirmou que os três representantes políticos citados acima estavam, na verdade, cuidando e defendendo "nossas reivindicações de lavradores sem terras". Em 1954, ficou mais nítido o apoio político ao candidato a governador da UDN, Leandro Mariel.

> Assim, o seu amigo João Sem Terra, recomenda a todos os lavradores que votem para Governador do Estado em Leandro Maciel. Confiamos e aguardamos nas suas promessas. Vamos fazer a experiência neste político que não é um político aparecido nas enxurradas eleitorais, mas um político de tradição que precisa manter-se com dignidade perante ao povo. (A SEMANA, n° 104, 1954, p.2).

Desse modo, essa pesquisa buscou compreender a posição político-ideológica de José de Carvalho Déda através do jornal *A Semana*, que se inseriu numa luta pela reforma agrária de viés capitalista, ao mesmo tempo que demonstrava oposição a uma reforma agrária comunista, socialista. Logo, a questão agrária no Brasil, conforme Medeiros, convencionou-se em um conjunto de transformações ocorrido no campo brasileiro durante anos de 1950 e 1960. Sobre essa nova situação no meio rural, disse ainda:

> Ela emergiu no quadro de rápida industrialização do país e se configurou através de três dimensões fundamentais: - suposta incapacidade da agricultura de se adequar às exigências do processo de desenvolvimento econômico; -

[86] DÉDA, José de Carvalho. Coluna dos Lavradores/ a Igreja defende os Camponeses. A Semana, Simão Dias- SE, Ano XII, N° 350, 20 de junho de 1959, p.1.
[87] DÉDA, José de Carvalho. Coluna dos Lavradores/ soubemos escolher. A Semana, Simão Dias- SE, Ano XII, N° 347, 30 de maio de 1953, p.1.

> transformação das relações de produção de campo; - quebra do padrão tradicional de dominação. (MEDEIROS, 1982, p.18.).

Outrossim, esse período histórico caracterizou-se pela mobilização e luta camponesa, quando suas reivindicações começaram "a ganhar expressão política" (HARRES, 2002, p.32). De acordo com José de Souza Martins (1990, p.81), foi a partir do "Manifesto de Agosto" que o Partido Comunista do Brasil se definiu de forma mais radical em relação aos problemas do campo"

> (...) em que conta o despertar político dos camponeses brasileiros teve em ambos uma força propulsora e, provavelmente, um limite. Pouco depois surgiram as Ligas Camponesas como força inicialmente apoiada e estimulada pelos comunistas e posteriormente por eles combatida. E, finalmente, já nos anos 60, o trabalhismo de Goulart procurará no poder, [...], disputar também o controle sobre o movimento camponês. (MARTINS, 1990, p.81).

Não é nosso objetivo aqui, discutir a tutela sobre os movimentos sociais dos trabalhadores rurais, mas compreender a posição política e jornalística do emblemático José de Carvalho Déda. E para finalizar esse tópico, iniciado com a análise das manchetes Coluna dos Lavradores/ João Sem Terra, do jornal *A Semana*, entre os anos de 1953 e 1959, dominada por matérias relacionadas à questão agrária, selecionamos para exemplificar a edição de n° 371, de 14 de novembro de 1959. De modo que, A Coluna dos Lavradores/ João Sem Terra desse exemplar, recebeu o título: Por falta de um grito… Depois de tanto gritar atôa no imenso deserto de terras improdutivas destes pais essencialmente agrícola (...), desanimado e descrente das promessas de reforma agrária, enfiou a viola no saco e desocupei essa cola."[88] Essa matéria é muito significativa para demarcar o encerramento de A Coluna dos Lavradores, do ponto de vista da Reforma Agrária, por não mais defender a reforma agrária, e o tema, ainda, aparece muito vagamente em um ou outro jornal, com matérias de autoria de C. Déda. No entanto, ela acabou por permanecer no jornal, mas descaracterizada de sua função inicial, e assim, foi a descrença em qualquer projeto de Reforma Agrária que levou o jornalista a escrever em tom emocional, de sua total falta de confiança na efetivação desse projeto.

E por fim, foi possível observar como o discurso sobre a reforma agrária foi perdendo a força inicial que tinha ao longo de sua história, pois, as classes dominantes, no geral, não via mais proveito de sustentar esse discurso político sobre distribuição de terras, com exceções de alguns políticos que a praticava em seus estados, até porque também, neste mesmo ano de 1959,

[88] DÉDA, José de Carvalho. Coluna dos Lavradores/por falta de um grito. A Semana, Simão Dias-SE, Ano XIII, N°371, 14 de novembro de 1959, p. 1.

a Revolução Cubana foi ganhando forças no Brasil, como um exemplo a ser seguido de reforma agrária. Tudo isso gerou um enorme desconforto aos conservadores que pretendia manter a sociedade brasileira em suas tradições de patriotismo e nacionalismo ao modo deles. No tópico seguinte, buscamos entender como os discursos que contrariavam as classes conservadoras foram classificados e combatidos no jornal *A Semana*.

3.2. A Semana e as adversidades ao governo João Goulart: "comunismo não, reformas sim...!"

A análise desse semanário partiu da identificação das principais temáticas veiculadas através de uma concepção ideológica anticomunista, entre os anos de 1946 a 1969, orientadas segundo os valores e comportamentos de José de Carvalho Déda, homem da sua época. Por isso, consideramos importante refletir acerca do início da década de 1961 e de seus impasses que levaram ao golpe civil-militar de 1964, para compreendermos as transformações que permearam o campo sócio-político da sociedade brasileira, e em particular, da sergipana, simão-diense.

Alguns grupos econômicos e instituições brasileiras, como por exemplo IPES-IBAD, se sentiram ameaçados com o denominado "perigo comunista", que se afigurou com mais intensidade depois da revolução cubana de 1959, e até mesmo por sua visão de um regime socialista, em 1961 (MOTTA, 2002). Na edição de n° 349 de 13 de julho de 1959, intitulada: "JK Situação Grave! Solução: relações comerciais com a Rússia comunista- O exército concordou- A Igreja foi notificada – Comissão econômica para Rússia – A campanha eleitoral como uma das justificativas", dizia que, "Depois de confessar publicamente que a situação é de extrema gravidade, J.K. disse que a única solução será o reatamento das relações comerciais com a Rússia comunista, determinando a expedição de uma Comissão Económica àquele país"[89]. Neste sentido, Renato ressalta que esse reatamento das relações econômicas com a Rússia comunista tinha duas compreensões: para as esquerdas – nacionalistas, reformistas e revolucionárias -, sobretudo da América Latina, era uma alternativa para novos tempos;

[89] DÉDA, José de Carvalho. JK Situação Grave! Solução: relações comerciais com a Rússia comunista- O exército concordou- A Igreja foi notificada – Comissão econômica para Rússia – A campanha eleitoral como uma das justificativas. A Semana, Simão Dias- SE, Ano XIII, N°349, 13 de julho de 1959, p.1

enquanto para as direitas, representava uma ameaça potencial não só ao mundo "ocidental e cristão", como também, ao seu *status quo.*

Esses acontecimentos de manter uma certa aproximação com países comunistas e socialistas durante os governos democráticos despertaram esperanças e desejo de mudanças aos movimentos nacionalistas, que se despontaram na América Latina e no Brasil. Em outra edição de n° 354, de 18 de julho de 1959, tanto Carvalho Déda como seu irmão Francinio Silveira Déda se pronunciaram no jornal A Semana contra os ditos "nacionalistas russos", intitulado Nacionalistas, Nacionalismo e Entreguismo.

> Ser nacionalista é saber denter com amor e patriotismo, os interesses da nação. É saber mostrar determinada preferência pelo que é nosso, para que nosso continue sendo. (...) É sabermos considerar toda doutrina, cujo fundamento não é a tradição nacional. Esse nacionalismo que por si anda se infiltrando, nas massas incautas, esse nacionalismo que quer impingir às massas, não é nacionalismo sonhado pelos homens de bem[90].

Nacionalismo e Entreguismo na Coluna de Lavradores, por Carvalho Déda.

> E não compreendo porque certos nacionalistas brasileiros fazem oposição sistemática a determinada Nação tradicionalmente amiga e que vive sob o mesmo regime político que abraçamos e queremos viver, ao passo que incensam outras nações de comportamento suspeito em relação à Liberdade, que é o maior bem que Deus fez descer sobre a terra para o gozô do homem.[91].

De acordo com o que foi proposto por Renato (2016), os movimentos revolucionários do século XX constituíram-se em processos históricos que incentivaram as imaginações e as utopias, juntamente com a fermentação ideológica. Eles pareciam reforçar e estimular a ideia de revolução que ganhava sentidos e tonalidades fortes no início dos anos 1960. Entretanto, a ressonância e o impacto da Revolução Cubano, por exemplo, não só permeou o imaginário de quase todos os membros das esquerdas e grupos nacionalistas brasileiros, como tirou o sono dos Estados Unidos e dos grupos conservadores, como foi o caso de Carvalho Déda e seu irmão Fracinio Silveira Déda, de parte da Igreja Católica e da imprensa, entre outros, que foram totalmente contrários a tais ideias advindas das Revoluções socialistas. Chamou a nossa atenção, ainda, o fato de ser um semanário, que apresentava inúmeras dificuldades, principalmente a falta de recursos financeiros, com uma linha política em defesa da manutenção da ordem vigente, enquanto que na historiografia predominou muito mais estudos de "nanicos" de oposição política, assim, podemos inferir que talvez tenha sido a maior parte da época de

[90] DÉDA, José de Carvalho. Nacionalistas, Nacionalismo e Entreguismo. A Semana, Simão Dias-SE, Ano XIII, N° 354, 18 de julho de 1959, p.1.
[91] Idem p.1

existência de *A Semana* (1964-1969), anterior ao golpe de Estado, que ajudou a manter essa perspectiva mais conservadora e de base humanista.

Foi através desse contexto internacional que se abriram as portas para grandes lutas sociais e populares, inéditas na história da República brasileira. A candidatura de João Goulart já vinha criando um clima de oposição dentro do jornal. " (...), não passa de uma autocracia do "príncipe" Goulart, que com a conveniência dos demais mandões da República, desvia nossa democracia"[92]. Apesar da crescente propagação da ideologia anticomunista entre 1961 e 1964, os movimentos sociais conheceram um significativo aumento, e, consequentemente, houve uma ampliação da participação popular no processo político, detonando um conjunto de demandas sociais e políticas através de pressões e exigências,

Foi através desse contexto internacional que se abriram as portas para grandes lutas sociais, inéditas na história da república brasileira. A candidatura de João Goulart já vinha criando um clima de oposição dentro do jornal. " (...), não passa de uma autocracia do "príncipe" Goulart, que com a conveniência dos demais mandões da República, desvia nossa democracia". A SEMANA, n° 393, 1960, p.1). Entre 1961 e 1964, os movimentos sociais conheceram um significativo crescimento e, consequentemente, a ampliação da participação popular no processo político detonou um conjunto de demandas sociais e pressões,

> (...) reivindicatórias no meio urbano e no campo. Em contrapartida, os setores mais conservadores da sociedade, temendo o avanço dos movimentos populares, reagiram para conter as reformas projetadas pelo presidente João Goulart. (SILVA, 2016, p.100).

Lembrando que João Goulart assumiu a presidência após a renúncia de Jânio Quadros em um cenário de grande crise política. Neste sentido, os grupos de orientação política conservadora se opuseram às mudanças estruturais propostas pelos defensores do projeto nacional-reformista para o país. Em uma edição de n° 465, de 2 de setembro de 1961, intitulada; A renúncia de Jânio: forças terríveis esmagaram o presidente _ uma gigantesca luta se está travando na sombra do mistério _ O Brasil está vivendo uma hora tremenda, disse que, "Até a hora que escrevemos esta nota, não sabemos e nem podemos prever que nos esperam; de

[92] DÉDA, José de Carvalho. E a Democracia? A Semana, Simão Dias- SE, Ano XIII, N° 393, 16 de abril de 1960, p.1.

bonanças ou de misérias; de tranquilidade ou de voragem sopradas por “forças terríveis”; que se desenvolvem sobre as mais terríveis camuflagens”.[93]

Logo mostrar como a imprensa simãodiense se comportou, em peculiar o jornal A Semana na conjuntura que se segue aos anos que antecederam ao Golpe civil-militar de 1964 foi importantíssimo, para compreendermos a sua atuação como fio condutor de uma proposta ideológica anticomunista e conservadora que se propagou pelo interior sergipano durante a ditadura civil-militar brasileira. A historiadora Amanda de Oliveira (2020) discutiu em sua dissertação de mestrado pela UFS, uma charge, de autoria de C. Déda, onde o mesmo apresentava o Jânio Quadros (PTN/UDN) em tamanho maior, erguendo a vassoura e os demais personagens, traçados em tamanho menor, sendo eles, Adhemar de Barros (PSP) sentado ao chão, trazendo a concepção de arrasado com a derrota nas eleições presidenciais de 1960 e o Marechal Henrique Teixeira Lott (PSD), também derrotado, aparece assustado.

Figura 9

. Matéria do jornal A Semana. José de Carvalho Déda. A piada da Semana. A Semana, Ano XIV, Nº 421, p.2. 29 de outubro de 1960, p.2. Arquivo Memorial de Simão Dias, arquivos em CD- ROM.

[93] DÉDA, José de Carvalho. A renúncia de Jânio: forças terríveis esmagaram o presidente _ uma gigantesca luta se está travando na sombra do mistério _ O Brasil está vivendo uma hora tremenda. A Semana, Simão Dias-SE, Ano XV, N° 465, 2 de setembro de 1961, p.1.

Desse modo, *A Semana* caracterizou-se ao longo de sua trajetória por ser um jornal de opinião, combativo aos governos adversários do sistema instituído, defensores de medidas que não viessem a ameaçar a ordem do país ou seus interesses, repudiando propostas extremistas e advindas do mundo exterior, ou seja, ideias comunistas. Mesmo insatisfeito com a renúncia de seu correligionário e amigo Leandro Maciel (UDN) ao cargo de Vice-presidente, na chapa de Jânio Quadros, Carvalho Déda continuou apoiando a candidatura de Jânio nessas eleições de 3 de outubro de 1960, resultando na vitória desse político paulista à Presidência da República.

O cientista político (Dantas apud Santos, 2020, p.66) relata que não foi por questão de divergência entre os dois candidatos que fez com que L. Maciel não participasse das eleições, mas sim, a falta de apoio financeiro por parte de seu partido político para efetivar a sua campanha: "(...) o vice não incorporou os votos do titular e (...) Jânio foi se revelando favorito, a concorrência entre Leandro e Ferrari acentuou-se. A dificuldade aumenta quando a aliança Jan-Jan (...) passou a receber a simpatia dos eleitores da UDN" (DANTAS, 2017, p. 259). Fernando Ferrari (MTR) tornou-se depois, candidato a Vice-presidente na chapa de Adhemar de Barros (PSP), concorrendo com Jango, da chapa de Marechal Lott, e Milton Campos (UDN), candidato à Vice de Jânio Quadros, mas Goulart era um candidato populista e bom de voto, que acabou vencendo essas eleições através da chapa extraoficial "Jan-Jan". Lembramos que nesse período, a escolha ao cargo de Presidente e Vice-presidente se dava de forma individual e João Goulart (PTB), da coligação PSD-PTB, recebeu à vitória junto com o presidenciável Jânio Quadros (PTN-UDN).

Na edição de n° 395 de *A Semana*, publicada em 30 de abril de 1960, intitulada "A Renúncia de Leandro Maciel"[94], o jornalista disse: "O país, principalmente os meios políticos, foram profundamente abalados pela decisão inabalável e irrevogável do Sr. Leandro Maciel, renunciando à sua candidatura ao cargo de Vice Presidente da República, como companheiro do Sr. Jânio Quadros." Carvalho Déda ainda se posicionou a favor do amigo, ao falar que não foi um ato de covardia e sim a falta de apoio partidário. Essa dificuldade de obter ajuda do partido foi melhor especificada por Ibarê Dantas, como falta de recursos financeiros para investir na campanha.

[94] Sobre a renúncia de Leandro Maciel, Carvalho Déda expressou a sua imensa "tristeza", pois, a aliança do mesmo com Jânio Quadros seria peça fundamental no jogo político do momento, sendo, "boa parte dos nordestinos passou a vê-lo com simpatia na medida em que sua atuação poderia trazer benefícios ao seu povo" (DANTAS, 2017, p. 257-258). Até porque, Maciel comungava do mesmo interesse de Déda com relação ao povo do Nordeste.

Contudo, o problema maior não foi a renúncia de Leandro Maciel, mas a renúncia de Jânio Quadros, tempos depois, e quando o seu vice João Belchior Marques Goulart estava na chamada "China Comunista", após algumas negociações entre políticos e militares e a ação da Rede da Legalidade[95] criada por Leonel Brizola, Jango retornou ao país e 07 de setembro de 1961. Nesse sentido, Amanda de Oliveira (2020) destaca que::

> Mesmo atuante na UDN, Carvalho Déda soube desenvolver uma visão crítica nas charges sobre a campanha e governança de Jânio Quadros, as quais somente começam de modo contínuo no semanário a partir do momento que Leandro Maciel renunciou à candidatura como vice. Nota-se que muitos acontecimentos foram amenizados, motivo esse decorrente da sua posição partidária. Diferentemente do que aconteceu com João Goulart, em sua aparição nas charges na seção " A Piada da semana", Carvalho Déda desenvolveu uma linearidade de críticas sobre as diferentes reivindicações que o presidente desenvolvia. (SANTOS, 2020, p.75).

Entretanto, contrariando a classe dominante e conservadora do país, as reformas de base defendida por Jango não trariam benefício imediato para esse grupo. Assim, existia um afrontamento aos interesses desses grupos que não pretendiam fazer grandes mudanças, visando alterar a estrutura política tradicionalmente legitimada ao longo da história do Brasil. Além disso, Nelson Werneck Sodré (1966) analisa a história dos antecedentes ao golpe de 1964 e o papel desempenhado pela imprensa no processo que levaria à quebra da legalidade democrática, em nome do combate ao comunismo. Para Sodré (1996), paralelamente ao controle da mídia, desenvolveram-se atividades de entidades destinadas ao financiamento de candidatos "anticomunistas" em relações parlamentares. Uma dessa instituição era o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), que recebia recursos do exterior e a outra, era o Instituto de Pesquisa em Estudos Sociais (IPES). Percebe-se que, houve um alinhamento dessas instituições com o movimento golpista, reproduzindo a posição de amplos setores da sociedade brasileira, principalmente do empresariado e do latifúndio, assustados com uma possível reforma de base anunciada pelo governo de João Goulart. "O fantasma da tomada do poder pelo comunismo pairava no ar" (DANTAS, 2014).

No estudo Amanda de Oliveira (2020), Carvalho Déda estabeleceu uma leitura crítica em relação ao período do governo de Jango, apresentando para os simãodiense e cidadãos circunvizinhos, o impacto de seus acontecimentos no Nordeste. No entanto, as questões iam além de uma visão crítica de Déda ao governo de Jango, foi possível observar em uma outra

[95] "Estamos nos referindo ao processo social e político que garantiu a posse de João Goulart em 1961 como presidente da República, por ocasião da renúncia de Jânio Quadros. (...) A mobilização pela posse de João Goulart ficaria conhecida como *Campanha da Legalidade* e contava com vários atores sociais e políticos, que tiveram atuação em diversos terrenos". (JAKOBY, 2013, p.1-2).

manchete de n° 467, publicada em 16 de setembro de 1961, intitulada Regime que abraçamos, do seu irmão Fracinio Silveira Déda. Nela, ele fez uma comparação do renunciante, no caso Jânio Quadros, com o comunista Fidel Castro. Jânio não vacilou com relação às ideais do governante cubano ao também, fazer alianças com a União Soviética comunista. Esperamos que o governo denunciatório, e atual empossado, compreendendo as aspirações de nosso povo, enverede por uma política de melhor segurança para nossas instituições, para nosso regime democrático,

> (...) para nossas convicções Cristãs, deixando de lado os interesses de imperialismo econômico, em choque, quer da direita, quer da esquerda, tratando bem os que nos respeitarem o regime e as tradições Cristãs e nunca decorando aqueles que juraram perante os déspotas, o extermínio do REGIME QUE ABRAÇAMOS.[96]

Diversos jornais pelo Brasil a fora se apropriaram de um discurso de oposição ao governo de João Goulart. Em âmbito local, Carvalho Déda juntamente com seu irmão Fracinio, não mediram esforços para deixar bem claro nas manchetes do jornal que o regime democrático era o regime das tradições cristãs, ou seja, jamais se inclinariam a outro regime denominado por eles de "estrangeiro". Neste sentido, Ibarê Dantas (2014) afirma que a mídia se tornou um poderoso instrumento ideológico na preparação e, mais tarde, no respaldo ao regime militar. "Sua contribuição para a desestabilização do governo Goulart, que além de ser acusado de inepto era apontado como agente da infiltração comunista" (DANTAS, 2014, p.10).

A pauta do governo de João Goulart foi as tais reformas de bases, que ocuparam o centro da agenda política do país, sendo a reforma agrária a principal delas. O jornal A Semana desde 1959 defendeu a reforma agrária. No entanto, a reforma agrária teria que ser feita da seguinte maneira: na manchete de n° 468, publicada em 23 de setembro de 1961, intitulada, "Reforma Agrária", por Fracinio Silveira Déda. "A imprensa sensata, sempre a mostrar as vantagens da reforma já adotada em outros países civilizados e Cristãos".[97] . Já Renato Silva (2016, p.104) disse que, "João Goulart, embora tenha iniciado seu governo com poderes limitados, buscou compor alianças entre o PSD e o PTB para colocar em práticas reformas de base, sobretudo a reforma agrária, via Congresso Nacional".

[96] DÉDA, José de Carvalho. Regime que abraçamos. A Semana, Simão Dias-SE, Ano XV, N° 467, 16 de setembro de 1961, p.1

[97] DÉDA, José de Carvalho. Reforma Agrária. A Semana, Simão Dias-SE, Ano XV, N° 468, 23 de setembro de 1961, p.1).

A UDN, principal partido de oposição ao governo João Goulart, defendia a reforma agrária dentro do sistema capitalista, e ainda, o partido temia a possibilidade de fortalecer os poderes do então presidente Jango e com isso, ampliar às bases das esquerdas, "...representada pela aliança parlamentar PTB-PSD com o apoio da CGT, do movimento estudantil e de setores progressistas da Igreja" (SILVA, 2014, p.104). A oposição de C. Déda ao governo de Jango ficou muito clara e objetiva na edição de n° 530, publicada no dia 01 de dezembro de 1962. Amanda de Oliveira (2020) utilizou a charge no seu trabalho, onde "Déda coloca o presidente João Goulart com uma ferramenta nas mãos - uma picareta - escavando as terras do Brasil, especialmente na região do Nordeste, com a crítica sútil: "... de cima prá baixo...". (SANTOS, 2020, p.79).

.

Figura 10

. Matéria do jornal A Semana. José de Carvalho Déda. A piada da Semana. Jango e a Reforma de base A SEMANA, nº 530, 1962, p.02. Arquivo Memorial de Simão Dias, arquivos em CD-ROM.

Essa charge faz alusão a tentativa de João Goulart de concretizar a reforma de base, “Jango: - Reforma de base, de cima prá baixo”. Jango encontrou muitas dificuldades para realizar e efetivar o plano econômico do seu governo: “Com efeito, a emenda constitucional gerou implicações mais complexas, que, em última instância, acabaram inviabilizando a reforma agrária proposta pelo governo” (SILVA, 2014, p.104). Nesse sentido, o que provocou reações contrárias aos partidos conservadores, “tornando-se foco das negociações foi a indenização das terras desapropriadas com títulos da dívida pública sujeitos a uma correção monetária”. (SILVA, 2014, p.104).

Simão Alves Tannous (2011, p. 24), em sua dissertação de mestrado UFBA , tratou de compreender o jornalismo baiano e o governo de João Goulart nos anos de 1963-1964, a deterioração do quadro político e econômico ao longo do ano de 1963 colocou Goulart em situação muito difícil. As greves e acirramentos das ações empreendidas pela esquerda, o levante dos Sargentos entre outros fatores, levou a opinião conservadora a enxergar sobre a possibilidade de uma conspiração revolucionária dos comunistas”.

Enfim, foi possível verificar o apoio da imprensa simãodiense, ou seja, o jornal *A Semana* para o Golpe de Estado que culminou em 1964. A rejeição de Carvalho Déda ao Governo de João Goulart foi nítida, alinhando-se com o movimento golpista que se legitimava através de diversos setores da sociedade, que resultou na luta pela ordem do país baseado na tradição brasileira e manutenção do status quo, justificada pela infiltração comunista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar uma análise dos discursos anticomunistas existentes em um jornal conservador durante o período da Guerra Fria – A Semana, que circulou no interior do Estado de Sergipe (Simão Dias). Esse veículo de informação circulou nos anos de 1946 até 1969, conhecido como período de redemocratização, bem como avançou até os anos iniciais da Ditadura civil-militar. De modo que, foi desenvolvido uma análise da trajetória política e jornalista do seu fundador, diretor e editor, José de Carvalho Déda, através desse semanário. Para isso, foram construídos eixos temáticos que se mostraram recorrentes no discurso do jornal A Semana, a partir da seleção das principais palavras-chave das manchetes das matérias, destacando-se: a Imprensa conservadora e anticomunista. A Semana era assim! Assim; Estrutura jornalística: procedimento de análise de discurso; Formação social de José de Carvalho Déda; O sagrado no discurso político: a campanha eleitoral de 1947; "O perigo é vermelho": a construção do discurso das diferenças entre "bons cristãos" e "maus cristãos"; Zeca Déda: reforma agrária e anticomunismo; A Semana a as adversidades ao governo João Goulart: "comunismo não, reformas sim! ". Assim, esse órgão de imprensa foi utilizado como fonte principal para acompanhar a vida pessoal, política e jornalística C. Déda, como também o jornal Correio de Aracaju, onde ele atuou como diretor por alguns anos. Foi crucial para o desenvolvimento do presente trabalho a utilização de conceitos importantes, tais como: anticomunismo, ideologia, intelectuais, poder e conservadorismo.

Notou-se que durante o período que corresponde ao regime ditatorial iniciada em 1 de abril de 1964, os intelectuais responsáveis pela produção do jornal A Semana mantiveram seus ideais conservadores e anticomunistas. E ainda, seus valores e visão de mundo foram alicerçados pela religião do catolicismo, aspecto bastante evidenciado nas fontes históricas. Tal posição estava legitimada pelas alianças político-religiosa firmadas durante todo o processo de existência do periódico.

De modo que, compreender o trabalho a partir da divisão por temas foi importantíssimo, para que pudéssemos analisar as matérias de cunho político-ideológico do jornal. Em resumo, o primeiro capítulo tratou do ideário anticomunista através dos discursos jornalísticos de Carvalho Déda no jornal *A Semana*, contribuindo de maneira relevante para ele e o seu partido obterem resultados positivos nas eleições municipais e estaduais de 1947. Comprovou-se, na

análise das matérias jornalísticas, a principal hipótese da pesquisa, que buscou identificar o posicionamento anticomunista e conservador desse periódico. Com isso, essa prática político-ideológica espalhou-se pela sociedade simão-diense, propagando a ideia de "boa imprensa" atrelada a moral cristã. Compreende-se, dessa forma, como o cristianismo foi utilizado como uma justificativa para se posicionar contra o comunismo e apoiar os regimes políticos do momento, sempre vinculados aos dogmas da Igreja Católica.

Nessa imprensa simão-diense houve a sacralização do discurso jornalístico, que se expressou na articulação entre o político e o religioso. Foi através dessa articulação que Carvalho Déda condenou governos que se inclinassem para o dito "perigo vermelho", como por exemplo, o governo de João Goulart que foi acusado de apoiar os comunistas e montar uma República sindicalista. Por isso, o jornal defendeu a opção de combater os "ateus" e "maus cristãos", zelando pela nação em defesa da democracia liberal e representativa, mas que resultou em um golpe civil-militar em 1964.

O segundo capítulo buscou entender o discurso ideológico do semanário *A Semana* e a sua politização, que se deu através da apropriação de diversas tonalidades do discurso religioso, compreendendo assim, a trajetória mais política de Carvalho Déda nos processos eleitorais municipais e estaduais, tendo alcançado a vitória para o cargo de deputado estadual por três 'vezes. De modo que, houve uma sacralização do discurso político, que visava propagar a ideologia do anticomunismo na sociedade local e assim, a esfera do político dialogou com o universo religioso a partir de sua trajetória de vida ou pertencimento a um determinado grupo social. Neste sentido, a intelectualidade desse agente histórico é incontestável, pois, o mesmo utilizou-se dos meios de comunicação para exercer o poder em prol de seus interesses e de seu grupo político. De 1946 a 1953 militou-se em um dos partidos mais conservadores do Brasil o PSD, formado por ex-interventores e elites econômicas poderosas. Os candidatos a prefeitos e a outros cargos públicos eram indicados por alguns dos seus membros, sendo que boa parte, ainda, exercia o clientelismo, melhor dizendo, a coligação PSD – PTB foi criada com o objetivo de agregar todos os aliados de Getúlio Vargas.

A saída de C. Déda do PSD para a UDN em 1953 gerou vários ataques por parte de alguns jornalistas do Diário de Sergipe, que era o porta voz do Partido Social Democrático no estado, e assim, ele foi classificado como traidor e homem sem gratidão e reconhecimento. Foi na União Democrática Nacional que Carvalho Déda disputou o seu terceiro mandato, apoiando Leandro Maciel para governador de Sergipe, mas antes disso ainda na década de 1950 ajudou

a eleger Arnaldo Rollemberg Garcez, pela legenda do PSD a governador de Sergipe. Ficou muito claro que *A Semana* exerceu um importante poder de influência em Simão Dias e nas cidades circunvizinhas, embora os ataques vindos de seus opositores existissem e quase sempre, eram rebatidos na Rádio Liberdade pelo próprio C. Déda em conjunto com Seixas Dória, governador cassado em 1964.

Ao refletir sobre o pensamento conservador identificado no discurso do jornal, notamos o uso de dois campos simbólicos: "bons" e "maus-cristãos". Os "comunistas ateus" eram o principal inimigo, daí porque C. Déda defendeu, publicamente, a cassação do PCB pelo Supremo Tribunal Eleitoral, em 1947, demonstrando uma certa ambiguidade no seu discurso a favor da democracia. Diante desse cenário, foi preciso pensar o que esteve por traz dessa situação e como ela foi manifestada no jornal aqui trabalhado, afinal José de Carvalho Déda e seu irmão Francínio Silveira Déda apresentavam tendências conservadoras e anticomunistas, logo os mesmos também classificavam os seus opositores como sendo comunistas, "mau cristão" e de praticar o ateísmo. Considera-se os jornalistas como intelectuais que estão no comando de um jornal conservador de vertente católica. Por isso, a importância de problematizar e contextualizar esses discursos existentes no jornal, trazendo suas ambiguidades.

O terceiro capítulo abordou o anticomunismo, alicerçado pela classe dominante e como instrumento de propagação política, trazendo algumas das disparidades existentes nesse jornal, principalmente quando se trata da reforma agrária, tema polêmico, que pode ser compreendido a partir de vários pontos de vista. Nesse caso, C. Déda utilizou-se dessa imprensa para defender uma reforma no campo dentro do sistema capitalista e ainda, fez um contraponto às influências negativas advindas da Revolução cubana de base comunista. Trazer à tona esses discursos possibilitou identificar a posição dos produtores de *A Semana*, principalmente no que tange à questão político-ideológico, que se manteve de viés conservador e anticomunista ao longo de toda a existência do jornal. Todavia, o que acontece é tão somente o afastamento de C. Déda durante o período ditatorial por questão de saúde, o seu filho Carlos Alberto Déda assume o semanário, trazendo uma visão mais progressista. Outras questões importantes, identificada no discursos desse jornal, foram os impasses gerados durante a candidatura de Jânio Quadros e a sua renúncia, tendo sido esse sucedido na Presidência da República pelo seu Vice, João Goulart (Jango). Esse fato não agradou aos editores de *A Semana*, que manteve o seu discurso ideológico contrário a qualquer mudança que atingisse o status quo da sociedade brasileira, como por exemplo, a proposta de reforma de base defendida por Jango, e ele caminhou assim

por décadas se juntando a muitos veículos de imprensa que buscavam legitimar o golpe civil-militar de 1964, com a justificativa de infiltração comunista. Em síntese, em A Semana não foi diferente, até podemos dizer do seu poder local como servidora de instrumento político-ideológico que culminou com o golpe de Estado.

Pensando sobre a continuidade dessa pesquisa acadêmica, pensamos em ampliar o corpus documental, selecionando uma série de jornais das cidades circunvizinhas. O jornal A Luta (1932/1935.), de Simão Dias, na qual Carvalho Déda começou a galgar em sua carreira jornalística, foi criado para combater o comunismo em favor do integralismo de Plínio Salgado.

Enfim, o comunismo e o anticomunismo desempenharam, como ideologias dicotômicas, um papel fundamental no cenário nacional e internacional de todo século XX, sendo usadas até os dias atuais para defender um projeto da extrema direita no poder, que mesmo em situação em que não há nenhuma ameaça comunista, esses políticos e parte da sociedade se aproveitaram para classificar os seus opositores como sendo comunistas e ateus.

Desse modo, é interessante ressaltar que a ameaça comunista foi apropriada como argumento político, para justificar governos ou mecanismos antidemocráticos, como ocorreu durante o afastamento do poder de João Goulart e também em disputas partidárias, como durante os processos eleitorais diretos, gerando uma "cultura do medo". Neste aspecto a propaganda foi uma importante ferramenta para classificar e demonizar a atuação dos comunistas o que reforçou aquilo que Rodrigo Patto Sá Motta (1917-1964) disse sobre o "imaginário anticomunista", que acompanha a história até os dias de hoje, logicamente com menos intensidade, mas mesmo assim existente.

REFERÊNCIAS

A- FONTES

JORNALÍSTICAS:

Jornal A Semana, Simão Dias- SE, 1946-1969

Jornal Correios de Aracaju, 1955-1959

Jornal Diário de Sergipe, 1945-1960

ESCRITOS LITERÁRIOS E MEMORIALÍSTICOS:

DÉDA, José de Carvalho. Bréfaias e burundangas do folclore sergipano. 3º ed. Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. Carvalho Déda: vida e obra. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. Formigas de asas. Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. Simão Dias: fragmento de sua história. 2º ed. Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

Cartas e Telegramas, encontrada na obra: José de Carvalho Déda: vida e obra, 2008.

AUDIOVISUAIS:

ALVES, João Oliva. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra. DVD-Rom, 2008.

CAMPOS, Edvaldo. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra. DVD-Rom, 2008.

DÉDA, Artur Oscar de Oliveira. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra. DVD-Rom, 2008.

DÉDA, Marcelo. O mundo de Carvalho Déda. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra. DVD-Rom, 2008.

MACHADO, Manoel Cabral. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra. DVD-Rom, 2008

DIGITAIS:

DÉDA, Carlos Alberto de Oliveira. Um depoimento sobre o jornal "A SEMANA". Aracaju, 2011**.**

TESTEMUNHO ORAL:

Conversa informal virtual com Carlos Alberto Déda no dia 7 de agosto de 2020.

B- BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Paulo Roberto. Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil. Dissertação. (Mestrado em História). São Paulo, 1992.

ARAÚJO, Sílvia M. P. de. Quando ler jornais é mais que informação – exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais. Curitiba: PET/Curso de Ciências Sociais/UFPR, 1997.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961). 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BERGOLD, Raul Cezar. A Reforma agrária capitalista brasileira. Revista paradigmas, Ribeirão Preto- SP, a. XVII, n°21, p.76-96, jan/dez 2012.

BOBBIO, Noberto. Dicionário da Política. Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmem C, Varriali et al; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luiz Guerreiro Cacais. -Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1la ed.,1998.

BOITO JUNIOR, Armando. O Sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise crítica da estrutura sindical. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: HUCITEC, 1991.

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola;

BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola;

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. Organização de Sérgio Miceli. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/ Difel, 1998.

BRAGA, Sérgio Soares. Quem foi quem na Assembleia Nacional Constituinte de 1946. Um perfil socioeconômico e regional da Constituinte de 1946. Brasília: Câmara dos Deputados, 1998.

Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

CARVALHO, Edir Aparecido de. PSD, UDN e PTB, os três grandes partidos da terceira República. CSonline Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano I, edição 01, Ferv, 2007.

Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediupf, 1998.

COSTA, Célia Cardoso. 1964 em Sergipe: política e repressão. Democracia e autoritarismo: Estratégias e táticas políticas - Vinhedo, Editora Horizonte. Maria de Lourdes Mônaco Janotti, José Miguel Arias Neto (org), 2015.

COSTA, Rafael Navarro. Eleições vencem em campanhas? Uma análise da organização político-partidária do Rio de janeiro através das disputas eleitorais, da propaganda política e da trajetória do PSD-RJ (1945-1958). Tese apresentado no programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo- RJ, 2019. 264f.

COUTINHO, João Pereira. As ideias conservadoras: explicadas a revolucionários e reacionários. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

DANTAS, Audálio. A mídia e o golpe militar. Comunicação e projetos culturais, São Paulo/SP, Brasil, 2014.

DANTAS, Ibarê. A tutela militar em Sergipe, 1964/1984: partidos e eleições num estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, José Ibarê Costa. Leandro Maynard Maciel na política do século XX. Aracaju: Criação. 2017.

DANTAS, José Ibarê Costa. O tenentismo em Sergipe (Da revolta de 1924 à Revolução de 1930). Petrópolis: Vozes, 1974.

DANTAS, José Ibarê. História de Sergipe: República (1889-200). – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, M. J. Freitas, A. G. B. Impressos católicos em Sergipe e suas contribuições para História da Educação. Revista do Instituto Histórico de Sergipe, v. 1. p. 108, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). O Brasil Republicano: o tempo do nacionalestatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. 2, 2010, p. 15-37.

FAUSTO, Boris. História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano, v3: sociedade e política (1930-1964). 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FERREIRA, André Lopes. Reforma agrária e revolução: Cuba e as ligas camponesas do Brasil nos anos 60. Revista Brasileira do Caribe, Brasília, Vol. X, n° 19, jul-dez, 2009, p.163-189.

FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. O regime de 1964: discurso e ideologia. São Paulo: Atual, 1988.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história; tradução: Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais, Caderno 12, 2 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HOBSBAWM, Eric J. Nações e Nacionalismo Desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: O breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli- São Paulo: Companhia das letras, 1995.

JAKOBY, Marcos André. A campanha da Legalidade de 1961 e o papel da resistência democrática. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH, 2013, 15f.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5ªed. Campinas/ SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LENHARO, Alcir. A Sacralização do discurso político. Campinas, Papirus, 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. Indicações políticas: da Revolução à Constituição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. 249p. Enc.

LUCA, Tânia Regina & Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). Fontes Históricas. 2 ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARANHÃO, Ricardo. Sindicatos e democratização. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. 4 ª edição, Petrópolis- RJ. Vozes, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. Manifesto do Partido Comunista. 2ª ed. São Paulo: Editora Escala 2009.

MEDEIROS, Juliano. Das profundezas da História: Um Comunista Negro Na Assembleia Nacional Constituinte. Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento de História. Monografia de graduação, Brasília, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A "indústria" do Anticomunismo. Anos 90, Porto Alegre, n.15, 2001/2002.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. [S.l.], *Locus: Revista de História*, v. 13, n.2, 2007.

NETTO, Evaristo Giovannetti. O PCB na Assembleia Constituinte de 1946. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1986.

OLIVEIRA, Amanda Marques. Entre traços e contextos: As charges de Carvalho Déda no jornal A Semana (1959-1968). Dissertação apresentada na Universidade Federal de Sergipe, (PROHIS), 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Livros, 2015.

PACHECO, Eliezer. O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

PAZ, Juan Valdés. A Revolução agrária cubana: conquistas e desafios. Dossiê Cuba. Agosto, 2011.

PEREIRA, Gustavo Zuquetto. Movimento Operário Católico: a inversão de escala e escala como possibilidade de análise. XXVI Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e diálogo social. Natal- RN 22 à 26 de julho 2013.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. 2015. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

REIS, Carla Darlem Silva. Ditadura, Política e Censura: Gazeta de Sergipe e Rádio Liberdade (1964-1969. Dissertação de mestrado apresentado no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão- SE, 2015.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta**. São Paulo, Olho D'água e Brasiliense, 1994, p. 19.

RODEGHERO, Carla Simone. Memórias e Avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese de Doutorado em História.

RODHEGERO, Carla Simone. O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964. Passo Fundo-RS, Editora Universidade de Passo Fundo, 1998,

SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. A Imprensa em Sergipe: notas sobre o Jornal "A Cruzada". In: ENCONTRO NACIONAL DE IMPRENSA, 7, 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-

SANTOS, Amanda Marques dos. Igreja, poder e imprensa: O ideário anticomunista no semanário sergipano A Cruzada (1937-1970). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFS, São Cristóvão, Brasil, 2019.

SANTOS, Ana Maria. Desenvolvimento, trabalho e reforma agrária no Brasil, 1950-1964. In Sociedade Brasileira, anais XVII, Reunião, São Paulo, 1989.

SANTOS, Jovelina Silva. Círculos Operários no Ceará: "Instruindo, educando, orientando e moralizando". Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon. Bases do autoritarismo brasileiro. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: do Jornalismo Literário à Era da Internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org.) Imprensa e Poder. Brasília: Editora Universidade e Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SILVA, Carla Luciana e outros. Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Esmilson Bezerra da, LIMA, Maria de. A Igreja Católica e a campanha anticomunista em 1945 no Rio Grande do Norte. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, RN: ANPUH, 22 de 26 de 2013.

SILVA, Renato Pereira. Imprensa e política: o governo Goulart nas páginas do Correio da Manhã (1961-1964). 50 anos do golpe: debates discentes: Lucia Grinberg. Maria Paula Nascimento Araújo e Samantha (orgs). - Niterói-RJ: PPG História-UFF, 2016, 193 p.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In SIRINELLI, J-F; RIOUX, J-P (Orgs.) Para uma história cultural. Lisboa: Estampa; 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA Valeria Carmelita Santana. A Cruzada Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão, Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2005.

SOUZA, Marcelo Domingos de. Simão Dias: a transição da oligarquia ao populismo (1940). Trabalho de conclusão curso (Monografia). UFS (Polo de Lagarto), 2002.

SOUZA, Vânia Batista de. Carvalho Déda e o jornal "A Semana": visibilidade da educação (1946-1969). Dissertação Mestrado em educação. São Cristóvão: UFS, 2016

STEDILE, João Pedro (org.). A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

TANNOS, Simão Alves. "Relendo Notícias" o jornalismo baiano e o governo de João Goulart (1963-1964). Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador- BA, 2011.

TOLEDO, Caio Navarro. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs). O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004.

VACCARI, Ana Beatris Lia. Os casos de Araquara e São Carlos- SP (2001-2008): um modo petista de governar a educação? Tese doutorado em educação. Campinas: Unicamp, 2011.

VASCONCELOS. Joana Salim. Reforma agrária e socialismo na América Latina: Cuba e Chile. XXIX Simpósio de História Nacional, pgs. 22, 2007.

WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2004.

ZAVERUCHA, Jorge. Relações civil-militares: o legado autoritário da Constituição Brasileira de 1998. O que resta da ditadura: a exceção brasileira/ Edson Teles Vladimir Safatle (Orgs). - São Paulo: Boitempo, 2010. .65x